



Coluda e honra no
arranhar

ANAMARIA TELES

**SEREIAS E ANEQUINS: UMA ETNOGRAFIA VISUAL COM UM GRUPO DE
PESCADORES ARTESANAIS DA BARRA DA LAGOA, FLORIANÓPOLIS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carmen Sílvia Moraes Rial.

FLORIANÓPOLIS

2002

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

“SEREIAS E ANEQUINS: UMA ETNOGRAFIA VISUAL COM UM GRUPO DE
PESCADORES ARTESANAIS DA BARRA DA LAGOA, FLORIANÓPOLIS”

ANAMARIA TELES

Orientadora: Dra. Carmen Silvia de Moraes Rial

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Antropologia
Social da Universidade Federal de
Santa Catarina, como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em
Antropologia Social, aprovada pela
Banca composta pelas seguintes
Professoras Doutoras:



Dra. Carmen Silvia de Moraes Rial (UFSC - Orientadora)



Dr. Milton Guran (Univ. Cândido Mendes - RJ)



Dr. Alberto Groisman (UFSC)

Florianópolis, 29 de abril de 2002.

AGRADECIMENTOS

À professora Carmen Rial, pela orientação generosa e precisa e pelo olhar atento às imagens desta pesquisa ;

Ao professor e amigo Henrique Finco, pelas dicas e pelo apoio;

À professora Madu Gaspar do Museu Nacional, com quem tive a oportunidade de realizar trabalho de campo;

Às professoras Ana Carvalho da Rocha e Mara Lago, pelas contribuições dadas na qualificação do projeto de pesquisa;

Aos professores examinadores da dissertação, Milton Guran e Alberto Groisman, pelas contribuições e pela atenção com que leram este trabalho;

Aos professores, funcionários e colegas do PPGAS;

A CAPES, que apoiou esta pesquisa através de bolsa de estudo;

Aos meus pais, Ana e Arnaldo Teles, pelo apoio indispensável;

À amiga Carli Couto, que acompanhou toda a minha trajetória acadêmica;

Aos pescadores da Barra da Lagoa e suas famílias, em especial Andrino e Rose, Célio, Soldado e Valdori, pelo carinho, respeito e pela atenção que tiveram comigo.

RESUMO

A partir de uma pesquisa com um grupo de pescadores artesanais da Barra da Lagoa, Florianópolis, discuto as possibilidades de uso da imagem fotográfica em uma pesquisa antropológica. Neste estudo a fotografia tem espaço privilegiado, tanto nas reflexões metodológicas e teóricas quanto na apresentação dos resultados obtidos – o texto final, da qual ela é parte. No primeiro capítulo apresento a etnografia visual realizada em um *bote* de pesca, juntamente com trechos do diário de campo, que servem para contextualizar as fotografias. No segundo capítulo defendo a proposta de uma etnografia visual e introduzo o leitor no universo da Barra da Lagoa, comunidade pesqueira de Florianópolis. No terceiro capítulo proponho pensar a fotografia como um método, um instrumento de mediação com o grupo pesquisado, em especial através do *feedback*, a devolução das fotografias aos sujeitos retratados. No quarto capítulo discuto a especificidade da linguagem fotográfica, refutando a recorrente analogia da fotografia como um espelho da realidade. Por fim, apresento conceitos da Antropologia da Pesca que contribuíram para compreender a lógica da pesca artesanal.

Palavras-chave: Antropologia Visual; Fotografia; Antropologia da Pesca.

ABSTRACT

Based on research, which was done with a group of handcraft fishermen in Barra da Lagoa, Florianópolis, I will discuss the possibilities of using photographic image as part of an anthropological research. In this study the photography has a privileged space, not only in the methodological and theoretical reflections but also in the presentation of the obtained results – the final text, of which it is part. In the first chapter I present the visual ethnography done in a fishing boat, along with passages taken from of a countryside diary, which serves to add context to the pictures. In the second chapter I defend the proposal of a visual ethnography and introduce the world of Barra da Lagoa to the reader, which is a fishing community in Florianópolis. In the third chapter I propose the idea of considering photography as a method or as an instrument of mediation with the researched group, especially through the feedback received after returning the pictures to the people who were photographed. In the fourth chapter I talk about the specific purpose of the photographic language, refuting the recurring believe that photography is a mirror of reality. To close, I present concepts about Fishing Anthropology, which have contributed to the understanding of the logic of handcraft fishing.

Key-words: Visual Anthropology; Photography; Fishing Anthropology.



SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----|
| 1 | A BORDO DO <i>CONQUISTADOR III</i> | 1 |
| 1.1 | A NEGOCIAÇÃO | 1 |
| 1.2 | A SAÍDA: VISÃO TREINADA E JOCOSIDADE | 15 |
| 1.3 | O <i>FEEDBACK</i> DAS FOTOS | 20 |
| 1.4 | O RONCO DA CORVINA | 25 |
| 1.5 | CAMBEVAS E ANEQUINS | 44 |
| 1.6 | O BELO VEM DO MAR | 49 |
| 1.7 | A VENDA DO <i>TARADA</i> | 51 |
| 1.8 | SAFANDO A TAINHA | 53 |
| 1.9 | GRANDE LANCE | 60 |
| 1.10 | PERIGO E INCERTEZA | 61 |
| 2 | INTRODUÇÃO | 64 |
| 2.1 | A PROPOSTA DE UMA ETNOGRAFIA VISUAL | 64 |
| 2.2 | A BARRA DA LAGOA HOJE | 67 |
| 3 | A FOTOGRAFIA COMO MÉTODO | 73 |
| 3.1 | COMO FOI FEITA A PESQUISA | 73 |
| 3.2 | A QUESTÃO DO GÊNERO NA PESQUISA DE CAMPO | 81 |
| 3.3 | A FOTOGRAFIA COMO MEDIADORA DE RELAÇÕES | 82 |
| 3.4 | O <i>FEEDBACK</i> DAS IMAGENS | 90 |
| 3.5 | O DIÁRIO DE BORDO NA DISSERTAÇÃO | 92 |
| 4 | A ESPECIFICIDADE DA FOTOGRAFIA | 93 |
| 4.1 | O SABER COMPARTILHADO E A QUESTÃO DA TÉCNICA | 93 |
| 4.2 | TESTANDO ANALOGIAS | 99 |
| 5 | RISCO E INCERTEZA NA PESCA ARTESANAL | 110 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 122 |
| | REFERÊNCIAS | 124 |
| | ANEXO | 129 |

1 A BORDO DO CONQUISTADOR III

1.1 A NEGOCIAÇÃO

Quarta-feira, 21 de março de 2001.

[...]

Caminhando ontem pela estrada principal da Fortaleza vi Andrino [proprietário do Conquistador III] em frente a sua casa conversando com outros pescadores. Fui chegando e puxei conversa. Perguntei se ele não ia sair na lula naquela noite. Ele falou que a lula já estava quase acabando, mas que neste verão, comparando com os dois anteriores, até que tinha sido bom. A lula dá perto da praia – até uns vinte metros, ele precisou – e antes do carnaval capturaram bastante lula no Gravatá, canto direito da praia Mole. (Eu cheguei a ver a quantidade de barcos reunidos aí.) Mas o barco dele quebrou o motor, e ele teve de ficar uns vinte dias parado. Segundo ele, o que o “salvou” foi o camarão, que ele nunca viu dar tanto como neste verão. Depois da chuvarada a lagoa encheu, e com a água doce que descia dos morros se criou um ambiente propício para os bichos se juntarem e saírem para o mar [...]. Ele disse que pegava fácil 8 kg de camarão com a tarrafa, tendo chegado a pegar 30 kg em uma noite. Ele ainda tem camarão congelado no freezer. (Na cozinha dele há um freezer vertical, ao lado da geladeira, e um horizontal). Andrino vendeu camarão para os restaurantes e também vendeu “na porta”, ou seja, as pessoas iam na casa dele comprar. [...]

A conversa continuou dentro da casa dele, devido aos mosquitos. A esposa estava sentada costurando, e a porta estava aberta, de modo que ela (Rose) já estava presenciando nossa conversa. É uma sala/cozinha. [...] Em uma prateleira na parede, embaixo de outra prateleira onde fica um forno elétrico, há um aparelho de rádio PX que Andrino utiliza para se comunicar com a esposa quando está no mar, ou para se comunicar com os outros botes, quando está em terra.

Aproveitei o ensejo e mostrei meu projeto de pesquisa com as fotos da primeira saída (no Natal), do canal e dos barcos. Rose olhou também [...]. Havia

uma foto do Conquistador, feita na ocasião em que conheci Andrino. Tive a impressão de que esta foto não foi valorizada por Andrino e suponho que seja pelo fato de não estar representado nela nem peixes nem pescadores – é só uma foto do barco! Ele pediu para Rose buscar uma fotografia que alguém “tirou” no dia em que pegaram 1 tonelada de serrinha. A quantidade parece ser valorizada. A foto era cinzenta, e o fotógrafo, amador.

Chegaram na casa a filha do casal (de 15 anos), a mãe de Andrino e o filho menor (de 7 anos). Conversei com a mãe e a filha; Rose pouco falou, mas vi que ela sorria às vezes de cabeça baixa. A mãe contou suas experiências no mar. Ela contou uma história de um dia em que saiu com outra mulher [...] e o pai (ou o marido?) e ambas enjoaram mas não se entregaram. Era na pescaria de lula com zangarelho, espécie de anzol com que se pesca uma de cada vez. Ela disse que dava uma “golfada” – de vômito – e puxava uma lula. Depois chegou em casa e ainda foi cuidar dos bezeros e da vaca. [...] A filha também contou suas experiências no mar. “Eu enjoei uma vez só”, ela disse. Depois a mãe de Andrino me perguntou se eu já tinha saído pro mar. Eu disse que sim, e ela perguntou se eu não tinha sentido medo. Eu falei: “A gente sente uma coisa diferente quando o barco sai da barra”. Todos riram. Ela disse: “Dá um frio na barriga, né?”. Andrino observou que “o coração da gente acelera”. Conversamos um pouco mais. Eu dei boa noite e fiquei de passar no dia seguinte às 20h para saber a que horas eles iam sair na quinta. [...]

Quinta-feira, 22/03, 19h50min.

O Andrino acabou de passar aqui para me avisar que vai sair amanhã às 4h30min. Eu vou nessa! [...]

Preparei dois sanduíches de queijo para a saída de amanhã, mais cinco maçãs lavadas e cinco bananas. (Estaremos em cinco no bote.) Vou levar também água e uma térmica com café preto e forte. Está ventando intensamente de norte/nordeste. O vento forte me assusta um pouco, e vai deixar o mar mexido. Antes de sair tomarei meio drammin. Espero que funcione.

Os planos de Andrino são os seguintes: largar uma rede de corvina no

caminho da Barra/Ilha do Campeche "ainda de noite", como ele disse, e outra, para tainhota, depois da ilha, próximo a uma laje. Se não estiver bom, o que é possível, pois hoje e ontem não deu nada, ele volta até o meio dia. Se estiver bom é para passar o dia.



Foto 1: Andrino (no alto) e Valdori puxam rede de cerco de tainhota próximo ao Morro das Pedras.



Foto 2: As divisões internas dos botes servem para acomodar as diferentes partes da rede: Soldado ajusta a cortiça (em 1º plano), Andrino puxa a *panagem* (no centro), Valdori e Célio se encarregam do chumbo (no fundo).

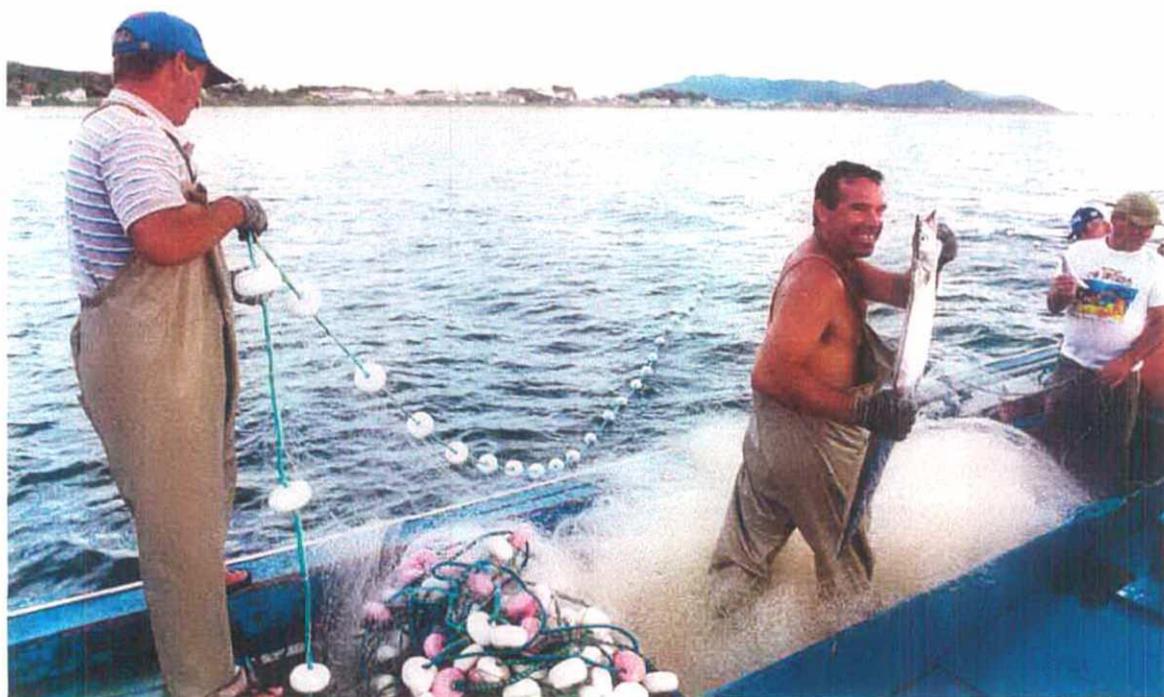


Foto 3: Andrino mostra um peixe-espada para a fotógrafa; Valdori (de camiseta branca) apresenta um peixe miúdo. Durante a puxada da rede eles me chamavam, mostrando os peixes e dizendo os nomes.



Foto 4: Uma das quatro fotos escolhidas por Andrino (de pé no *bordo* do bote).
Ao fundo, a Ilha do Campeche.



Foto 5: Fotografia escolhida por Célio:
o resultado do cerco – peixes sortidos, espadas e tainhotas.



Foto 6: Botas de borracha fazem parte da indumentária do pescador - esforço para manter-se seco em um ambiente geralmente úmido.



Foto 7: Os homens dão as costas para o sonar (aparelho que detecta os peixes e mede a profundidade); é preciso ver o peixe. Protegidos da chuva e da maresia, os objetos de valor – bússola, sonar, faca, anzóis e uma fotografia de Nossa Senhora dos Navegantes.



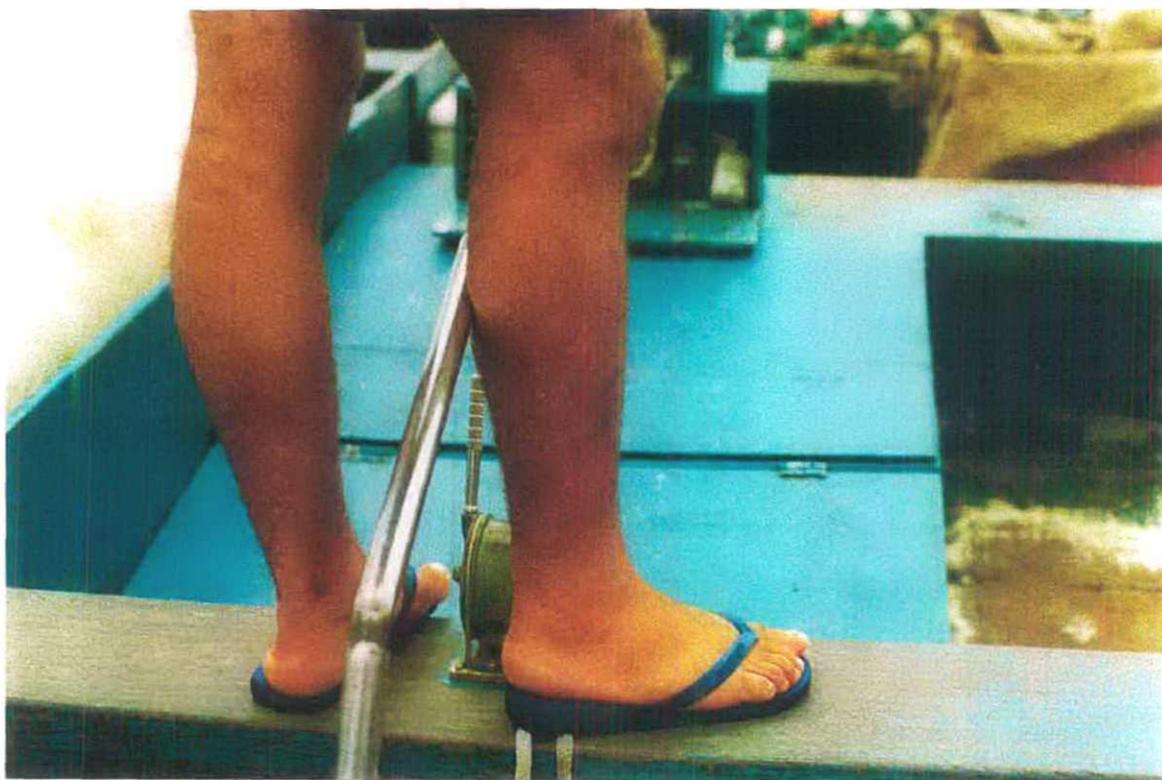


Foto 8: Para ter melhor visão do mar, Andrino usa as pernas para manejar o leme.



Foto 9: Valdori observa a rede de corvina puxada com o guincho.
Para que aparecesse peixe na foto, Valdori avisou Andrino para
interromper a puxada.



Foto 10: O *Conquistador* volta para casa.
Entrada do canal da Barra.



Foto 11: Em um grande trapiche na entrada do canal da Barra, os pescadores pesam os peixes capturados. Empresas locais compram, transportam e comercializam o produto.

1.2 A SAÍDA: VISÃO TREINADA E JOCOSIDADE

Sexta-feira, 23/03/2001, 5h58min.

Paramos em frente à praia do Campeche para largar uma rede de corvina. O dia amanheceu lindo, o horizonte laranja. Estamos em 5 no barco [eu; Andrino, 36 anos de idade, proprietário do bote; Célio, 60 anos, cunhado de Andrino; Valdori, 57 anos, também cunhado de Andrino; Soldado, 54 anos]. Saímos por volta das 4h40min. Eu ia até o trapiche onde fica atracado o Conquistador mas me atrasei, então o Andrino parou no trapiche da minha casa para me pegar [que fica a uns 100 metros do Conquistador pelo canal]. Os homens tomam café agora [com o bote em movimento]. Eu vou esperar o barco parar para tomar o meu [cada um leva a sua garrafa térmica com café; seguindo a orientação de Andrino, também levei uma]. No caminho Andrino conversou comigo e cantou músicas sertanejas. Ele disse que quando fica sozinho na popa (o que geralmente acontece) costuma cantar. [Os demais ficam na proa do barco, observando o mar. Andrino também canta na frente dos outros.]

Os homens fumam, menos Andrino [e Célio]. [...].

Agora estamos os 4 na proa, Andrino na popa. Todos olham o mar em busca de algum sinal de peixe (não sei qual ainda). [...] Valdori vê um avião da TAM descendo sobre nossas cabeças e diz: “Esse aí vai lá pra Florianópolis. É um bote grande”. [...] No horizonte aparece uma tampinha de sol. Andrino navega usando as pernas para manejar o leme. [Desta forma ele tem melhor visão do mar.] [Foto 8, p. 11]

No caminho Andrino me disse que gosta de navegar à noite, só não gosta de nevoeiro, mas quando aparece um círculo com o sol dá para se guiar pelo sol, do contrário fica difícil. Hoje ele tem sonda e bússola no barco. [...] [Foto 7, p. 10]

Voltamos a acelerar. Um barco joga uma rede em círculo próximo a nós. Eles fazem sinal para nós apontando em direção ao Morro das Pedras. Segundo Valdori, “eles viram peixe boiado” por aqui. Estão todos atentos.

Jogaram a rede e puxaram. Eu fotografei. Pegaram espada, tainhota, anchova

(poucas) e peixes menores. **[Foto 5, p. 8]** Andrino disse que até agora não valeu a pena. Eu insisti no assunto. Ele gasta de 20 a 25 litros de óleo diesel para vir até aqui (da Barra até o Morro das Pedras). O diesel custa 0,74 centavos, o que dá uns 20 reais, segundo Andrino. Se der uns 20 kg de tainha ele paga o diesel (pagam 1 real o kg da tainhota). A espada está 0,60 centavos o kg. Ele diz que “vai dá pra pagar o diesel”, e se conseguirem mais alguns peixes “dá para tirar alguma coisa”. Era 7h55min quando eles terminaram de puxar a rede. Tomamos café. Andrino, após comer pão e tomar café, remendou a rede que a espada furou. [...]

Agora estamos em movimento. São 8h30min. Vamos em direção à Armação, perto de uma laje. Todos olham com atenção para o mar. Valdori, Célio e Soldado na proa, eu e Andrino na popa.

Durante a puxada da rede eles me chamavam, mostrando os peixes e dizendo os nomes **[Foto 3, p. 6]**: “Olha, Ana, um peixe-galo”. “Esse aqui tem três nomes” – e me diziam os nomes. O papa-terra, por exemplo, também é chamado de “fura-cu”!

Conversamos com os amigos de Andrino, pescadores do Xodó, barco da Armação. Eles disseram que agora só vai ter peixe de tarde. Eles (do Xodó) brincaram com Andrino: “tu só pegou peixe porque ela tá no bote”. Antes, no caminho, quando eu tentava me movimentar pelo barco, Andrino falou: “Pode sentar na rede se quiser; é bom pra dar sorte”. [...]

Chegamos na laje da Armação. Vimos alguns peixes pulando próximos às pedras. Andrino me mostrou o cardume que deixava a água “picada”. Tive dificuldade para ver. A sonda marcou a profundidade, as pedras e os peixes. Havia “um bocado de peixe na laje”, como disse Andrino, mas não dá para pegar, pois as pedras danificam a rede. [...]

Vimos um barco industrial nas proximidades. Andrino disse que eles podem andar por aqui, só não podem “arrastar”.

Agora andamos em direção ao norte, procurando cardumes. Andrino diz que sem vento é melhor para ver o peixe. [...]

Ele espera que hoje no fim da tarde ou amanhã o tempo mude, entrando vento sul. Se der vento sul “bem forte” durante dois dias, no terceiro fica bom para pescar

corvina, que gosta de mar mexido. [...]

Andrino me mostra uma malha de manjuvinha – uma mancha mais escura próxima ao Caldeirão da Armação [início da praia da Armação, próximo ao Morro das Pedras, chamado assim pelos surfistas devido às fortes ondas que costumam quebrar ali]. Eu não vejo nada, é difícil distinguir. Ele diz já estar treinado.

Agora desligamos o motor próximo ao Morro das Pedras. Andrino vai na popa, atrás de mim, urinar. (Eu vou ter de pular n'água daqui a pouco.) Alguém viu uma tainha pulando (a anchova não pula). Aguardamos.

A rede para anchova e tainhota tem 350 metros de comprimento e 20 metros de altura (foi esta a que foi utilizada antes).

Andrino toma café “pra não perder o costume” e come pão [com manteiga e, às vezes, ele coloca uma banana dentro]. Os demais estão na proa.

Há surfistas no Morro das Pedras [...].

Viram peixe, ou melhor, pensaram ver peixe, mas como diz Andrino, “as águas às vezes enganam; é só um repuxo d'água”. Estamos no Campeche, em direção ao norte. Há surfistas aqui também. [...]

Valdori colocou as tainhotas em uma caixa: “46”, ele me disse, sem que eu perguntasse. Separou as espadas e colocou em outra caixa. Perguntei quantas espadas, e ele respondeu que não contou as espadas, só as tainhas. Depois que perguntei ele contou: 19. Em outra caixa ficaram os peixes sortidos (anchova, bagre, sororoca, papa-terra, pampo, goete, roncador, gordinho, cocoroca, palombeta), que juntos não encheram uma caixa. Valdori amontoou as caixas e as protegeu do sol com uma lona.

Agora paramos perto de uma bóia que sinaliza uma rede de pescada miúda da Armação. Ouço Valdori dizer “vou dar um peixinho pra minha nega”. Me viro pra ver: ele pega um peixe pequeno e joga para uma gaivota. A ave sai voando com o peixe no bico. Valdori é bastante simpático (todos são) e está sempre fazendo piadas e falando em rimas. Eu ofereci uma banana, e ele respondeu: “Relaxa; vou comer uma bolacha”. O cardume que estava próximo à bóia se dissipou, e agora vamos em direção à terra. Célio está na proa, Valdori deitado na rede de corvina, Soldado [...]

na popa e Andrino no leme.

Andrino comentou: “Lua nova trovejada, sete lua molhada”. Ele disse que aprendeu isso “com os antigos”. [...]

Voltamos em direção ao Morro das Pedras. Andrino viu algumas tainhotas pulando. “Hoje tá bom de cercar pela beirada porque a água tá parada”. [...]

São 10h10min. Procuramos o cardume que Andrino viu e sumiu. “A gente gosta de largar a rede quando vê o peixe” [Foto 7, p. 10]

10h36min. Passamos bem em frente à ilha do Campeche. Andrino me aponta uma bateira: “Eles estão pescando peixe-porco”. “Como é que tu sabe?”, eu pergunto. “Porque eles estão pescando com linha”. Andrino me explicou que ali dá bastante peixe-porco, mas que “não é sempre”. Soldado me olha e diz que ali também tem mulher pescando. Ele quis dizer que eu estava pescando. Eu disse: “Mulher também pesca” [pensando no processo global da pesca em que as mulheres costumam atuar]. Andrino emendou: “Mulher corajosa pesca”.

Andrino parou próximo a uma rede de cerco da ilha para eu fotografar. Agora vamos puxar a rede de corvina. Ele me orientou sobre onde ficar no barco para fotografar melhor.

Os “antigos” chamavam a praia do Campeche de Praia do Pontal.

Eles recolheram a rede de corvina. A pescaria não foi boa: 3 corvinas e 1 linguado. Enquanto puxava, perguntei ao Andrino qual era o peixe preferido dele. Ele respondeu prontamente: “Sereia”, e riu. Depois falou que gosta de tudo, menos bagre. Ele gosta de anchova mas não pode comer porque lhe faz mal.

Durante a puxada eles fizeram várias brincadeiras, em especial com o “emplastro” [espécie de cação], que segundo eles tem “duas peças”. Andrino me contou sobre uma brincadeira que fez com Valdori quando pegaram um “emplastro-marcela”, que é parecido com a arraia. Ele cortou o “pição” e colocou na bolsa do Valdori, sem este ver. Quando Valdori chegou em casa, a mulher perguntou: “O que é isso, Valdori?”. Depois Andrino brincou com ela: “Se o Valdori não der mais, te consola com isso aí”.

A rede de cerco/pescaria de cerco é [para] quando se vê o cardume. Para

corvina se usa rede de caceio (quando fica solta), ou rede ancorada (quando fica presa no fundo: neste caso geralmente se deixa de um dia para o outro [como acontece na pescaria da abrótea]). [...]

* * *

[...] Eu conduzi o barco por uns instantes, a pedido de Andrino. Ele me pediu para segurar um pouco o leme e me mostrou como fazer: "Se puxar pra cá, tu vira pra lá; se puxar pra lá, tu vira pra cá" (algo mais ou menos assim). Ou seja, era para manter uma direção reta. Eu levei a sério a minha tarefa. Enquanto isso, Andrino foi à proa do barco, conversar com os demais e se preparar para jogar a rede de corvina. [...]

Andrino perguntou o que tinha sido melhor, sair com ele ou com o Rogério. (Ele viu as fotos da primeira saída [com o Rogério].) Eu ri da pergunta e falei que tinha sido diferente, que a saída com o Rogério também tinha sido boa, mas que ficamos menos tempo e não pegamos peixe, sequer largamos a rede. Ele me disse que se fosse ele tinha jogado a rede mesmo que não estivesse bom, só para eu ver como era, para eu fotografar. Eu expliquei a ele que eu queria entender como era o trabalho do pescador e que se eles saíam e não largavam a rede, se isto faz parte do cotidiano do pescador, então já estava valendo para o meu trabalho. Ele pareceu entender mas reforçou sua posição e disse que só colocou a rede de corvina por minha causa, pois já sabia que não ia dar nada, que não estava bom (de fato, pegamos só 4 peixes naquela rede, 3 corvinas e 1 linguado [filhote]). Ele disse que colocou a rede para garantir que eu fotografasse algo, pois se não visse nenhum cardume ele não faria o cerco, e poderíamos voltar para casa sem nada. [...]

[...] Se eu fotografasse o trabalho no barco sem peixes não teria sentido.

Enquanto puxava a rede, às vezes Andrino dava uma paradinha e olhava para mim, para eu fotografar. Mesmo já tendo feito várias fotos, eu fotografava aquela pose. Na hora da puxada da rede de corvina foi o mesmo. Eu já estava satisfeita com o resultado [fotográfico daquela pescaria], e Andrino insistia para Valdori avisar quando vinha peixe na rede para ele dar uma parada no guincho e eu fotografar.

[Foto 9, p. 12]

1.3 O FEEDBACK DAS FOTOS

Quinta [29/03/01].

Cheguei no final da tarde na casa de Andrino. Ele estava sentado na porta [no umbral], consertando a rede. Cumprimentei a todos e conversamos um pouco. Eu fui mostrar as fotos (os contatos) para Andrino. Ele pediu para uma criança ir chamar o Célio, que mora ao lado, para ver. Quando tirei os contatos do envelope para mostrar, Andrino se levantou para lavar as mãos. Eu disse que as fotos estavam pequenas, um pouco difíceis de ver, mas que eu iria ampliar as que eles escolhessem. Andrino brincou dizendo que eu estava me vingando trazendo fotos difíceis de ver, pois no barco ele me mostrava os sinais de peixe e eu não conseguia ver. Ele comparou as duas situações e concluiu que vemos melhor aquilo que estamos treinados para ver! Seguiram-se comentários sobre as fotos, Andrino e Célio olhando os contatos com a criança em volta.

Alguém comentou que Soldado parecia um turista, em uma foto em que ele aparece sentado na popa do barco. Eles elogiaram as fotos, e faziam comentários sobre uma e outra. Pedi para escolherem algumas imagens para ampliar e presenteá-los. Célio escolheu uma que aparece peixe, uma das duas fotos que fiz do produto da pescaria [Foto 5, p. 8]. Eu disse: “Mas aí não aparece ninguém”. Ele falou para eu escolher então qualquer uma que todas estavam boas. (Mandei copiar a foto dos peixes e mais uma em que aparecem os quatro, com Célio em primeiro plano.)

Andrino nos convidou para entrar em casa. Célio aproveitou a deixa e se retirou. Andrino chamou a esposa para ver. [...] Pedi para escolherem algumas, e Rose ajudou, apontando as que ela achava que estavam “legais”. Ele ia descrevendo algumas cenas. Depois Rose ligou a TV e eu fiquei conversando com Andrino.

[...]. Depois chegou a filha, e eu mostrei as fotos a ela também.

Em algum momento Andrino me perguntou quanto custava cada foto. Eu disse que era mais ou menos o que pagavam a ele por um kg de espada (0,60). [Na verdade é 0,45 com o desconto para profissionais. Eu não lembrava o preço. Achei justa a pergunta, apesar da indiscrição, pois também faço esse tipo de pergunta a ele.]

Me despedi prometendo levar depois as fotos [ampliadas].

* * *

Sábado, 7 de abril de 2001.

[...] Há uma semana Andrino não sai com o Conquistador. [...] Conversei com ele ontem pela tarde quando fui mostrar-lhe as fotos. Acabei não deixando nenhuma com ele, pois quero mostrar todas as cópias que fiz para os outros antes de distribuí-las. De 52 fotos coloridas (1 filme de 36 poses + 1 ponta), ampliei 16 fotos, algumas escolhidas por eles (Andrino e Célio), outras sugeridas pelo Finco ^[1], outras ainda escolhidas por mim. O Finco observou que é difícil ver contato e que eu deveria mostrar as cópias. De qualquer forma, achei que foi bom eles verem o meu olhar. Mas passarei a seguir o conselho do Finco. [...]

Cheguei por volta das 16h30min na casa de Andrino. Ele estava arrumando uma rede que já era para estar pronta, mas como ele foi ao centro durante a semana e saiu com o Tubarão III “para dar uma força”, o serviço da rede atrasou.

Logo que cheguei ele me disse que eu poderia sair na corvina, pois o vento sul entrou forte ontem. (Estava ventando de norte antes.) Ele me mostrou os coqueiros em cima do morro pelos quais ele se guia para saber como está o vento no mar. Os coqueiros estavam escabelados e inclinados de tanto vento.

Andrino perguntou se eu queria ir na corvina [ele insistiu na pergunta pois ir na corvina significa passar o dia no mar; é uma pescaria “enjoada”, como disse Célio]. Eu disse que sim. Conversávamos no quintal da casa quando a mulher de Andrino passou. Ele brincou: “Vai tu e a Rose pescar com a gente”. Rose disse que ela não ia de jeito nenhum, que ela não queria morrer, que era da terra, que aquilo era “programa de índio”. Andrino riu. [...].

Andrino falou que a Capitania dos Portos exige que eles usem colete salva-vidas, mas que não dá para trabalhar de colete; atrapalha muito. “Já pensou, com a força que a gente tem que fazer, usar colete?” Ele disse que a calça de napa que eles usam (o macacão) já atrapalha, imagina um colete. A calça protege da água-viva, além de não molhá-los. Evita também que eles se sujem com a lama que às vezes vem

¹ Fotógrafo, jornalista, antropólogo e professor da UFSC que discutiu comigo este trabalho.

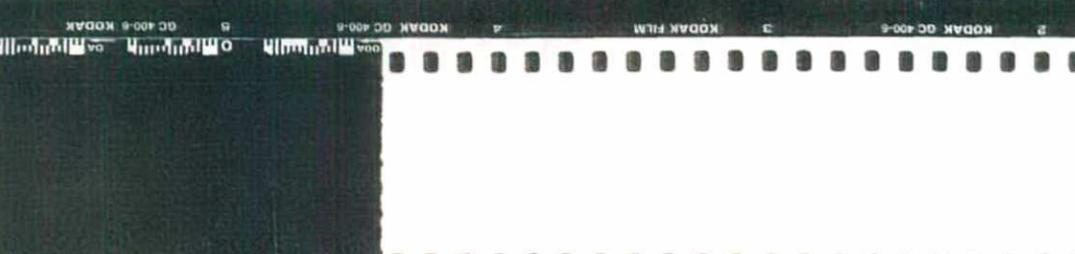
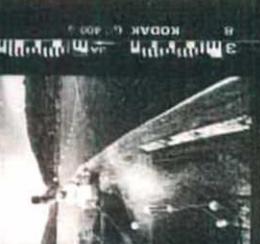
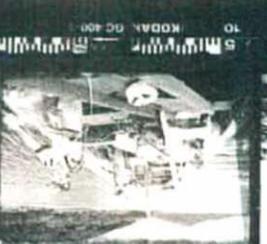
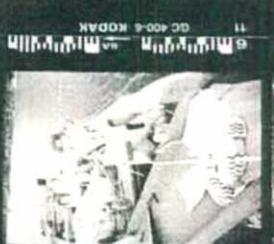
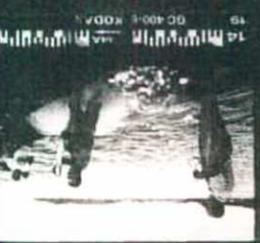
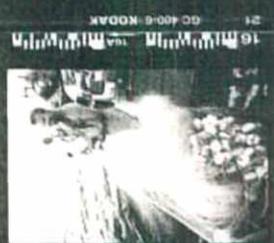
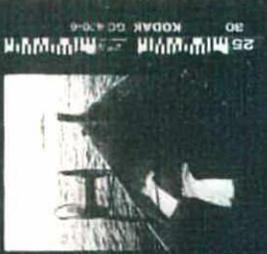
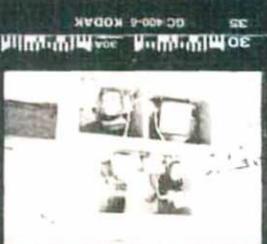
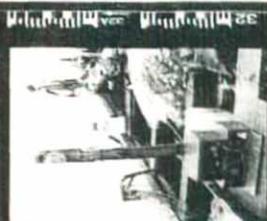
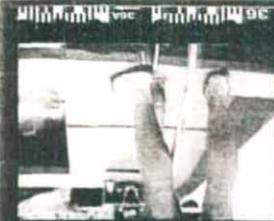
junto com a rede. Quando usam só a calça de napa e tem muita água-viva, pode acontecer de queimarem-se nos braços. Algumas “picam pra caramba” e podem fazer surgir íngua debaixo do braço.

Perguntei como foi a saída com o Tubarão. Andrino me relatou que não pegaram nada, 2 caixas de peixe. Poucos barcos estão saindo; tá ruim para pescaria, só saem os que tem malha mais miúda para pegar essa tainhota que está surgindo por aqui. Ele fez um gesto com a mão e disse que tainha [de verdade, não tainhota] era “assim” (grande). [...] Ele saiu para “dar uma força” para o cunhado que trabalha no Tubarão [Valdeni], pois faltou gente para sair com eles. Saíram na quinta, às 4h da madrugada, dormiram ancorados na Ilha do Campeche e voltaram ontem [sexta], pela tarde. Ele me explicou que com a lua clara não dava para pescar de noite. No escuro a água “queima”, dá para ver o peixe boiado, se riscar a água com uma vara ela “queima”, abre um clarão e dá para ver se tem malha de peixe (cardume). Eu achei estranho que desse para ver peixe no escuro, sem lua; pareceu-me contraditório. Andrino riu e disse que eu tinha ainda muita coisa para aprender sobre pesca.

Perguntei se tinha aonde dormir no barco. Andrino respondeu que sim, “enjambrado mas tem”, dormem amontoados, “que nem carrapato” [...]. Perguntei se fizeram muita bagunça na ilha. “Fazer o quê? Não tem nada, fica só um falando bobagem pro outro”. Ele disse que no barco dele tinha TV, mas queimou o tubo, não sai mais imagem. Soldado foi junto nesta saída. Estavam em 6 no barco. Eles deram 2 lances. Usaram rede miúda que pode pegar mais variedade de peixe. Eles chegaram a ver uma malha de peixe, “coisa de uns 800 kg”, mas o peixe andou rápido, o vento noroeste estava forte e ajudou o peixe a correr.

Ele continuava consertando a rede. Rose pegou a máquina de cortar grama. Eu disse que não queria atrapalhar o trabalho dele e que voltava outra hora para mostrar as fotos. Ele disse para eu esperar um pouco que ele já estava terminando a linha que estava na agulha e que já ia olhar.

[Andrino olhou as fotos e escolheu 4 para ele. **Ver no contato: foto 1, 17, 23, p. 23 e 28, p. 24]**



KODAK



1.4 O RONCO DA CORVINA

Domingo, 8 de abril.

Andrino me ligou às 6h15min, avisando que ia sair. Pulei da cama e arrumei a mochila. Agora são 7h40min, e Célio e Soldado largam a rede grande de corvina, mais ou menos em frente à Joaquina. Estamos com 35 metros de profundidade. A bússola marca 20 graus para nordeste, como Andrino me explicou: “Eu tô botando a rede para 20 graus”. Andrino está no leme, controlando a direção do barco e da rede.

Ontem eles pegaram, segundo Andrino, 1600 kg de corvina, ao sul da ilha do Xavier, mais ou menos aonde estamos agora, mas “mais para fora”. Como já tem um bote lá fora, o Tarada (foi Andrino quem o identificou), ele fica por aqui. A última vez que o pagaram foi 1,20 por kg. A rede é longa, “2 milhas e meia, mais ou menos”. “Vai dar lá na ponta do cascalho”, diz Andrino, olhando para a ilha do Xavier. Célio joga o chumbo enquanto Soldado segura uma vara de bambu com um gancho na ponta para auxiliar. [...]

Andrino diz que “foi boa a largada”, pois não atrapalha o espaço do Fuscão Preto e do Tarada, que já largaram a rede. Ele diz que tem espaço para os três, mas que se entrar outro no meio “fode tudo”. Escutamos o rádio.

Na saída da Barra Andrino fez o sinal da cruz. Célio e Soldado consertavam a rede. No meio do caminho Soldado me perguntou se hoje eu ia trazer sorte. “Eu espero que sim!”.

Eles lavam o barco, sujo do peixe que pegaram ontem. (Está com cheiro de peixe.)

[Como voltaram tarde da pescaria (por volta das 23h15min), não deu tempo para lavar o barco. Eles pesaram os peixes no posto de gasolina em frente à minha casa, provavelmente porque ali tem luz. Durante o dia, os peixes são pesados em um trapiche na entrada da Barra.]

No caminho Andrino cantou. Vimos golfinhos próximos ao barco. Andrino me contou que Valdori, que não está presente, chama a rede menor [de corvina] de Leila,

“porque ela é boa e bonita”, e a maior de Fofa. [Valdori foi a Gramado com a esposa, a passeio.]

O Pesca Brasil II se aproximou de nós. As duas embarcações trocaram informações. Agora vamos recolher a rede pequena de corvina [que ficou de um dia para outro no mar]. Estamos em frente ao costão da Joaquina, com 27 metros de profundidade. Os homens se preparam para puxar a rede. Eu vou fotografar, e é essa a expectativa deles. Soldado me disse: “Agora tu pode ir pra proa para ver peixe”. [Em geral fico na popa conversando com Andrino.]

(Antes pulei na água. O barco parado me provocou um princípio de enjoô.)

Andrino diz, olhando a rede: “Muita lama”. A rede está escura.

A pescaria não foi o esperado, mas pegaram algumas corvinas, 2 linguados, um peixe-porco e, para surpresa de todos, cerca de 1 caixa de pampo vivo, que deve ter se prendido na rede a pouco. Todos ficaram felizes com o pampo e me davam sugestões para fotografias. [Foto 12, p. 27]

[...] *No final do trabalho Soldado disse que estava enjoado. Andrino perguntou na hora: “A tua mulher tá grávida?”. Eles me disseram que quando o pescador enjoa é porque a mulher está grávida. [Mas também há casos de enjoô depois de bebedeiras e relatos de pescadores de “estômago fraco” que enjoam com mar violento.] Andrino brincou: “Tu ainda faz isso, Soldado?”. Soldado, de 54 anos, é mais velho que Andrino.*

Andrino me contou que falou ontem com o sobrinho, do Tarada, em um canal [de rádio] separado. Eles usam o 18 para chamar os pescadores em geral. Quando ele quer falar “em separado”, combina com o sobrinho para sintonizar “lá no outro canal”, e não diz qual. Andrino contou que com a Rose também fala em outro canal. Eles passam a posição da pesca, mas quando estão sozinhos e vêem uma malha grande de peixe demoram para passar para pegar sozinhos e não dar “tumulto de barco”.

Andrino agora gela o peixe. Foram 22 corvinas - uma caixa de peixe. O pampo ele não contou, mas me disse que “deu mais pampo que corvina”.



Foto 12: Os pescadores comemoram a captura casual de um cardume de pampo.



Foto 13: Soldado *safa* o pampo ainda vivo da rede.
Como os outros pescadores, ele usa luvas para proteger as mãos.
No ombro, um cavalo marinho tatuado.

Fomos ao encontro da rede grande. A pequena vai continuar ancorada até amanhã. O cano foi colocado na água, mas não se ouviu “ronco de peixe”. O Pai Herói I se aproximou de nós. Bigode [proprietário do bote] pediu uma corvina para fazer um caldo; eles vão cozinhar no barco. Conversamos um pouco. Bigode perguntou se eu não tinha enjoado. Eu expliquei que tinha tomado remédio. Ele contou uma história de quando trouxe uns gaúchos para pescar de linha aqui fora. Os gaúchos levavam um isopor com cerveja. Bigode contou que fez de tudo para eles enjoarem e para ele poder tomar sozinho a cerveja. Eles tinham lula para servir de isca, “aquela lula catinguenta do mercado, que já vem podre”. Os gaúchos pediram uma faca para Bigode, mas ele escondeu a sua e disse que não tinha. Os gaúchos tiveram então de cortar a lula com os dentes. Com o balanço do barco e o cheiro forte da lula, não demorou muito para eles vomitarem. Nós rimos da história. Depois Bigode se afastou, foi para fora para ver se escuta algo.

Agora Célio e Soldado pescam de linha (com lula de isca) para passar o tempo. [...] Andrino fala no rádio.

12h30min. Os homens tomam cerveja. Eu agradeci e recusei. Eles trouxeram gelo para o peixe e aproveitaram para gelar a cerveja. Pelo rádio, Andrino lamentou não ter gás no barco, do contrário poderíamos cozinhar. [...]

Soldado me mostrou suas mãos - os dedos inchados e a pele cortada com os espinhos da corvina que capturaram ontem. Isso que ele, assim como os demais, usa luva. [Foto 13, p. 28]

Andrino acabou de me perguntar se eu queria comer um cação e pirão d'água. Eu agradeci e recusei; tenho medo de enjoar. O Tarada foi quem ofereceu, pelo rádio.

Vamos puxar uma ponta da rede de corvina para ver se tem alguma coisa. Se sim, continuamos aqui, se não, vamos mais para fora.

Vem pouca coisa na rede, quase nada. Para uma rede grande dessas, pegar 9 corvinas, como pegamos até agora, é muito pouco.

Andrino canta enquanto puxa a rede. É uma música romântica, que ele canta à sertaneja (com a impostação da voz característica destas músicas): “Eu e você, na ilha do sol”... Ele havia me contado que tinha um “conjunto” quando era mais jovem.

Andrino me disse [na hora da puxada da rede]: “Dorme um soninho, dorme, que essa é demorada”.

“Quero te pegar no colo, te deitar no solo e te fazer mulher/Deixa eu te amar/faz de conta que sou o primeiro/na beleza desse teu olhar, eu quero estar o tempo inteiro”, canta Andrino no guincho. Célio trabalha sério no chumbo, Soldado na cortiça. Eu me ofereci para ajudar, mas sem muita vontade. Andrino disse “tá tudo certo”. [...]

“Fui passear na roça, encontrei Madalena”...

[...] O Tarada se aproxima de nós. Há 3 homens dentro. Não há rede. A rede está na água, eles vão recolher às quatro horas da tarde, disseram.

Andrino falou em determinado momento: “Ainda bem que saiu [sumiu] o sol; o sol judia muito da gente”. Ele disse que se o cara for “frescão” não dá certo. Para ele tem que deixar a pele curtir, “criar calo”. Ainda assim no verão às vezes arde. Ele disse sentir principalmente no rosto e nos lábios. “Eu uso batom”, ele falou. “De manteiga de cacau”, completou, depois de uma pausa. (Andrino gosta de fazer brincadeiras.)

[...] Acabamos de puxar a rede. São 2 horas. Sujo de lama, Andrino se lava [com água do mar] depois de terminar o serviço. Ele tira as botas e o macacão. Célio lava o barco. Soldado fuma. Os dois estão de macacão. Vamos mais para fora procurando o ronco da corvina. O tempo está fechado. Faz frio. Tenho fome.

Andamos para fora da ilha do Xavier. Hora do café. Andrino come pão com banana, bebe café sem açúcar. Soldado come bolacha recheada e bebe nescafé com açúcar. Célio está na proa, de modo que não pude ver seu lanche. Eu tomei o café do Soldado e comi o bolo que o Andrino trouxe, pois só tive tempo de fazer um sanduíche, e este já se foi. O mar dá fome [...].

Encontramos novamente o Pesca Brasil (que tem escrito na proa o nome do dono do barco, “Vani”). Há 6 homens dentro.

Vani e Andrino conversam, Vani apontando as redes e dizendo de quem são. Andrino diz: “E agora, largar uma rede no meio dessa tranqueira toda vai ser brabo”.

Por volta das 17 horas recolhemos novamente a rede grande de corvina. Estamos mais para o norte, entre o meio da Barra/Moçambique e a ponta da Barra, mas mais para fora. Na puxada anterior pegamos quase 4 caixas de peixe e exatamente 46 corvinas [...]. Andrino calculou que tinha, ao todo, somando o resultado da rede pequena e da grande, o equivalente a 100 kg de corvina. Ele espera receber 1,20 por kg, o que dá uns 120 reais. Tirando 20 do diesel, sobra 100. 50% é do barco (ele divide o dinheiro com o sócio), 50% para a tripulação. Como estão em 3, vai dar uns 15, 16 reais para cada um, ele calcula. Ele disse que pode parecer pouco, mas que se desse isso todo dia seria bom, no final do mês teriam uns 450 reais.

(Mês passado [março] receberam apenas 200 reais, ele lembra. No mês anterior, uns 300 [fevereiro].)

Perguntei quanto pagavam pelo pampo, pois estava curiosa para saber a cotação do peixe que pegamos na rede pequena “por acaso”. Ele disse que é mais ou menos isso, 1 real, 1,20. Os peixes mais valorizados aqui são a tainha e a anchova.

Eles trabalham na rede enquanto eu escrevo e observo. Me ofereci para ajudar, desta vez com mais vontade. Eles recusaram, e eu tenho receio de interferir, de atrapalhar.

Agora o vento nordeste apertou, o barco balança bastante, e eu volto a me sentir enjoada, razão pela qual paro imediatamente de escrever.

[...]

Está escurecendo. Andrino canta: “Eu quero te namorar, amor”... “É o amor”...

A rede de corvina tem 54 panos, ou seja, 54 conjuntos de rede emendados. Dependendo da situação, pode-se jogar só um número x de panos, deixando o restante no bote.

Andrino diz que foi o primeiro a escutar a corvina com “canudo” aqui na Barra. Ele aprendeu isso com os pescadores “do norte” (Camboriu, Itajai). Eles

sempre souberam que a corvina “chiava”, mas não usavam o cano [de PVC]. Há uns 3 anos eles implementaram essa tecnologia. [Foto 15, p. 34] O pai dele deitava na proa da baleeira para ouvir, mas ele diz que se jogava a rede meio no escuro, sem saber se tinha ou não.

Há toda uma estratégia para se saber o que largar e aonde.

“Tira a calça jeans, põe um fio dental, morena você é tão sensual”...

Andrino não canta músicas inteiras, só trechos, que ele vai emendando como panos de rede.

* * *

[Na volta pilotei o barco (razoavelmente, até!) e tomei uma cerveja com Andrino. Eles haviam levado exatamente 2 latas de cerveja para cada um. Tomaram a primeira ao meio dia e a segunda já de noite, quando voltávamos para casa. Alguém disse que eu já podia beber, pois não corria mais risco de enjoar.

Neste dia ficamos aproximadamente 13 horas no mar (saímos às 6h30min e voltamos por volta das 19h30min). Foi meu recorde de permanência dentro de um bote de pesca.]



Foto 14: Célio e Soldado puxam rede de corvina protegidos da chuva.



Foto 15: Valdori mostra como os pescadores localizam cardumes de corvina – escutando “o ronco da corvina” com cano de PVC.



Foto 16: A largada da rede de corvina.
Célio (de costas) joga o chumbo, Soldado segura vara de bambu para evitar que a rede se enrosque, Andrino controla a posição no leme e Valdori segura um cabo.

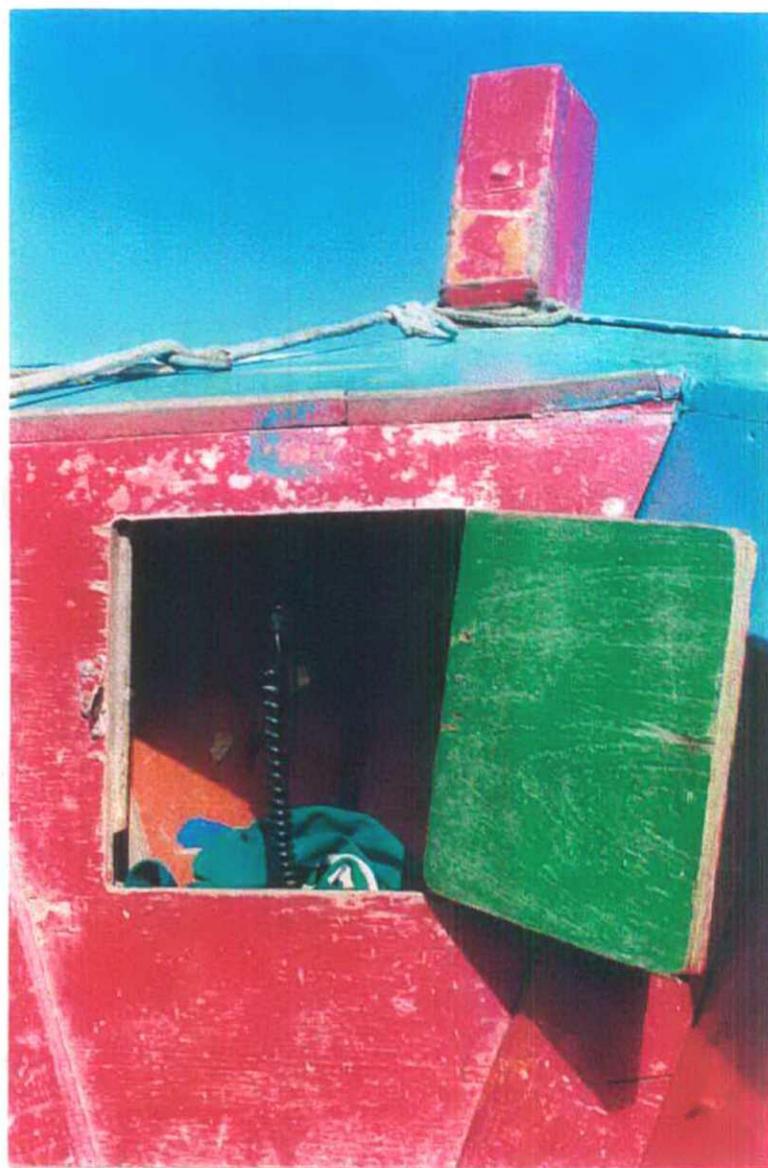


Foto 17: Em um compartimento na proa fica o rádio, aparelho fundamental para a comunicação com outros pescadores e com a terra.



Foto 18: Um cargueiro passa próximo ao bote.

Foto 19: Enquanto aguarda o momento de recolher a rede de corvina, Soldado pesca com linha para passar o tempo. Na foto ele segura um *cambeva*, peixe que é objeto de brincadeiras por parte dos pescadores.

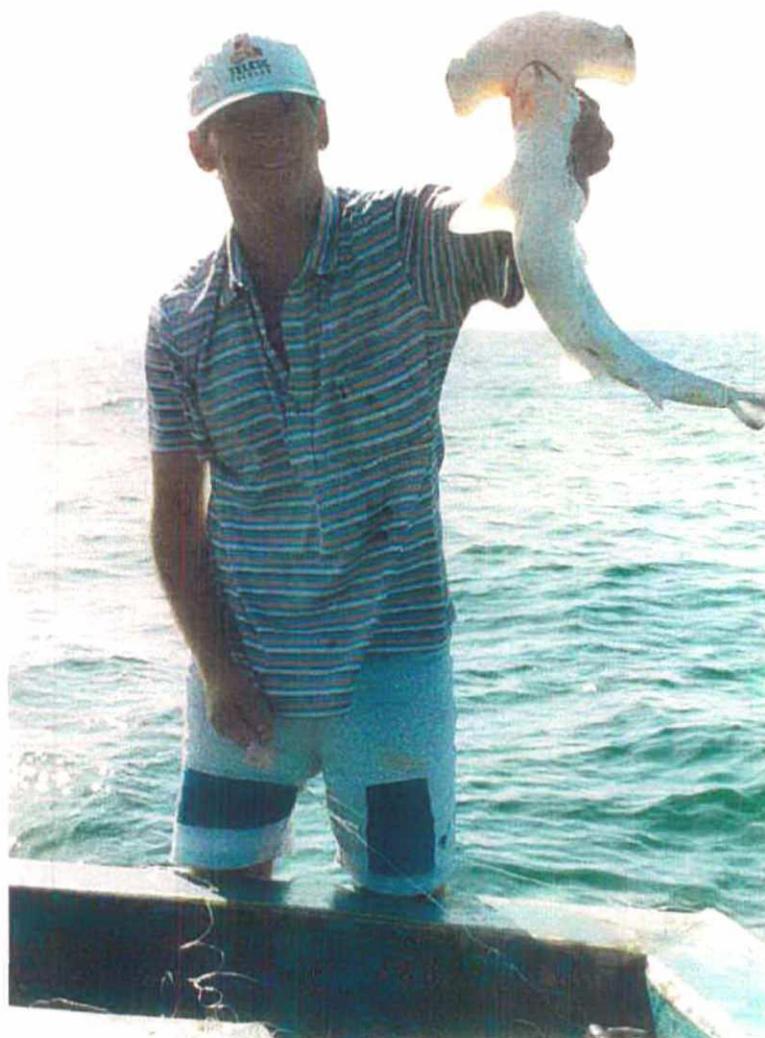




Foto 20: A puxada da rede de corvina. Andrino, na proa, controla o guincho, estrutura metálica que representa um importante incremento tecnológico na pesca. (Observe como os pescadores procedem para acomodar a rede no outro lado do bote, deixando o espaço próximo ao guincho para a rede maior.)

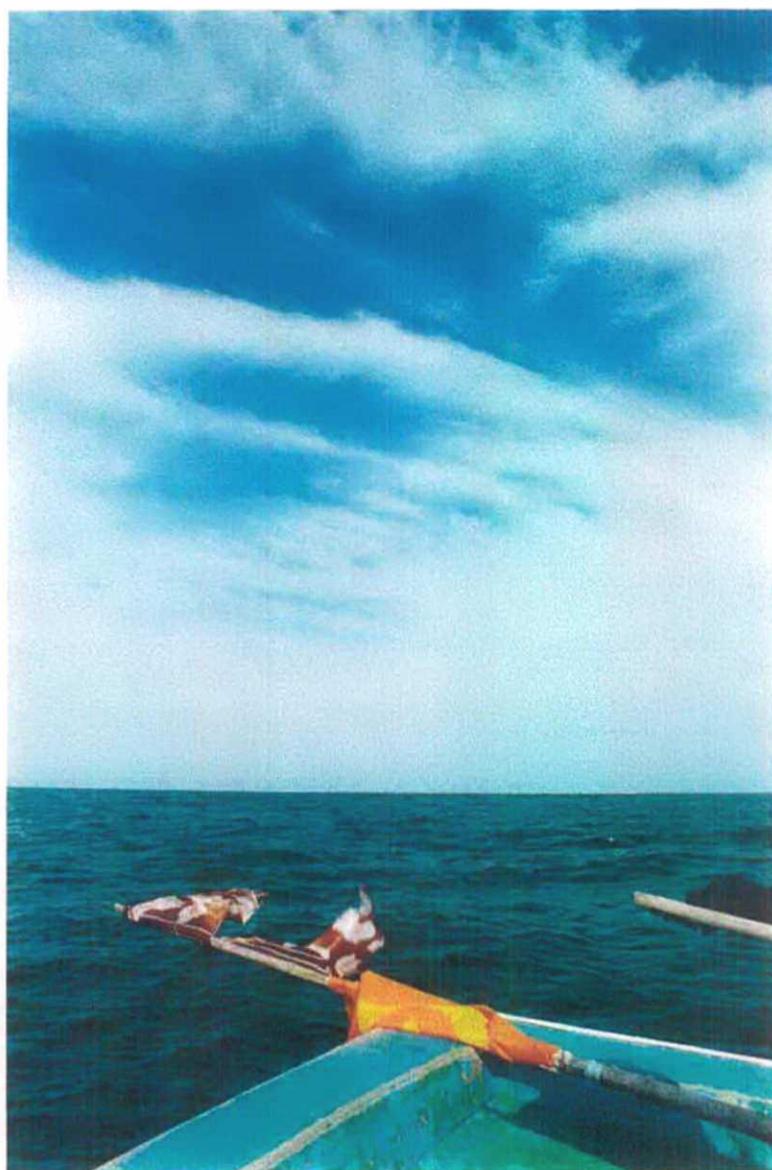


Foto 21: Crista de Galo - Andrino prevê a mudança do tempo pelas nuvens. As bandeiras servem para sinalizar as redes no mar.



Foto 22: Puxada da rede de corvina.
Valdori segura um filhote de tubarão-martelo,
também chamado de cambeva.



Foto 23: Golfinhos passam junto ao bote.



Foto 24: Corvina, peixe que pode ser capturado o ano todo.
Seu caldo é bastante apreciado pelos nativos.



Foto 25: Andrino pesa o peixe capturado na entrada da Barra.



Foto 26: O trapiche da entrada da Barra onde os botes costumam descarregar e pesar os peixes capturados no mar de fora.
À esquerda, a torre da Igreja de São Pedro, padroeiro dos pescadores.

1.5 CAMBEVAS E ANEQUINS

Terça-feira, 1º de maio, 6h45min.

Depois de alguns dias parada, combinei ontem com Andrino a saída para o dia de hoje. Ele disse que não queria sair tarde porque ia ter muita baleeira e ia ser difícil achar lugar para colocar a rede. Ontem havia barcos de Itajaí e Porto Belo por aqui. Eles capturaram uns 100 kg de corvina e uns 18 kg de cação próximo às Ilhas das Aranhas. Andrino comentou sobre um grande lance feito por eles quando eu estive fora, em que capturaram 3 toneladas de corvina.

Muitos barcos passam agora pelo canal em direção ao mar. Natividade, Caló I, Tubarão Branco, Rainha das Ondas e outros já passaram por aqui. Eu aguardo o Andrino [em frente a minha casa].

Sáímos por volta das 7h15min. Andrino, Célio e Valdori consertam a rede que rasgou na pescaria de ontem. Soldado dirige o barco. Andrino deu a posição: “Põe pra 90 graus”. Vamos para fora, em direção ao leste. [...]

Eu escrevo em pé, com a perna encostada no banco como apoio; o barco está todo molhado de sereno e maresia.

10h. Valdori me explicou que aqui aonde estamos (57 m de profundidade) não é permitido, pois este bote não tem estrutura para tanto (como bote inflável, por exemplo). O limite [da pesca artesanal] é da Ilha do Xavier para dentro. Um grande cargueiro passou por nós a pouco, prova de que estamos na rota das grandes embarcações. [Foto 18, p. 37]

Soldado físgou um cambeva [Foto 19, p. 37], um tubarão-martelo, e foi alvo de muitas gozações. Não entendi bem o porquê. Andrino também tenta físgar algo. Célio escuta o rádio na proa. Valdori segura uma linha para Andrino. O balanço do mar e o efeito do dramin me dão sono. [...]

Andrino comentou que veio de sunga para pular na água, mas depois que vimos um tubarão-martelo (maior do que o físgado por Soldado), ele desistiu. Eu disse que Valdori havia me garantido que o martelo não fazia mal. Andrino disse que aqui aonde estamos tem anequim também [...]. Ele contou uma história de quando teve de

mergulhar na água para ajudar a puxar uma rede de anchova e apareceram dois anequins. Ele disse que estava mais para fora, “uns 70 metros”. O anequim, segundo ele, “pula na sombra do cara”. [...] Valdori contou que em Rio Grande certa vez um pescador estava “fazendo cocô na borda do barco” quando foi mordido pelo anequim [nas nádegas, e ele fez um gesto com a mão representando uma boca]. Ele disse que tinha medo de “fazer cocô no barco, mas não tinha banheiro, tinha que fazer ali”. Ele olhava antes de fazer suas necessidades para ver se não tinha um anequim por perto. Valdori contou que certa vez ele e seus companheiros de embarcação pegaram 100 anequins na linha. “De noite ninguém dormia, ficava só na linha pegando cação”.

Andrino foi para a proa para escutar o rádio e gritou: “Hoje tem bailão, vamô, Valdori?”. Valdori disse que não, e Andrino disse que ele estava velho. Andrino brincou: “Vamo recolhê a rede que eu quero ir no bailão”.

(Antes, Andrino pegou um peixe-espada na linha.)

Mostrei as fotos da segunda saída [no mar de fora, primeira com o Conquistador] para Valdori, pois ele ainda não tinha visto (as minhas pelo menos, já que as fotos que dei para os outros ele viu). Soldado viu de novo. Eles riram de suas próprias imagens e elogiaram a qualidade das fotos.

Pedi para Valdori escolher uma e, como imaginei, ele escolheu a foto em que ele aparecia sentado na borda do barco, com o guincho em primeiro plano e uma corvina na rede. [Ver foto 9, p. 12]

Depois mostrei as fotos em P&B da terceira saída [segunda com o Conquistador]. Os comentários foram sobre o pampo que aparecia na rede. Célio disse: “Essa foto aí ficava bonita colorida, hein, Ana?”. Andrino pediu uma pra ele, a que aparecem os três com o cardume de pampo na rede. [Ver foto 12, p. 27]

12h. Valdori limpou a espada para mim e cortou em filézinhos. Agradei, satisfeita. [...] Enquanto limpava, Valdori fazia brincadeiras, fingindo comer pedaços da espada e as vísceras. Eu virei a cara para não enjoar. Valdori faz brincadeiras o tempo todo. Enquanto Soldado comia cação com farinha, Valdori brincou com ele, roubando comida, mastigando e depois esfregando um pouco de comida mastigada na cara do Soldado, que teve de se afastar para comer em paz. Enquanto limpava o

peixe, Valdori perguntou se eu nunca tinha comido “xaximi” [sashimi; ele pronunciou jocosamente com “x”]. Ele disse que os japoneses comiam isso. [Ele conheceu japoneses quando trabalhou embarcado em Santos.]

[...] 1h36min. Acabamos de puxar a rede pequena. **[Foto 20, p. 38]** *Aí foram capturados 20 corvinas, 4 cações, 2 cabras e 7 gordinhos. Soldado diz “tá fraco”, respondendo à minha pergunta sobre o resultado da pescaria. “20 corvinas é pouco” (para 17 panos de rede). Deu quase 2 caixas de peixe ao todo, segundo Andrino.*

Vamos em direção à rede maior, que tem 62 panos.

Pergunto à Andrino se dá para calcular a distância pela profundidade, e ele confirma as minhas suspeitas. Diz que às vezes a maré “rouba” (engana) um pouco.

Olho pro céu. Andrino olha também e diz: “Vai virar o tempo”. Ele me mostra nuvens em forma de “crista de galo” e diz que é sinal de que vai entrar vento sul. “Se não entrar hoje à noite, quem for trabalhar amanhã tem de ter cuidado”.

[Foto 21, p. 38]

*Começamos a puxar a rede grande às 14h. Andrino trabalha no guincho e vai contando o número de corvinas: 30, em 8 panos de rede (ele sabe o número certo porque é uma parte nova, recém emendada, de cor verde, diferente do resto da rede, que é branca). Vieram alguns cações junto, inclusive um cambeva, que eu fotografei nas mãos de Valdori. **[Foto 22, p. 39]***

[...] Andrino me chama para mostrar um cavalo-marinho e [...]. Ele passa o cavalo para Valdori que o põe na minha mão. Olho maravilhada para o pequeno animal. [...] Soldado tem uma tatuagem no ombro em que está representado um cavalo-marinho. [...] **[Foto 13, p. 28]**

São 15h30min, e estamos quase no final da operação. Eu, como sempre, não ajudo em nada, apenas faço fotos para me distrair.

*Antes da puxada da primeira rede vimos um cardume de golfinhos. **[Foto 23, p. 40]** Eu tentei fotografá-los saltando próximo ao bote, mas não sei se logrei [pois portava apenas duas lentes, uma 24mm e uma 50mm]. Soldado comentou: “A gente vê cada coisa aqui fora, né, Ana?”.*

3h45min. Acabei de pular na água pela segunda vez para urinar. [...] Valdori disse [brincando]: “Cuidado que eu vi um anequim”. Eles disseram que como havia corvina na rede poderia aparecer algum tubarão por perto. [...] Eu pulei. Fiquei segurando um “cabinho” (uma corda) que o Soldado amarrou para mim por ocasião do primeiro mergulho. Como tem muita “corrente de água”, se não segurasse o cabo, eu seria arrastada pela correnteza.

3h55min. Terminamos de puxar a segunda rede. Soldado acha que deu umas 6 caixas de peixe ao todo. Agora eles lavam o barco e as roupas, pois junto com a rede vem a “lama” do fundo do mar.

Começamos a viagem de volta às 16h. [...] Valdori, Soldado e Célio vão reparando a rede, enquanto eu vou na popa, conversando com Andrino.

Andrino acha que amanhã não vai sair, pois tem muito trabalho em terra. Ele tem rede para entralhar. Andrino está substituindo partes da rede velha de corvina pela nova, a verde. Ele me disse que rede nova é outra coisa. “Vem mais corvina na rede nova que na velha”.

Andrino me disse que já perdeu “um bocado de amigos nessas águas” e que tem muita história para contar. [...].

Chegamos às 17h36min. Andrino pesou os peixes: 183 kg de corvina e 15 kg de cação. [...] Pela corvina se paga 1 real e pelo cação, 1,50. Andrino disse que na Semana Santa estava 1,20 [a corvina], mas que agora devia ter caído para 1 real. Valdori ficou no grande trapiche da entrada da Barra [ele mora na Barra]. Me despedi dele dizendo “obrigada pela companhia”. Andrino corrigiu: “Obrigada pela porcaria” [se referindo às brincadeiras escatológicas de Valdori]. [...]

O rapaz da Pioneira mostrou uma foto de um marlin de 13 kg que pegaram semana passada no cerco da Barra [rede fixa localizada no costão da Barra]. É um peixe lindo, com um enorme esporão nas costas. Os botes de nome Pesca Brasil, da Barra, tem este peixe pintado na proa.

* * *

Em algum momento da viagem perguntei a Andrino se na pescaria da tainha também se ficava “esse tempão todo” no mar. Andrino respondeu que sim, mas ficam

“*andando*”, *procurando o peixe* [ao contrário da pescaria de corvina, em que ficam parados]. *Ele disse que é uma pescaria “divertida”, que quando conseguem cercar pula tainha para tudo que é lado, chega a pular tainha para dentro do bote!*

[...] *Observei que através dos lanches a mulher se faz presente no barco. O lanche de Andrino é bem caprichado. Na última saída ele levou bolo, café, frutas (banana e maçã), pão com manteiga e bolachas. Desta vez ele levou - além do costumeiro café preto (que ele toma sem açúcar, ao contrário dos demais, que o tomam bem doce), pão com manteiga e banana - filés de peixe espada à milanesa. Perguntei quando a Rose tinha feito, e Andrino disse que tinha sido na noite anterior. Ele me ofereceu um filé [...]. Comi um pedaço e elogiei o trabalho da Rose; ela caprichou. Andrino também elogiou, em especial o fato dela ter posto “um limãozinho”, mas reclamou que ela não tinha colocado farinha. Ele disse que não comia peixe sem farinha. Na falta de farinha, Andrino abriu um pedaço de pão e botou o filé dentro. Ele lamentou o fato do pão já conter manteiga, o que não era ideal para um sanduíche de peixe.*

[...] *Soldado levou, além de café e pão, um pote com ensopado de cação e farinha. Não vi o lanche do Célio, pois ele estava na proa do barco e eu acabei ficando na popa, mas ele me deu um pedaço de caqui. Célio sempre leva frutas [...]. Valdori levou café e pão [...].*

* * *

Quando pedi a Valdori para simular que estava escutando a corvina com o cano de PVC (para fazer uma fotografia), ele protestou. Valdori disse que não queria ser fotografado “com o pau no ouvido”. Eu insisti e ele fez a simulação, mas de cabeça baixa. [Foto 15, p. 34]

* * *

Quinta, 3 de maio.

[...] *(O vento sul entrou ontem pela tarde (cerca de 17h), como Andrino havia previsto olhando para a “crista de galo” no céu.) [...]*

1.6 O BELO VEM DO MAR

Quinta-feira, 10 de maio de 2001.

Hoje a tarde fui na casa de Andrino, conversar e mostrar as fotos da saída anterior, 1º de maio. Cheguei por volta das 16h, e ele, a esposa e o filho estavam tomando café. Entrei e me sentei à mesa. Perguntei sobre as saídas em que não estive presente, o mar como estava, a quantidade de peixes capturados e a localização da pescaria. [...] Andrino perguntou sobre as fotos da saída anterior, em especial a que fiz dos golfinhos, um cardume grande que passou bem próximo ao barco. Eu mostrei as fotos ampliadas, entregando-as em ordem cronológica a Andrino. Ele olhava cada uma e fazia comentários, relembando e descrevendo a situação, e depois passava a foto a Rose. Ela comentou “como o mar fica bonito” nas fotos. Eu relatei a Rose alguns acontecimentos, como as brincadeiras do Valdori. Andrino comentou que “é sempre assim”, que Valdori não deixa Soldado comer em paz, sempre faz brincadeiras com ele. Rose comentou que é bom trabalhar com gente assim, ao que eu concordei. Andrino falou que nestes últimos dias veio muita estrela do mar e cavalo-marinho na rede, “uns mil cavalinhos”. Tinha muita “lama” no mar. Rose comentou o quanto era bonito o cavalo-marinho. Contei que na saída anterior tinha pego um na mão. Ela lembrou do aquário que eles tinham em casa.

Andrino contou que pegaram um polvo na rede de corvina, mas que escapou. [...] Rose comentou que viu no programa da Ana Maria Braga como preparar o polvo. Para não ficar “borrachudo” é preciso congelá-lo e, depois de descongelado, bater bastante nele e não ferver, “dar só um susto”, aí ele fica macio. Ela gosta de polvo.

Andrino contou que na terça-feira já estava no costão da Galheta voltando para casa quando escutou no rádio que o Ubiratã, bote da Barra, estava quebrado perto da Ilha do Xavier, para fora. Ele retornou para puxar a rede dele, pois o Ubiratã teve problemas com o guincho. O Ubiratã pegou uns 400 kg de corvina. Perguntei se ele não ficou com um pouco, já que foi ele quem puxou a rede. Ele disse que não, que é assim, “uma mão lava outra”. Andrino contou casos de resgate em noites de tempestade, casos em que ajudou companheiros que em outras ocasiões o

havam ajudado. “Lá fora é assim, um ajuda o outro”. Um caso relatado foi confirmado por Rose, que acompanhou tudo em casa pelo rádio. Nesta ocasião Andrino rebocou um bote de Laguna que estava próximo à Ilha do Coral (na Praia da Pinheira) até a Ilha do Campeche, onde se abrigaram da tempestade. [...]

Falamos da ressaca dos últimos dias, do mar mexido, dos estragos [...].

Andrino perguntou: “E não quisesse ir no bailão aquele dia?” Perguntei se eles tinham ido. Eles disseram que sim, que o salão estava cheio de gente, “não dava nem para dançar direito”. Eu falei que fiquei cansada depois de 11h no barco. Andrino riu: “Só onze horinhas”... Ele falou que não tinha coisa melhor do que, depois de trabalhar, “tomar uma gelada”. [...].

Perguntei a Andrino se não era bom ficar um pouco em casa [sem sair pro mar]. Andrino respondeu que não, que se desse para sair todo dia ele saia, que pegar uns 100, 180 kg de peixe por dia já estava bom. Rose comentou que na pescaria da abrótea eles estão de volta ao meio dia, uma hora, pois eles deixam a rede de um dia para o outro e depois vão só recolher. Andrino falou que quando a pescaria da abrótea tá fraca, eles vão de 2 em 2 dias “colher o peixe”.

Olhando as fotos de Soldado e Valdori com o “cambeva” na mão, Andrino e Rose riram, e eu aproveitei para perguntar o motivo da brincadeira, que para mim não tinha ficado claro. Andrino explicou: “A gente não disse pra ti que todo corno tem sorte?”. Devido ao formato da cabeça do tubarão-martelo ele é associado aos chifres que os cornos tem. Andrino disse que em alguns lugares o tubarão-martelo é chamado de “cornuda” e aqui de “cambeva”. “Cambeva nada mais é do que cornudo”, esclareceu Andrino. Rose ria, em especial do Valdori, que aparecia em duas fotos com cambevas nas mãos. [Foto 19, p. 37; 22, p. 39]

[...] Me despedi [...]. Andrino perguntou se eu ia ficar em terra por esses dias. Eu disse que ia esperar esquentar e o mar baixar. Ele riu: “Agora, para frente, pode esperar esquentar!”

1.7 A VENDA DO TARADA

Terça-feira, 15 de maio de 2001, lua minguante.

São quase 10h da manhã. Dom de Deus e Tarada arrumam os botes. Símbolo da Fé (barco da Costa) passou com a rede cheia de peixe agora há pouco. Pela aparência era tainha. Andrino está fora [no mar].

[...] Cruzei o rio [de bateira] e fui falar com Geninho, encarregado do Tarada. [...] Cheguei e perguntei se eles tinham pego muito peixe ontem. Ele explicou que pegaram 260 kg de corvina e que estava lavando o bote porque ele ia “lá pra Pinheira”. Ele vendeu o bote para um conhecido de lá por 15 mil reais (com tudo dentro – dois guinchos e rádio). Segundo um tripulante do barco, um bote novo do tamanho do Tarada custa uns 20, 21 mil. O Tarada tem 7 anos, foi feito “no Rio Grande, em São Lourenço” e está “bem conservado” para a idade dele.

Geninho mandou fazer um bote novo no estaleiro da Barra, mas o motor ainda não está pronto. Segundo ele, só o motor do novo custou mais do que vale todo o velho. Eu não quis entrar nos valores na ocasião, uma vez que era nosso primeiro contato. Geninho vai levar o bote amanhã para a Pinheira, por mar, claro. A viagem deve levar umas 3 horas. O novo proprietário, que é compadre de Geninho, vai trazê-lo de volta de carro. Ele vai ficar parado enquanto o bote novo não ficar pronto. O novo proprietário vai usá-lo na pescaria da tainha. Ele ligou pedindo para Geninho levar o bote porque andou aparecendo tainha pela Pinheira estes dias [...]. Geninho reclamou que na Barra tem só um cara que mexe com motor de barco [...].

Perguntei a Geninho o porquê do nome “Tarada”. [...] Geninho explicou que havia em Rio Grande um grande bote quando ele e o pai pescavam camarão lá. [...] Eles tinham, na época, um barco pequeno. Aí o pai dele disse que queria ter um igual àquele, que se chamava Tarada. Mandou fazer e trouxe para Floripa de carreta. Na época era um dos maiores botes da Barra. O nome ficou o mesmo. Geninho disse: “Todo mundo pergunta porque “Tarada””. [...]

As saídas a rio grande e a outros portos proporcionam, além de capitalização e liberação [sexual] sempre comentados nas conversas, uma atualização tecnológica.

A técnica de escutar a corvina com cano de PVC foi adquirida com pescadores do norte (Itajaí, Bal. Camboriu), por ex.

Geninho me reconheceu e perguntou se não era eu quem estava outro dia no bote de Andrino. Eu aproveitei a deixa para falar um pouco sobre a pesquisa. Ele perguntou se eu não enjoava. Eu confessei que tomava remédio [dramin]. Ele disse “tá certo, tem mais é que tomar mesmo”. Geninho falou que tem muito pescador velho que enjoa. Eu disse: “Quando fica muito tempo sem ir ao mar, né?”. Ele disse que não, que mesmo saindo todo dia, quando pega um mar agitado, pescador que tem “estômago fraco” enjoa.

[...] Ontem apareceu tainha, mas estavam todos na corvina. O Irmãos Vieira mataram um pouco. Hoje quem matou foi o Símbolo da Fé.

Um dos tripulantes do Tarada é filho do Célio, tripulante do Conquistador.

[...] Quando terminou de limpar o bote, Geninho falou: “Tá pronta, só falta botar perfume”.

[...] 5h40min da tarde. Há pouco passou um Show da Vida por aqui [tem Show da Vida I, II, III...]. Havia uns 5 homens dentro do bote, todos com capa de chuva, alguns tomando café. Parecia haver peixe na rede. O Natividade também passou. Rogério fez sinal de negativo com o polegar para os homens do Dom de Deus que pintam o barco à poucos metros do meu posto de observação. No meio da tarde passou uma canoa de um tronco só (essas de pegar tainha, sem motor) com uns seis homens dentro, remando - Pérola do Atlântico, estava escrito na proa.

Pelo visto, a temporada da tainha começou no dia previsto e bem. [A temporada oficial da tainha foi do dia 15 de maio ao dia 30 de junho. Depois Andrino me contou que antes do dia 15 de maio tinha bote que já estava matando tainha.]

1.8 SAFANDO A TAINHA

16.05.2001, quarta.

Ontem a noite fui falar com Andrino por volta das 21h, quando eles retornaram do mar. Eles me viram em frente a minha casa e gritaram: “Vai lá trabalhar um pouco”. Eu peguei o caderno de campo e fui. [...] Havia algumas pessoas em volta, observando o trabalho dos homens de tirar o peixe da rede. A rede era puxada do bote para terra. Célio ficava em cima do barco, jogando a rede para terra, os outros ficavam em terra, puxando a rede e safando o peixe que iam jogando em dois cantos do rancho. Além dos tripulantes, um homem, Paulo, ajudava na atividade. A esposa dele, a mãe, a esposa e a filha de Andrino e eu estávamos assistindo ao trabalho. A atividade das mulheres se restringia à recolher um que outro peixe que, ao ser arremessado à pilha, podia cair longe. Também seguramos o copo e a garrafa de uísque que eles bebiam ocasionalmente. Ao que me parece, nenhuma mulher bebeu. [...]

Soldado comentou que não poderia sair hoje (quarta), e Andrino perguntou a Paulo se ele não queria ir com ele no lugar do Soldado. [...] Eu anotei o telefone do Paulo e dei o papel à filha de Andrino. Rose mandou ela colocar ao lado do telefone, pois Andrino iria ligar a Paulo assim que acordasse. A filha também foi em casa desligar o rádio que tinha ficado ligado [ele fica ligado até Andrino chegar em casa].

Renato, filho de Célio [que trabalha como cozinheiro no restaurante Capitão Fortaleza, ao lado do rancho de Andrino], ajudou no trabalho com a rede. Ele consertou um pedaço que tinha um grande rombo. Seu Deca chegou depois e ajudou.

Rose lembrou Andrino de separar peixes para dar. [...]

Durante o trabalho se conversou sobre vários assuntos. Andrino ia contando como tinha sido o lance. O peixe foi capturado perto da Pinheira, no norte da Ilha dos Corais. Mataram 740kg de tainha, peixe adulto. A que eu levei para casa tinha 59 cm (na impossibilidade de pesar, eu medi). Segundo um dos homens que trabalha para a Pioneira, ontem foram pesadas umas 12 toneladas de peixe na Barra da Lagoa. Só o Símbolo da Fé matou 4 toneladas.

Falaram também sobre a mesquinharia de um pescador, que foi ajudado por Andrino em uma situação de risco em que, segundo contou Valdori depois, o pescador ia perder toda a rede. Andrino puxou a rede, ficou “com dor nas costas” e, ao invés de receber metade do peixe arrecadado (o que seria justo na opinião deles), recebeu apenas uns 100 kg de peixe. O bote capturou uma tonelada.

Alguém falou sobre o defeso que querem implantar aqui. [...] Andrino começou a criticar duramente “esse bando de cientistas que pensam que sabem tudo” e “pegam um papel e saem dizendo como as coisas tem que ser”, e coisas do tipo. Eu fiquei constrangida, pois além de cientista estava com caneta e papel na mão. Mas Andrino não parecia querer me agredir, eu é que vesti a carapuça.

Andrino disse que se for como é o defeso da anchova, pouco vai adiantar, pois eles proíbem de pescar depois que a anchova já desovou. (Outro pescador já havia comentado isto anteriormente.) É um defeso mal feito, em suma. Esta estratégia para conter a superexploração das espécies parece ser bastante rejeitada por Andrino. [...]

Depois de embarcar a rede eles lavaram rapidamente o bote e foram consertar a “carregadeira” que tinha se rompido [...].

Saí do trapiche do restaurante Capitão Fortaleza por volta de meia noite. Andrino e os tripulantes do Conquistador III ainda ficaram arrumando o cabo.[...]

(Antes de ir embora, perguntei a Deca e a Renato quanto tempo a tainha durava sem congelar, guardando só na geladeira. Eles me explicaram que durava 24 horas. Eu disse que não gostava de congelar, que preferia comer fresca. Seu Deca me explicou que tem de congelar inteira, sem limpar, porque senão perde sangue e depois fica seca. Congelando inteira ela fica como fresca, ele me assegurou. Segui o conselho deles. [...])

[...]



Foto 27: Nos grandes lances safa-se o peixe em terra, onde os homens da comunidade, de todas as idades, ajudam na tarefa.



Foto 28: Rose, esposa de Andrino, organiza os peixes nas caixas.



Foto 29: Na sombra do rancho, mulheres da comunidade observam.
No final do trabalho Andrino irá presentear-las com tainhas.
À direita, a rede de corvina, que foi retirada do bote para dar espaço às redes de
tainha e de anchova.



Foto 30: Da esquerda para a direita: Célio, tripulante fixo do *Conquistador*; Valdori, proprietário de um concorrido restaurante da Fortaleza e irmão de Célio; um jovem ajudante; Deca, tripulante do *Conquistador* na temporada da tainha; Saziano, filho de pescador e um senhor da comunidade.



Foto 31: Depois de retirada a tainha, a rede volta para o bote.
Em cima do trapiche, os peixes com os quais Andrino vai retribuir o serviço
prestado pelos homens da comunidade.
Nas caixas, 1760 kg de tainha.

1.9 GRANDE LANCE

Quinta-feira, 17 de maio.

Andrino passou por minha casa por volta das 14h45min. Veio com a rede carregada [de peixes]. Agora estou fotografando o trabalho de tirar os peixes da rede. Andrino disse que o lance foi próximo à Ilha do Campeche. Como pegaram muito peixe, tiveram de voltar para terra para descarregar, pois a rede fica muito pesada. Há vários homens, jovens e idosos da Barra ajudando. [Foto 27, p. 55; 30, p. 58] Alguém pediu uma cerveja. (Penso que Andrino “comemora” os bons lances oferecendo bebida aos tripulantes.)

Ontem, Andrino matou 140 kg de tainha.

[...] Segundo Célio, eles saíram por volta das 5h30min [da manhã]. Agora embarcam a rede. Andrino distribui peixes. Rose lhe chama a atenção, lembrando-lhe nomes e coordenando a venda, chamando-o para vender: “Andrino, tem uma mulher que quer comprar umas 2 tainhas.”

Durante o trabalho de retirada dos peixes, Rose ajudou colocando peixes na caixa e transportando caixas. [...]

Há pouco Andrino deu duas tainhas para uma vizinha que lhe agradeceu dizendo: “Que Deus te abençoe meu filho e que tu mate muito peixe”. [...]

[Esperei pesarem os peixes e anotei a quantidade capturada pelo Conquistador neste dia: 88 caixas, sendo que cada caixa recebe 20 kg de peixe, o que totaliza 1760 kg de tainha. Como as ruas da Fortaleza são muito estreitas, o que dificulta o trabalho de carregamento do caminhão frigorífico, a tainha foi pesada no trapiche do posto de gasolina, a uns cem metros do rancho de Andrino.]

1.10 PERIGO E INCERTEZA

Quinta, 21 de junho.

5h40min. Andrino está saindo.

6h56min. O dia já clareou. Estamos na Mole, em direção ao norte. Fomos até a ponta do Gravatá e agora voltamos. No caminho Andrino me contou como foi o lance de terça-feira, quando pegaram 1215 kg de tainha [...]. O lance foi próximo à Ilha Moleque do Sul. O dia estava chuvoso e ventava forte de sul. Ele ficou preocupado com o forte vento. Quando chegaram a uns 40 metros de profundidade houve uma calmaria, e Andrino disse que teve medo pois aquela calmaria lhe pareceu estranha, e o vento podia dar uma reviravolta depois. Foi aí que ele viu peixe, “uma manta grande, parecia um pasto” de tainha. O peixe “corria” e ele foi atrás, andou mais ou menos uma milha e então resolveu lancear. “É ganhar ou perder”, disse ele, indicando a incerteza do lance. Ele me explicou que com a tainha parada (“boiada”) é mais fácil capturar o peixe. Voltaram tarde para casa, sob forte chuva. O lance foi por volta das 11h, e eles só terminaram de puxar a rede lá pelas 16h. Safaram o peixe no mar. Para Andrino, se ele tivesse pesado o peixe sem tirar nada, dava uns 1500 kg. Estavam com 54 metros de profundidade.

Ontem (quarta) Andrino pegou três caixas de tainha. Pesou 50kg. O vento oeste atrapalhou muito; a tainha correu para fora. [...]

Há um novo tripulante no barco, Osni. Somos 6 homens e uma mulher no bote.

Fui na casa de Andrino, ontem à noite, para combinar a saída de hoje. Ele não estava, e eu conversei com a Rose. Ela me disse que ele estava no bar do Gersino jogando dominó, “como sempre”. Fui até lá e falei com ele. Andrino me disse que ia estar frio e que o mar ia estar “grosso”. Hoje ele me perguntou se eu tomei dramín. Eu disse que sim, pois ele tinha me assustado ontem à noite. Andrino perguntou: “Mas eu menti pra ti?”. “Não”.

7h30min. Paramos próximos à ilha do Xavier para tomar café. Vimos o eclipse, que escureceu o dia. Célio ouviu no rádio alguém chamando o Vani; alguém

viu peixe próximo à boca da Barra. Vamos correndo para lá. Soldado disse: “Deixa o café para depois”.

10h. Paramos um pouco. O vento apertou. Estamos com 48m de profundidade. Segundo eles, o peixe foi para fora, “correu com o vento”.

[Atracamos próximo à Ilha do Campeche para almoçar. Neste dia comi tainha frita que o Andrino me ofereceu. Como eles mataram peixe uns dias antes, eles levavam peixe frito como lanche. Valdori comeu ova à milanesa. Ele insistiu para que eu comesse, mas neguei veementemente. Só o Soldado não levou peixe de lanche; ele comeu aipim cozido. Neste dia Valdori apontou um dos tripulantes que estava deitado do outro lado do bote e disse: “Olha lá, a ‘garota verão’” (como é chamada a vencedora de um concurso de beleza promovido pela TV local). Foi um comentário bastante engraçado pelo inusitado da comparação.

O mar estava bastante agitado, e eu, enjoada, razão pela qual escrevi e fotografei pouco nesta ocasião – até porque não pegamos peixe.]

Chegamos às 16h10min na Barra.

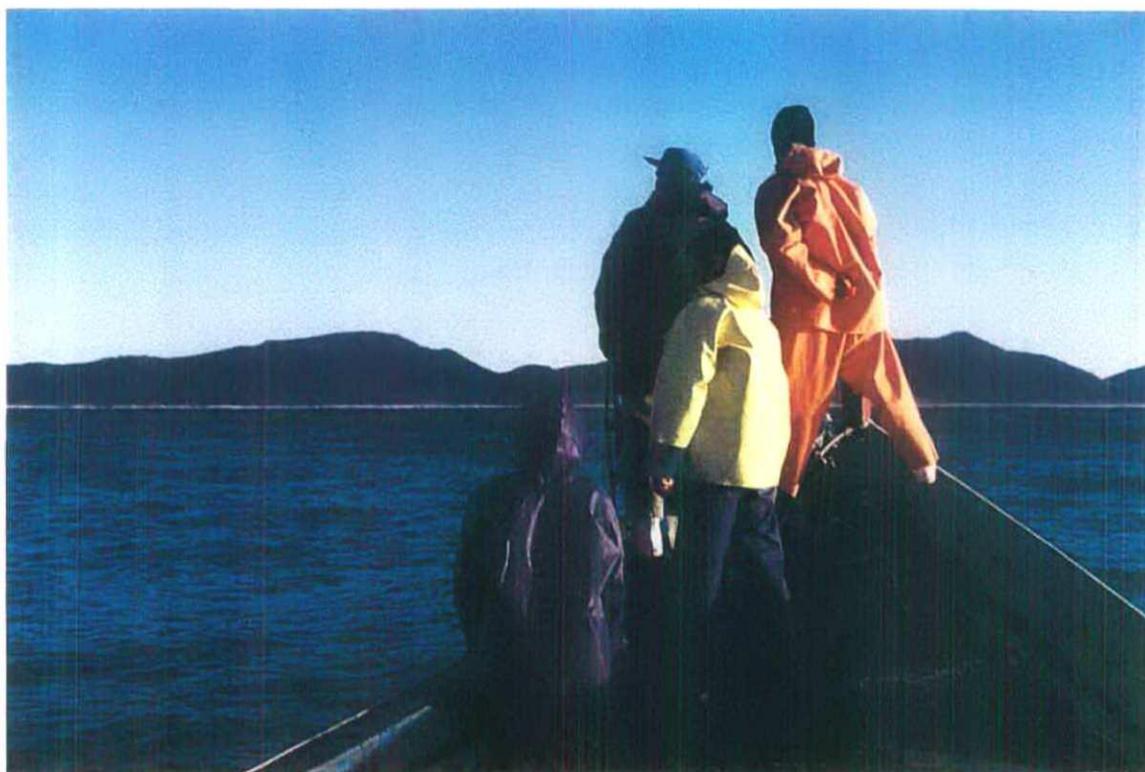


Foto 32: Os tripulantes do *Conquistador* à procura de tainha.

2 INTRODUÇÃO

2.1 A PROPOSTA DE UMA ETNOGRAFIA VISUAL

A proposta primeira deste trabalho é discutir as possibilidades e os limites do uso da fotografia na pesquisa antropológica a partir de um caso concreto - a produção de uma etnografia visual com um grupo de pescadores artesanais da Barra da Lagoa que pescam no *mar de fora* em *botes*¹.

Assim, esta dissertação pretende contribuir para as reflexões desenvolvidas no campo da Antropologia Visual, além de corroborar o campo de estudos da Antropologia da Pesca. Pesquisadores e pesquisadoras que estudam grupos populares também poderão encontrar aqui algumas informações úteis, como a utilização da jocosidade para subverter a hierarquia do bote e para aliviar as tensões provocadas pelo cumprimento de uma atividade para lá de arriscada. Como veremos no capítulo dedicado à pesca, muitos dos fenômenos verificados em comunidades pesqueiras em diversas partes do mundo têm sido interpretados pela antropologia como uma resposta ao risco e à incerteza inerentes à pesca marítima. Também poderão ser encontradas aqui considerações sobre relações de gênero, em especial no tocante ao trabalho de campo.

Por que uma etnografia visual com um grupo de pescadores da Barra da Lagoa? Ou, invertendo a pergunta, por que não uma etnografia visual quando a cultura material (visual) é tão rica em suas formas, cores e significados? A falta de etnografias sobre pesca que tenham os barcos como *locus* de estudo em um Estado notoriamente pesqueiro justifica, por si só, tal empreendimento, pois a fotografia permite descrever cenas visualmente prolixas (GURAN, 1995, p. 159), como é o caso da pesca realizada

¹ Mar de fora é categoria êmica utilizada para definir o mar por oposição à Lagoa da Conceição, *mar de dentro* (RIAL, 1988). Bote também é uma expressão nativa que designa um certo tipo de embarcação motorizada com a qual os pescadores artesanais da Barra da Lagoa vão pescar no mar de fora. Utilizo itálico apenas na primeira vez que as expressões nativas aparecem no texto e explico seu significado local em nota de rodapé quando isto não é feito no próprio texto. Algumas palavras podem ser encontradas no dicionário, outras não, e algumas, quando encontradas, podem ter um significado diferente do usual. Nas aparições subsequentes não faço distinção gráfica, incorporando-as no meu trabalho.

em embarcações. A propósito, as vantagens do uso da câmera fotográfica no registro “desse complexo processo, que é a pesca”, é um dos exemplos citados pelo mestre Jonh Collier Jr. (COLLIER, 1973, p. 15). Em uma obra clássica, didática, Collier apresenta as vantagens do uso da fotografia na antropologia no momento de pesquisa e análise, fornecendo muitos exemplos práticos, boa parte de sua própria experiência de campo. Mas Collier não explora a fotografia como uma forma de comunicação, se conformando com o fato de que, em muitas pesquisas, a imagem não apareça no texto final.

Neste trabalho a fotografia não só ascende ao texto final fazendo parte do corpo da dissertação como pretende ser ela própria um *texto*, ainda que, como veremos, esta analogia tenha limitações. Se a foto é um *texto*, é certamente um outro tipo de texto, bastante diferente do texto escrito, a começar pelo fato de que precisa se apoiar em um texto de uma estrutura diferente da sua para fazer sentido, coisa que o texto escrito dispensa, podendo significar por si. A fotografia (ao menos a antropológica, jornalística e histórica) necessita de duas informações adicionais que a própria imagem não pode fornecer: data e local da exposição do filme. É irônico que a fotografia tenha de restituir o corte que ela própria opera no tempo e no espaço para significar. Voltaremos a este ponto mais adiante, em um capítulo dedicado à especificidade da fotografia e as implicações do uso de algumas analogias na explicação da imagem gerada segundo o princípio da *camara obscura*. Seguindo sugestão de Clifford GEERTZ (1999), procuro testar a corrente analogia da fotografia como um *espelho* e a analogia contemporânea da imagem fotográfica como *texto visual*.

Uma pequena digressão: tratando da especificidade da fotografia, começo defendendo a necessidade de se compreender a técnica que permite formar tal imagem. Cabe aqui uma explicação porque, como fotógrafa, a técnica não é a minha principal preocupação, embora eu tenha sido “educada” pela prática profissional a olhar as imagens e o mundo visível com olhar fotográfico, olhar que vê não apenas “coisas” mas sobretudo luzes, linhas, formas, volumes, textura. Um pouco como disse a fotógrafa Diane Arbus sobre o desenvolvimento de sua prática fotográfica: “Quando

comecei a fazer fotografia, fazia fotos muito granuladas. [...] Mas, após ter trabalhado por algum tempo com todos estes pontinhos, senti um vivo desejo de abandoná-los. [...] Comecei a ficar terrivelmente obcecada com a nitidez.” (ARBUS², apud DUBOIS, 1994, p. 102) Ou o fotógrafo Henri Cartier-Bresson, que, apaixonado pela geometria, disse: “Quando vejo uma cena que não está na proporção certa fico profundamente irritado” (CARTIER-BRESSON, 1994³). Enfim, o exercício da técnica forma um olhar que passa a exigir mais das imagens. Como fotógrafa, não posso me furtar às exigências técnicas do meio, ainda que estas exigências não sejam predominantes neste trabalho. O motivo porque faço aqui uma ode a favor do domínio da tecnologia é um só: porque este é um trabalho destinado à antropólogos, muitos dos quais ainda se munem de câmera fotográfica para sua incursão pelo campo sem saber exatamente para quê. Sem entender o que é a fotografia e sem o *savoir-faire* necessário à sua manipulação, a utilização da mesma será sempre limitada na antropologia, pouco contribuindo para a consolidação do campo da Antropologia Visual e menos ainda para o campo da Fotografia.

Embora utilize aqui a câmera fotográfica para registrar cenas visualmente prolixas, como um diário de campo visual, este trabalho pretende colocar algumas questões que vão além de uma utilização instrumental da fotografia. Afinal, é possível, através e com a fotografia, chegar a uma interpretação adequada de um grupo social? E a que objetos/temas se aplica? Às dimensões mais visíveis da cultura, como organização espacial, técnicas corporais e cultura material? Ou a fotografia também nos permite acessar este aspecto invisível da cultura que é o significado⁴? No capítulo dedicado às questões metodológicas que um trabalho com imagens coloca e tenta resolver, veremos porque a fotografia, da forma como foi utilizada aqui, não é um instrumento de pesquisa mas sim um método no sentido estrito do termo – um “caminho para chegar a um fim”. Neste capítulo também explico como a fotografia foi

² Diane Arbus. Éditions du Chêne, 1973.

³ Declaração feita no documentário realizado por Sarah MOON. **Point d'interrogation**. Paris, 1994.

⁴ Cf. artigo de Etienne SAMAIN (1998, p. 141-158), “No fundo dos olhos: os futuros visuais da antropologia”, onde este autor coloca questões semelhantes com relação ao uso de imagens.

utilizada no-trabalho de mar⁵ (as saídas nos botes) e depois em terra (onde realizei a maior parte dos *feedbacks*) e porque opto por utilizar o diário de bordo⁶ no corpo da dissertação (uma exposição deliberada que tem por trás questões ideológicas e estilísticas).

2.2 A BARRA DA LAGOA HOJE

A Barra da Lagoa está situada na parte centro-leste da Ilha de Florianópolis, Santa Catarina. Existem dois acessos terrestres para se chegar a esta localidade, um pelo norte, pela Estrada Geral do Rio Vermelho, e outro pela Lagoa da Conceição. Dirigindo-se para a Barra pela Lagoa, avistamos uma ponte que cobre o início do canal que liga a lagoa ao mar. É por este canal que as embarcações do Retiro, Costa e Barra da Lagoa (partes do distrito da Lagoa da Conceição) saem para o mar.

O canal da Barra da Lagoa é um espaço liminar entre o mar de dentro (a Lagoa da Conceição) e o mar de fora (mar territorial ou costeiro). “Ir pra fora” ou pescar no mar de fora não quer dizer ir ao “alto-mar”, que se refere a um “ponto do mar donde já não se avista terra” (LEAL, 1991, p. 78). Os botes da Barra pescam em locais onde ainda é possível avistar a terra, e os próprios pescadores com quem conversei não utilizam a expressão “alto-mar” pois conhecem a nomenclatura marítima. De acordo com o tipo de pescaria a ser realizada pode-se afastar mais ou menos da costa, mas esta só não é avistada em dias de nevoeiro.

Posicionando-se por sobre a ponte (de costas para a lagoa) temos, no lado direito do canal, a Fortaleza, localidade considerada distinta mas parte da Barra. Na fala dos nativos, o nome “Barra” pode tanto englobar a Fortaleza como desta se distinguir, dependendo do contexto e da posição daquele que fala. Em geral, quando vai se referir a outras localidades, como Lagoa da Conceição, Campeche, etc., os nativos dizem “eu sou da Barra” de forma englobante. A distinção Fortaleza/Barra

⁵ Utilizo “trabalho de mar” no lugar de “trabalho de campo” quando me refiro ao *locus* privilegiado de minha pesquisa – os botes. Quando me refiro ao trabalho realizado em terra uso “trabalho de campo”.

⁶ Utilizo “diário de bordo” quando me refiro às anotações feitas no mar de fora a bordo de um bote. Quando as anotações são feitas em terra uso “diário de campo”.

serve para diferenciar estes dois espaços dentro do contorno mais amplo da Barra da Lagoa. Antes da construção da estrada, a Fortaleza vivia um relativo isolamento, pois só era possível se chegar “do outro lado do rio” utilizando *bateiras* ou *canoas de garapuvu*⁷. Nesta pesquisa, utilizarei “Barra da Lagoa” como expressão que engloba a Barra e a Fortaleza.

A Barra da Lagoa é uma localidade tradicionalmente ligada à pesca. Mara Lago, citando as pesquisas realizadas por Anamaria Beck, sustenta que é a partir da segunda metade do século XIX que “a pesca começou a assumir maior relevância pelas perspectivas comerciais que oferecia, tendo desempenhado um papel decisivo na inserção gradativa das comunidades litorâneas em uma economia monetizada”, pois, no início da colonização açoriana⁸, a atividade predominante da população de Florianópolis era a agricultura, “sendo a pesca praticada de forma subsidiária” (LAGO, 1996, p. 102).

Subsidiária ou predominante, cabe ressaltar aqui que a pesca vem sendo praticada há bastante tempo na Ilha de Florianópolis. Afora a importância econômica, a atividade pesqueira tem uma relevância simbólica para a população da ilha – e, como veremos, a utilização da fotografia confirma esta hipótese, pois percebe-se o gosto do nativo orientado para o mar e para os peixes. Neste caso, ao contrário do que apontaram Françoise ZONABEND (1984) e Carmen RIAL (1988), o belo não vem de longe mas dali, da Lagoa, ou um pouco mais afastado mas igualmente acessível para aqueles que tem coragem – o mar de fora. Outra hipótese de trabalho confirmada é que a valorização da atividade pesqueira contribuiu para a exequibilidade de uma etnografia visual. O alto rendimento simbólico da pesca aparece também no discurso dos nativos: a maioria dos pescadores com quem tenho conversado costuma dizer, com

⁷ Nomes de pequenas embarcações propulsadas a remo de madeira ou vara de bambu. A bateira é especialmente utilizada para a travessia do canal. Já a canoa, que também pode servir para cruzar o canal, é usada mais na lagoa, na pesca de camarão com *bernunça* (pequena rede quadrada que abre e fecha) e na pescaria de peixes com rede de cerco. Atualmente é proibido cortar o garapuvu (versão nativa de guapuruvu (*Schizolobium parahybum*), árvore leguminosa com que é feita esta canoa, o que contribui para sua valorização. Uma canoa usada custa cerca de 700 reais, dependendo do seu estado e tamanho, mas é difícil encontrar quem queira vender uma. Tanto as canoas de garapuvu quanto as bateiras são pintadas e podem receber nomes como *Almirante*, *Feia*, *Pesadinha*, *Berenice*, *minina*, *Mulata* etc. Nota-se que prevalece, na maioria dos casos citados, os nomes femininos.

⁸ Os primeiros casais de açorianos chegam à ilha a partir de 1748.

orgulho, “sou filho e neto de pescador”. (Desenvolveremos estes pontos no capítulo dedicado à metodologia adotada.)

Além dos nativos, encontramos também na Fortaleza e na Barra moradores *de fora*⁹ e, durante o verão, turistas brasileiros e estrangeiros. Devido a proximidade de praias próprias para a prática do surf, como Mole, Galheta e a própria Barra, a Fortaleza e a Barra são locais de residência para jovens surfistas. Esta heterogeneidade populacional é facilmente reconhecida por quem quer que caminhe pelo local e pelos próprios nativos através da oposição nativos/pessoal de fora. Os contrastes são visíveis, convivendo lado a lado lanchas, jet-skis, canoas de garapuvu e botes, casas sofisticadas das pessoas de fora e ranchos, a “casa” dos barcos, onde ficam guardados os equipamentos de pesca e as pequenas embarcações.

É interessante observar que na Barra da Lagoa não ocorreu o fenômeno observado por Mara Lago em Canasvieiras, uma localidade do norte da ilha de Florianópolis onde o processo de urbanização transformou a antiga comunidade agrícola-pesqueira em balneário (LAGO, 1983). Apesar do processo de urbanização ainda em curso – recebendo turistas e moradores de fora, estrada, luz e, recentemente, rede de esgoto e padaria com jornais, revistas e café expresso – e da conseqüente especulação imobiliária, os nativos da Barra da Lagoa nem por isso deixaram de lado a pesca.

O novo e o tradicional convivem na Barra da Lagoa. Os meninos aprendem desde cedo a conduzir pequenas embarcações com varas de bambu e a *matar peixe*¹⁰ com todo o tipo de apetrechos. Com a urbanização e o aumento populacional os pescadores não abandonaram a tradicional atividade, mas passaram a exercê-la paralelamente com outras ocupações, como fazer passeios de barco ou alugar casas para os turistas no verão.

Como mostra James Acheson em seu artigo *Anthropology of Fishing*, esta complementação de atividades vem sendo observada em comunidades pesqueiras de

⁹ *De fora* é uma categoria êmica utilizada pelos *nativos* (também categoria êmica) de Florianópolis para designar os emigrantes de camadas médias que aportam à ilha a partir da década de 70. Esta oposição nativos *versus* pessoas de fora é analisada por RIAL (1988).

¹⁰ Expressão nativa utilizada para designar a atividade de captura do pescado.

todos os cantos do mundo. Para Acheson, a sazonalidade e a incerteza inerentes à pesca contribuem para o estabelecimento deste fenômeno (ACHESON, 1981, p. 291-292). Se antes da urbanização a atividade complementar à pesca era a agricultura, atualmente a complementação se dá principalmente na exploração imobiliária e turística, através da construção de casas para alugar e da realização, durante o verão, de passeios turísticos com os barcos, que inclusive recebem modificações estruturais para exercer o novo papel: os pescadores fazem uma *casaria*¹¹ para proteger os turistas do sol e colocam cadeiras de plásticos para estes sentarem.

Dos diferentes tipos de pesca que são realizados ali, me interessei por estudar um em particular: a pesca realizada no mar de fora em botes, estas coloridas embarcações motorizadas que transitam ao longo do canal da Barra, com seus nomes curiosos e inspirados como *Rainha das Ondas*, *O canto da sereia*, *Tarada*, *Marisca*, *Maria do Mar*, *Cigano*, *Conquistador*, *Osso de Baleia*, *Navegador*, *Xaréu*, *Tubarão Branco*, *Show da Vida*, *Fuscão Preto*, *Furacão do Mar*, *Sol Encantado*, *Pesca Brasil*, *São Pedro*, *Dom de Deus*¹².

Os botes têm tamanho variável. O *Conquistador III*, embarcação onde realizei o meu trabalho de mar (fora uma saída exploratória com o *Natividade*), é considerado um bote grande, com 12 metros de comprimento. O formato da popa, parte traseira do barco, também pode variar, podendo ser mais estreita, como é o caso do *Natividade*, na forma da letra “v”, por exemplo, ou mais larga, como no *Conquistador*, que diz ter sido o primeiro a construir, no canal, um bote com a popa “aberta”, quadrada.

É interessante observar que também aqui as categorias nativas para os diferentes tipos de embarcação (bateira, bote e baleeira) tem uma precisão flexível, dependendo do contexto em que é empregada (como no caso da definição geográfica Barra/Fortaleza). Quanto são utilizadas em uma comparação entre os tipos, estas

¹¹ Expressão nativa utilizada para designar a cabine das embarcações ou simplesmente um toldo de lona.

¹² A dimensão e a proposta deste trabalho não me permite aprofundar a questão dos nomes dos botes, mas podemos classificá-los de acordo com o universo que invocam. Nestes exemplos supracitados, encontramos nomes femininos, masculinos, midiáticos, religiosos e naturalísticos. Alguns têm significados ambíguos, como o caso de *Conquistador*, que, segundo seu proprietário, “se não for conquistador de mulher, pelo menos que seja conquistador do mar”. O título desta dissertação, a

categorias tem um sentido mais preciso. A baleeira, por exemplo (barcos utilizados atualmente no transporte de passageiros da Lagoa da Conceição para a Costa da Lagoa e no passado na pesca de baleia), é diferente dos botes da Barra, que tem ré e em geral são maiores, podendo se afastar mais da costa. Mas estas expressões podem também ser usadas de forma genérica, servindo para todo o tipo de embarcação motorizada. Enquanto escrevia o projeto, eu me preocupei excessivamente em entender as diferenças formais dos diferentes barcos. Foi somente depois, quando realizava o trabalho de campo, que entendi que esta precisão em definir nomes não tinha importância para os próprios pescadores. Transcrevo um trecho do meu diário de campo onde aparece uma conversa que me fez entender a flexibilidade dos nomes.

Terça-feira, 13 de março de 2001.

[...] No trapiche do posto de gasolina [...] conversei com Luciano, do Caló I, e com seu Nemésio, dono do *Rainha das Ondas* (mas é o filho quem trabalha no bote). Ele disse que foi a esposa quem escolheu o nome; ele ia botar *Rainha do Mar*, em homenagem a Iemanjá, aí a mulher sugeriu o nome atual e ficou. Ele disse: “Ela é menina, é bateira, então botei um nome de mulher”. Eu demorei a entender [um pouco devido ao falar rápido dos nativos]. Ele queria dizer que não era bote, que é redondo, pois o *Rainha das Ondas* tem a popa quadrada. **Eu protestei: “Mas cada um chama de um jeito!”.** E ele respondeu: **“E outro, d’outro”.** O Rainha foi feito na Barra, e “o bote é feito no Rio Grande”. “O Rainha é uma chalana”, explicou. [...] ¹³

Alguns botes como o *Tubarão Branco* e o *Tarada I* possuem compartimento com beliches, o que, juntamente com outros recursos tecnológicos, como geladeira, proporciona maior autonomia no mar. Em épocas propícias à pesca, a tripulação dorme no bote. Mas este não é o caso da maioria das embarcações da Barra. Em geral, os pescadores passam “jornadas” no mar. Estas jornadas variam de acordo com a espécie capturada e com a condição do dia (maré, vento, transparência da água, lua), se é um dia favorável ao trabalho ou não. Em um dia favorável é comum sair cedo, antes do dia amanhecer, e voltar no final do dia ou já de noite. Esta pesquisa foi realizada acompanhando o *Conquistador III* em seis jornadas no mar de fora.

exemplo dos nomes dos botes, faz alusão ao universo masculino e feminino, real e imaginário, que povoa a pesca da Barra da Lagoa.

¹³ Os colchetes sinalizam observações ou supressões feitas no momento de transcrição do diário para o computador.



Foto 33: Início do canal. Ao fundo, a Lagoa da Conceição.



3 A FOTOGRAFIA COMO MÉTODO

3.1 COMO FOI FEITA A PESQUISA

Minha pesquisa com pescadores artesanais da Barra da Lagoa começou de forma sistemática em março de 2001, embora eu os venha observando desde 1998, quando me tornei moradora deste local, instalando-me à beira do canal da Barra.

O meu posto de observação foi (e até o momento de escrita da dissertação ainda o é) a minha residência - local privilegiado para a observação não só por dispensar deslocamentos, mas também por estar situado em frente do único posto de combustível da região preparado para abastecer barcos, o que faz com que todo tipo de embarcação que transita pela Lagoa e o mar tenha de passar por ali. Segundo um pescador, até barcos do Campeche vêm abastecer neste posto, trazendo galões para estocar grandes quantidades de combustível devido à grande distância. (Com base em minha experiência nos botes, calculo que uma viagem do posto até o meio da praia do Campeche leve cerca de 40 minutos).

Antes de iniciar a pesquisa, alguns pescadores já me conheciam “de vista” das ruas da Fortaleza ou do trapiche da minha casa, onde nos momentos de ócio eu costumava tomar chimarrão e observar o vaivém dos botes. Muitos me viram fotografando as paisagens e os pássaros da região em diversas ocasiões, e também uma saída do Arréda-Boi pelas ruas da Fortaleza durante o carnaval de 2000. O Arréda é um grupo local de Boi-de-Mamão, brincadeira popular ao estilo do bumba-meu-boi, com tambores, personagens animais (o boi, a cabra, o cavalo), humanos (a dona Maricota e seu marido, o Pai João) e fantásticos (a Bernunça e seu filhote, o Jaraguá). O Boi-de-Mamão é uma brincadeira apreciada pelos nativos, que costumam seguir o boi pelas ruas, cantando as toadas e dançando ao ritmo dos tambores.

A minha introdução na Barra da Lagoa, portanto, não ocorreu de forma repentina. Além de me “apresentar” como fotógrafa, procurei me integrar à comunidade, conversando com seus moradores e freqüentando bares que os pescadores freqüentam.

No Fortaleza's Bar - mais conhecido como Bar do Gersino, nome do seu proprietário, ex-pescador - fui várias vezes, algumas para contatar meu principal informante, Andrino, outras sem compromisso acadêmico. Os pescadores costumam se reunir aí de noite para jogar dominó e bebericar. O bar possui também uma mesa de sinuca, mas é o dominó, jogado em dupla, que mais desperta o interesse dos pescadores. A dupla que leva a *lisa*, isto é, que perde sem marcar ponto, paga dois reais ao bar. Quando o dinheiro acumulado é suficiente se faz a “carne das lisas”, um churrasco que todos aqueles que jogam dominó podem participar. Cheguei a jogar algumas partidas, mas o dominó em duplas tem estratégias e artimanhas que não são fáceis de se compreender.

Antes de iniciar a pesquisa contatei alguns pescadores e falei sobre o trabalho que pretendia realizar. Em duas ocasiões diferentes dois pescadores da vizinhança apontaram as dificuldades de uma incursão ao mar de fora quando falei de meu interesse em fotografar a pesca nos botes: passavam o dia inteiro no mar, eu poderia enjoar, não teria o que fazer, etc. Quando fui apresentada por um vizinho ao proprietário do *Natividade*, este se mostrou mais receptivo ao meu pedido. Aproveitei a receptividade e combinei uma saída de mar exploratória.

Esta primeira saída ocorreu no dia 30 de outubro de 2000 (uma segunda-feira) e foi bastante significativa, pois foi a minha iniciação na pesca no mar de fora. Quanto à pesca no mar de dentro – o canal e a lagoa - esta já era conhecida, tanto por observação como também através de experiências pessoais, em especial na captura de camarão com *bernunça*¹.

Nesta primeira saída levei máquina fotográfica, caderno para anotações, água, sanduíche e capa de chuva (que felizmente não precisei usar; depois fiquei sabendo que o dono do barco havia levado uma capa sobressalente para mim). Fiz algumas fotografias e anotações. **[Foto 34, p. 75]**

¹ *Bernunça* ou *bernúncia* é um pequeno aparelho de pesca que abre e fecha, feito de arame e malha, utilizado para a pesca de camarão. Com a incidência de algum tipo de luz sobre a água o olho do camarão brilha, permitindo sua identificação e captura – que com a *bernunça* se dá um de cada vez. Também é uma “figura fantástica do Boi-de-Mamão”. No dicionário eletrônico **Aurélio** consta esta última definição. É interessante observar que existe uma semelhança entre a figura do Boi-de-Mamão e o formato do aparelho de pesca.

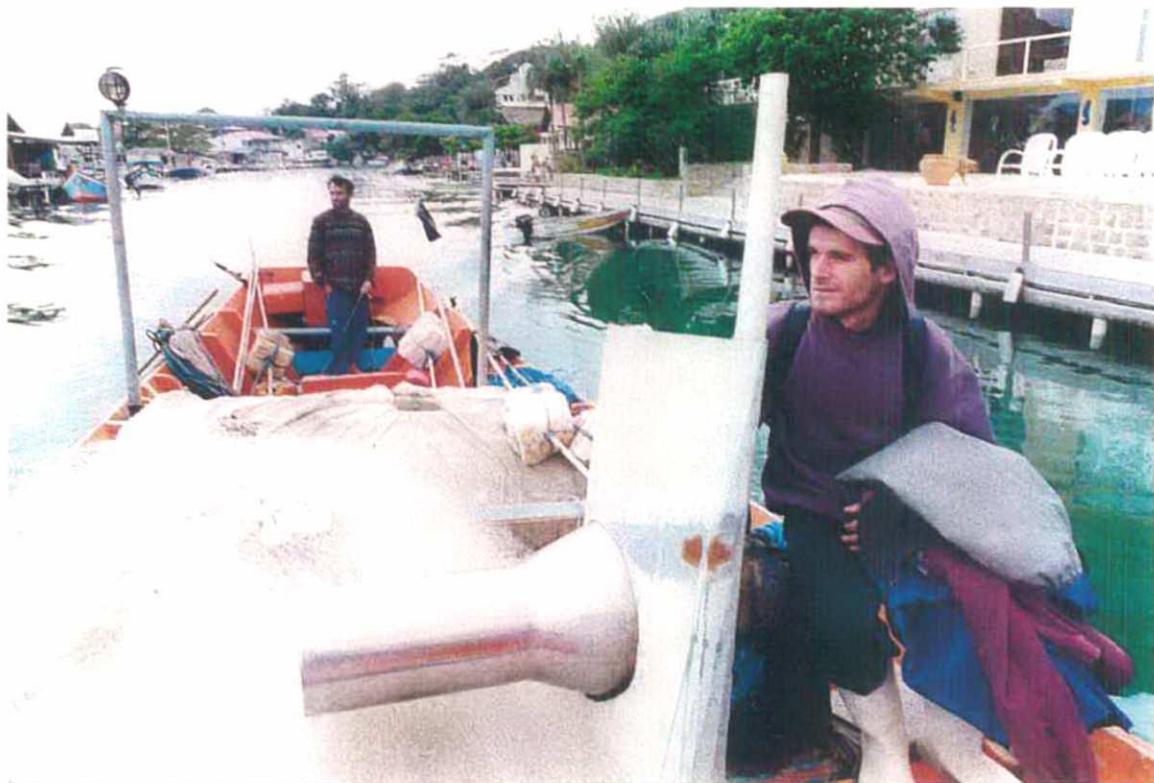


Foto 34: Retornando do mar de fora a bordo do *Natividade*.
Canal da Barra.

Assim, ao contrário das advertências que recebi me alertando sobre a tradicional interdição das mulheres nos barcos de pesca, não tive maiores dificuldades para entrar no *Natividade*, bastando para isso insistir um pouco e convencer meu informante de que eu não enjoaria, prometendo tomar *dramin* (remédio contra enjôo) antes da saída, coisa que realmente fiz. A maior preocupação dos pescadores com quem conversei parecia estar relacionada à possibilidade de enjoar no mar, o que, segundo relatos, acontece também com homens não iniciados nas atividades marítimas e pesqueiras.

Após esta saída de campo exploratória, passei a acompanhar a rotina de trabalho de outro bote, o *Conquistador III*, em jornadas onde cheguei a permanecer até 13 horas no mar com seus tripulantes - Andrino, proprietário do barco, Valdori, Soldado, Célio, e, durante a temporada da tainha, Deca e Osni. A relação que estabeleci com estes informantes se tornou tão favorável e amistosa que resolvi permanecer fiel ao *Conquistador*, ao invés de observar a rotina de trabalho de outros botes.

A pesquisa de mar a bordo do *Conquistador* foi realizada através de observação participante, fotografia e conversas informais com seus tripulantes. Mantive um diário, onde fiz anotações das saídas no mar de fora e também dos *feedbacks*, das conversas informais e observações realizadas em terra.

Ao todo foram seis saídas com o *Conquistador*, em um pesquisa que se estendeu do início do mês de março ao final do mês de junho.

Não utilizei gravador, embora até intencionasse fazê-lo, pois pensava que assim poderia ficar com as mãos livres para fotografar ao mesmo tempo em que registrava os depoimentos dos pescadores. Mas o barulho do mar, do vento e do motor do bote não me permitiria ficar com as mãos livres; eu teria de segurar o gravador próximo da boca dos informantes para registrar algo audível, o que, além de não resolver o meu problema, poderia intimidá-los.

Algumas dificuldades intervieram no trabalho de mar, como o desconforto causado pelo balanço constante do barco, o que me provocava náuseas. Para diminuir o enjôo e evitar que eu vomitasse, tomei *dramin* em quase todas as saídas ao mar de

fora, exceto em uma quando no dia anterior Andrino me garantiu que o mar estaria calmo, “lisinho”. O uso constante de remédio contra enjôo (que, não obstante, não o eliminava totalmente) me deixava com sono, fato agravado pelo horário necessariamente cedo em que os pescadores saem ao mar. Em uma ocasião, cheguei a dormir deitada em uma rede, seguindo o conselho dos pescadores, que me recomendavam “tirar um soninho”. O repouso foi agradável, fazendo passar o enjôo.

Devido à náusea e ao sono, em diversos momentos tive de interromper as anotações no diário, pois se fotografar até que não era tão incômodo, e me ajudava a passar o tempo e a me distrair, ficar com a cabeça abaixada para escrever aumentava o mal estar. Nestas ocasiões, as anotações eram interrompidas, sendo retomadas no dia seguinte à saída, quando os fatos ainda estavam frescos na memória. No capítulo onde apresento o diário de bordo, estas anotações feitas posteriormente estão sinalizadas com asteriscos (***). Já os colchetes sinalizam supressões ou observações feitas no momento de transcrição do diário de bordo para o computador - trabalho moroso mas produtivo, pois se tornou um importante momento de reflexão.

Para aliviar o enjôo, empreguei a estratégia – que se mostrou eficiente - de tomar banho de mar, o que quase sempre surpreendia os pescadores, pois eles não têm este hábito. Como também não há banheiro nos botes, eu aproveitava estas ocasiões para urinar. Outra estratégia utilizada contra a náusea estava de acordo com as práticas nativas: me alimentar constantemente dentro do bote, mordiscando frutas, bolachas, sanduiches e porções de peixes frito que os pescadores levavam e me ofereciam (preparados anteriormente pelas esposas). Só não comi ova de tainha, alimento que me pareceu demasiado forte para uma marinheira de primeiras viagens.

Parte da pesquisa foi realizada em terra, através de observação, conversas informais e fotografia. Fotografei a chegada dos barcos para *safar*², descarregar e pesar os peixes. Fotografei também duas festas religiosas – a Festa de São Pedro na Barra da Lagoa e a Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes pela Lagoa da Conceição. As duas festas estão relacionadas à pesca, e os pescadores participam delas com maior ou menor grau de envolvimento. [Foto 35, p. 78; 36, p. 79]

² *Safar o peixe* é, na fala dos pescadores da Barra, o trabalho de tirar o peixe preso na rede.



Foto 35: Decoração do altar da Igreja São Pedro, na Barra da Lagoa, por ocasião do dia de São Pedro, padroeiro dos pescadores.
(29 de junho de 2001)



Foto 36: Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes
pela Lagoa da Conceição.
Andrino participou da procissão com parentes e amigos a bordo do
Conquistador (no fundo, à esquerda).
(3 de fevereiro de 2002)

Foi em terra que realizei a maior parte dos *feedbacks* das fotos, em geral em frente à casa de Andrino, onde ele e os tripulantes costumam ficar *consertando e entralhando*³ as redes quando não saem ao mar para pescar.

Em algumas ocasiões fui convidada a entrar na casa de Andrino, onde aproveitei para conversar também com a família dele - a esposa, a mãe, a filha adolescente e o filho de 7 anos de idade. Embora enfoque nesta pesquisa apenas o trabalho e as relações sociais dos pescadores no mar, me pareceu válido ter contatado a família, principalmente para esclarecer os objetivos da pesquisa, evitando situações constrangedoras que poderiam surgir devido a presença de uma mulher em um espaço masculino.

Obtive, assim, o consentimento para realizar a pesquisa não só da parte dos pescadores, mas também da família de um deles. Não contatei outras famílias, mas como na Barra as notícias se espalham rapidamente, creio que as demais tinham conhecimento da pesquisa, até porque os pescadores levavam fotografias para casa. Não se trata de um “consentimento informado” (assinado), mas de uma aprovação verbal, no caso dos pescadores, e tácita, no caso da família de Andrino. O resultado estético e mesmo a viabilidade de uma pesquisa com imagens depende fundamentalmente do consentimento das pessoas retratadas.

Justamente por se tratar de uma pesquisa com imagens do Outro, este trabalho não mantém o anonimato dos informantes. Na medida em que mostro os pescadores nas fotografias, não me pareceu ter sentido conservar o anonimato ou mesmo forjar nomes, até porque os pescadores poderiam ser identificados pelos barcos. Os nomes das embarcações são bastante significativos do universo simbólico dos pescadores da Barra para serem omitidos. Assim, optei por preservar os nomes dos pescadores, sendo que alguns me autorizaram explicitamente a fazê-lo.

Em diversas situações percebi um interesse por parte dos pescadores de colaborar com a pesquisa. Em uma ocasião, quando caminhava pela rua principal da

³ Os pescadores chamam de *consertar rede* o trabalho de reparo que necessita ser feito constantemente nas redes de pesca. Note que não se diz “costurar rede”, expressão que explica bem em que consiste este trabalho. Já *entalhar* significa fazer uma rede nova, juntando à malha o chumbo (em uma extremidade) e a cortiça (na outra).

Fortaleza, um pescador me perguntou se eu já tinha visto o bote dele (ele havia pintado) e me convidou para fotografá-lo: o bote se chama *Rainha das Ondas* e tem uma sereia desenhada na proa, junto do nome.

3.2 A QUESTÃO DO GÊNERO NA PESQUISA DE CAMPO

Antes de iniciar o trabalho de campo, fui informada por antropólogos sobre a tradicional interdição das mulheres aos barcos de pesca, o que inviabilizaria minha pesquisa. Não foi sem surpresa que vi, certa vez, passando pelo canal, uma mulher conduzindo um bote de pesca. No barco havia também um homem. Segundo as informações que obtive, esta mulher é companheira do proprietário do barco *Pai Herói*, e embora não pesque no mar de fora, ela demonstra estar muito a vontade no bote, pilotando-o no canal e no mar de dentro. Após ter observado esta mulher conduzindo um barco pelo canal, me senti mais segura para ir adiante com minha pesquisa.

A presença de mulheres nos barcos de pesca não é, de fato, freqüente na Barra da Lagoa, e o caso relatado por um pescador da “heroína” que pescava com o marido no mar de fora é uma óbvia exceção, justificada nos discursos pelo fato de ser uma mulher de fora, uma *desviante* – não só com relação à pesca mas também a sua profissão anterior de prostituta. A companheira do proprietário do *Pai Herói* também pode ser vista como mais uma exceção – e talvez existam muitas “exceções” não observadas e não relatadas aqui! – pois as meninas, diferentemente do que ocorre com os meninos, não são socializadas nos botes de pesca.

Apesar de ser uma atividade predominantemente masculina – e são os meninos e não as meninas quem aprendem desde cedo a pescar, vi (uma única vez, é verdade) uma menina conduzindo uma embarcação motorizada, acompanhada por um pescador. Mais tarde soube que esta menina de 11 anos, filha da esposa do pescador que a acompanhava, foi pescar lula no mar de fora, não enjoou e só não foi mais ao mar porque “é muito teimosa” e não obedece o padrasto que resolveu não mais levá-la, apesar da insistência da garota.

As mulheres nativas não trabalham diretamente nos barcos, e esta é, na grande maioria dos casos, a regra geral da pesca. Mas devemos ter em mente que a divisão sexual do trabalho é social e culturalmente determinada, e, como observa ACHESON (1981), mulheres trabalham em embarcações em outros lugares do mundo, como nos barcos industriais soviéticos:

there are a large number of cases where women do participate in fishing. Hornell refers to several examples from around the world in which women are involved in all kinds of fishing operations – some of which are very demanding and dangerous (...). There are also women on Russian factory ships and Swedish girls who help pull nets in the Baltic fishery (...). As Andersen & Wadel (...) point out, the relative mix of men and women in different work situations must always be explained “in cultural terms and fishing activities are no exception”. (ACHESON, 1981, p. 298)

Após minhas experiências nos botes, passei a considerar estes tabus de gênero como flexíveis. Claro que o fato de eu ser uma mulher de fora me colocava em uma posição ambígua, diferente da posição das mulheres nativas.

Devo observar, portanto, que meu papel na Barra da Lagoa nunca foi apenas um. Meus vários papéis - mulher de fora, pesquisadora, estudante da Universidade, fotógrafa, amiga, vizinha, tripulante - se mesclaram neste tempo de permanência no local. Como observou FOOT-WHITE (1980), muitas vezes importa menos para o grupo estudado o que você está pesquisando do que o tipo de pessoa que você é, como você se porta. Então a questão da fotografia deve ser vista neste contexto; seria simplista dizer que foi graças à fotografia que consegui entrar neste espaço reservado culturalmente aos homens. Mas devo admitir que minha presença nos botes torna-se mais compreensível com a câmera pendurada no pescoço.

3.3 A FOTOGRAFIA COMO MEDIADORA DE RELAÇÕES

Desde o início da pesquisa a relação com o grupo foi mediada pela câmera fotográfica. Diferente de uma descrição textual, a descrição fotográfica não pode ser feita com base em um relato posterior. A conclusão é óbvia mas não deixa de ser importante: “estar lá” é imprescindível para a fotografia. Daí talvez o porquê de se

usar tanto (e quase sempre de forma secundária) a fotografia nas pesquisas de campo: ela é uma prova irrefutável de presença – mas, como veremos mais adiante, não de sentido (BARTHES, 1984, p. 129; DUBOIS, 1994, p. 52).

Como observou Sônia TRAVASSOS (1996) em sua pesquisa com jogadores de damas e xadrez em um espaço público do Rio de Janeiro, a câmera fotográfica justifica uma presença feminina em um espaço masculino, pois para fotografar é preciso “estar lá”.

A atuação da câmera fotográfica como mediadora de relações interpessoais também foi apontada pelo fotógrafo Sebastião SALGADO (2000): “A fotografia é uma coisa fabulosa para te permitir entrar na comunidade dos humanos”, disse ele, respondendo a uma pergunta de um jornalista sobre o prazer de fotografar.

Se a fotografia pode servir como um instrumento de aproximação e inserção junto ao grupo que se pretende retratar cabe observar que também pode se dar o contrário, isto é, a presença da câmera pode intimidar as pessoas. Como apontou Colette Piault, o método e a técnica adotados na pesquisa devem se adequar ao meio e ao tema que tratam, levando em consideração também a relação das pessoas filmadas/fotografadas com as imagens em geral: “conheceram a televisão ou [...] só viram a própria imagem no reflexo na água de um charco?” (PIAULT, 1996, p. 62)

Em uma breve pesquisa realizada com coletores de berbigão da Praia da Tapera⁴, Florianópolis, encontrei dificuldades para fotografar: as pessoas não queriam aparecer nas fotos.

Além do fato da pesquisa ter curta duração, não permitindo estreitar a relação com os informantes, e da atividade ser coibida pelo IBAMA, um fato dificultava ainda mais a relação dos informantes com a câmera fotográfica: os homens que trabalham como catadores deste molusco têm vergonha de efetuar um trabalho considerado feminino – repetitivo, mal remunerado e realizado próximo de casa, em comparação com a pesca realizada no mar, que aciona atributos considerados masculinos, como coragem e força.

⁴ Pesquisa realizada durante a disciplina “História da Pesquisa Arqueológica em Sambaquis”, ministrada pela professora Maria Dulce Gaspar (Museu Nacional/UFSC).

Conforme os depoimentos colhidos, os homens que exercem esta atividade são desempregados que viram na coleta de berbigão uma alternativa de sobrevivência. Antes vendiam carnês, dedicavam-se à jardinagem e à construção civil. Como observou a coordenadora da pesquisa, Maria Dulce Gaspar, os homens envolvidos “Consideram a atividade como provisória em suas vidas, envergonham-se de obter o sustento com este tipo de tarefa e anseiam pela reintegração no mercado de trabalho” (GASPAR, 2000, p. 16).

O homem que passa a exercer esta atividade procura manipular estas representações, implantando tecnologia que permite aumentar a produção (usando rodos de ferro, por exemplo, que permitem capturar um maior número de moluscos) e se responsabilizando pela comercialização do produto, mas, diferentemente do pescador da Barra da Lagoa, não tem orgulho do seu trabalho. Levanto a hipótese de que seja por não oferecer *risco* que a coleta de berbigão no mar costeiro, raso e lamacento da Praia da Tapera seja considerada uma atividade feminina.

Para Piault, a pesquisa que trabalha com imagens precisa ter “um sentido e uma certa importância para as pessoas filmadas com que se vai colaborar e que se insira, de algum modo, no lugar” (PIAULT, 1996, p. 60). Assim, realizar uma pesquisa imagética com sujeitos que não se identificam com o tema estudado e que não querem “aparecer” é um trabalho árduo e que parece ter limites, ainda que existam alternativas visuais para a recusa - como fotografar apenas o produto da coleta, as mãos trabalhando e os homens, quando permitiam, de cabeça baixa, no caso das catadoras e dos catadores de berbigão da Praia da Tapera. **[Foto 37, p. 85; 39, p. 86]**

Na pesquisa com os pescadores da Barra me beneficieei e explorei o fato dos pescadores valorizarem seu trabalho. Acredito que o bom rendimento da investigação antropológica com imagens depende não só do consentimento do grupo retratado como também do seu envolvimento positivo com a pesquisa.



Foto 37: As mãos ágeis das coletoras de berbigão que não quiseram aparecer nas fotografias.

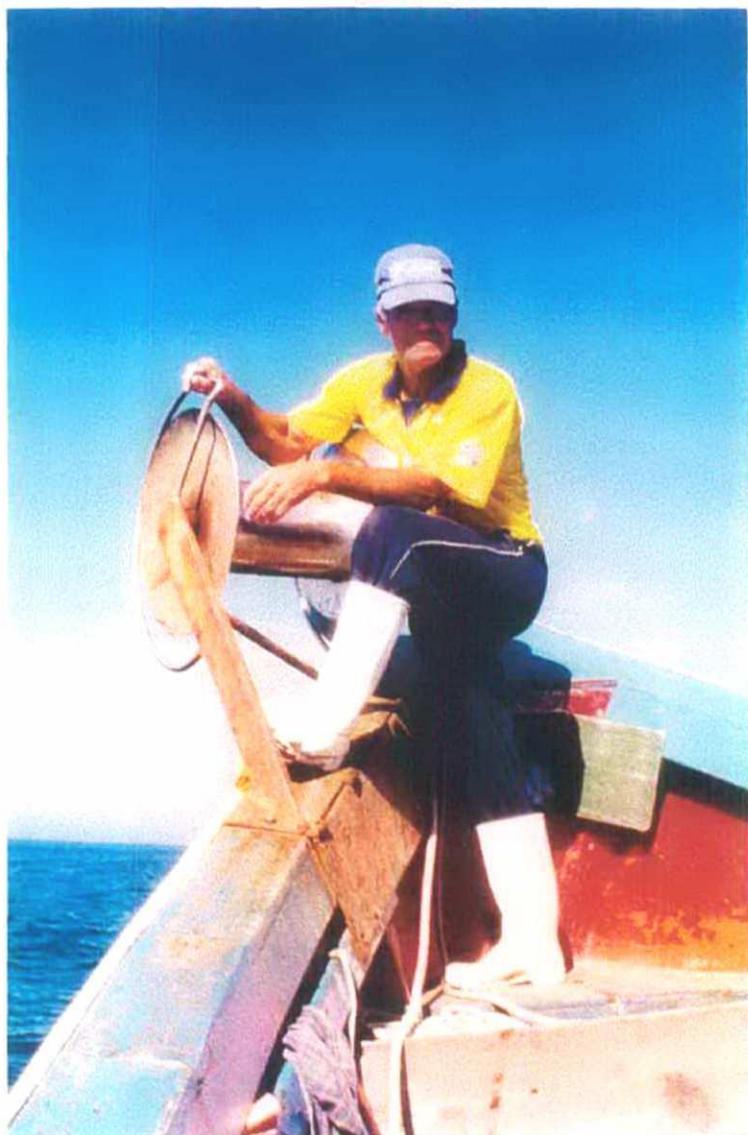


Foto 38: Célio (acima) a bordo do *Conquistador*.
Foto 39: Um coletor de berbigão da Praia da Tapera.

Através da análise das imagens pude perceber, pela postura dos fotografados nestas diferentes pesquisas, os valores que tais atividades envolvem. É notável o contraste entre a imagem de Célio, tripulante do *Conquistador*, e a de um catador de berbigão da Praia da Tapera: enquanto um ergue a cabeça, altivo, o outro abaixa, constrangido. **[Foto 38-39, p. 85]**

Roberto Kant de Lima observou em sua pesquisa com pescadores do litoral fluminense que “A maioria dos pescadores gosta de ser fotografado, *principalmente no trabalho*”⁵ (KANT DE LIMA, 1997, p. 39).

Aqui percebi que os pescadores gostam de ser fotografados *principalmente quando há peixe* (embora tenham permitido que eu fotografasse livremente nas demais ocasiões). Mesmo a captura de um animal que desperta a zombaria dos companheiros é oferecida com satisfação para a fotografia, como é o caso do cambeva fígado por Soldado. **[Foto 19, p. 37]**

A atividade de ir ao mar procurar cardumes é considerada um trabalho frustrado quando peixes não são capturados. Certa vez, quando em balde procurávamos cardumes a bordo do *Conquistador*, um de seus tripulantes, Valdori, disse, ao saber do adiantado das horas: “E até agora ninguém trabalhou!”. Eu, que apenas observava, falei: “Eu estou trabalhando”. Ele prontamente retrucou, brincando: “*Mandriona*⁶, trabalha sentada!”. Além do fato de envolver menos esforço físico que a atividade de captura, a procura não é remunerada. Uma vez que os pescadores recebem “partes” do dinheiro obtido com a venda dos peixes, se não há peixes capturados não há “parte”. (Desenvolvo a questão da remuneração no capítulo 5.)

Parafraçando Kant de Lima, o grupo de pescadores com que trabalhei gosta de ser fotografado *no trabalho* - categoria êmica que significa fazer força, capturar peixes, receber parte no final do mês e levar para casa um produto da pescaria – alimento do dia-a-dia do pescador.

Não é à toa que as imagens mais apreciadas são as que aparecem peixes. **[Foto 5, p. 8]** Muitas destas imagens foram sugeridas pelos próprios pescadores, às vezes verbalmente **[Foto 9, p. 12]**, noutras fazendo pose na expectativa de que eu

⁵ Grifo do autor.

fotografasse. [Foto 3, p. 6; 12, p. 27]. De acordo com uma proposta dialógica, procurei atender a todas as sugestões de tomadas fotográficas, mesmo quando já estava satisfeita com meu trabalho fotográfico e mesmo tendo de usar os filmes com parcimônia. Estas fotografias sugeridas me parecem ser significativas da imagem que os pescadores fazem de si.

Uma imagem em especial foi muito solicitada nas jornadas no mar de fora. Trata-se do momento de puxada da rede de cerco, quando os primeiros sinais de peixe aparecem ainda dentro d'água, um brilho com contorno ainda não definido, mas suficiente para indicar ao pescador que o lance foi bem sucedido. (Reconheço aí a mesma ansiedade da fotografia, que precisa ver a imagem latente transformada pelo processo químico em imagem visível para se certificar de que tudo saiu conforme o planejado.)

Na saída do dia 8 de abril de 2001, cheguei a fazer algumas destas imagens desejadas, mas um problema com o filme impediu que eu pudesse aproveitá-las. O filme foi atingido por fungos devido aos altos níveis de umidade do ar que fustigam especialmente as cidades litorâneas. Esta é a razão porque apresento tão poucas fotos de uma jornada de 13 horas no mar de fora⁷.

Também percebi uma certa decepção com o fato do filme ser preto-e-branco quando mostrei aos pescadores as poucas fotos que ampliei desta saída. Célio chegou a dizer que uma foto iria ficar bonita se fosse colorida. [Foto 14, p. 33] Se os botes e as roupas dos pescadores são tão coloridos, é justo que eu supra as cores das imagens por tons de cinza? Depois do comentário de Célio, optei por fazer fotografias coloridas, de acordo com o gosto dos pescadores.

Em outras saídas, quando me perguntavam se a câmera “pegava” os peixes dentro d'água, eu explicava que pouco daria para se ver. Mas fiz a foto em uma ocasião, com alguns peixes já aparecendo fora d'água. [Foto 40, p. 89]

⁶ *Mandriona*, palavra que só escutei aqui, consta no dicionário e quer dizer “preguiçosa”.

⁷ Uma das fotografias desta saída apresenta manchas causadas pelos fungos, mas como se trata da foto do pampo “surpresa” achei que deveria mostrá-la, apesar da imperfeição. [Foto 12, p. 27] A satisfação com a captura do peixe parece dever-se mais ao imprevisto do fato do que a seu valor comercial. Como veremos no capítulo 5, a incerteza, que é uma das características da pesca artesanal, também pode ser positiva.

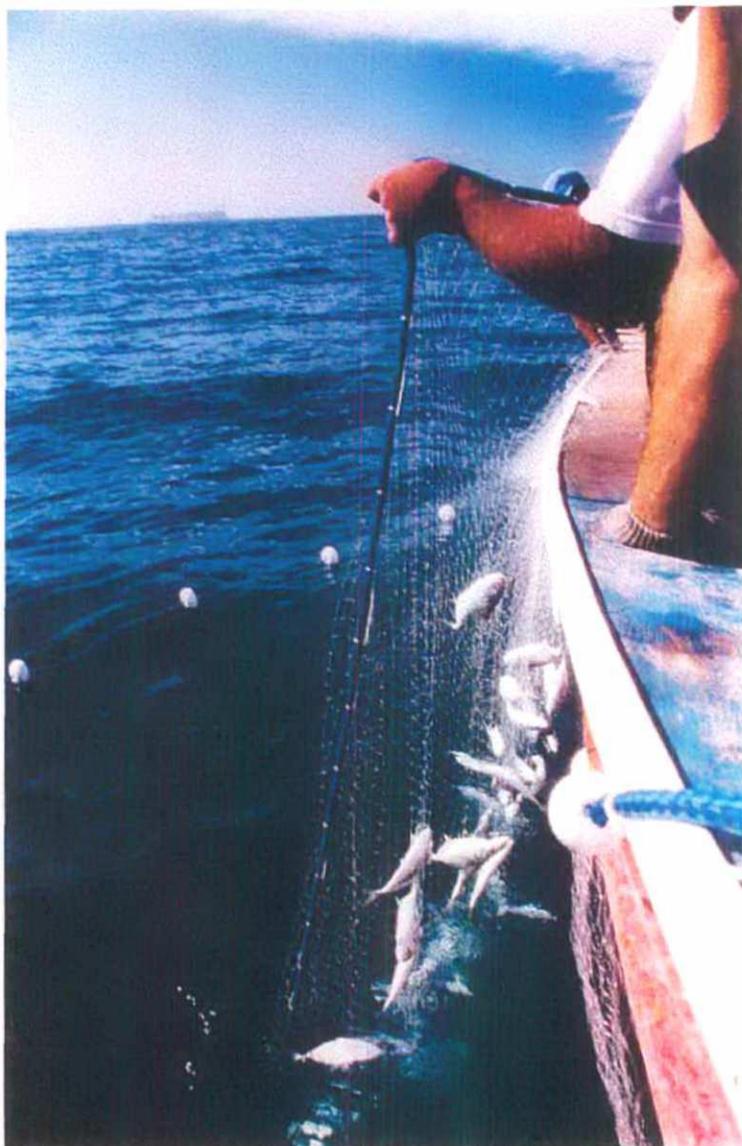


Foto 40: Imagem sugerida pelos pescadores
do *Conquistador III*.
(Sábado, 2 de junho de 2001.)

3.4 O *FEEDBACK* DAS IMAGENS

Os laços da relação com os pescadores do *Conquistador III* foram reforçados no *feedback* das fotos. Assumindo a noção de Antropologia Compartilhada desenvolvida por Jean ROUCH (1998), considere o *feedback*, o retorno das imagens aos informantes, como um procedimento fundamental da pesquisa, tão importante quanto o momento de exposição das fotos (o “clic”). Este procedimento serviu não apenas como “moeda de troca” da relação (TRAVASSOS, 1996, p. 106) - a contradívica - mas também “como meio de construir a etnografia do grupo no campo” (KANT DE LIMA, 1997, p. 42), esclarecendo dúvidas e colhendo novas informações. Além disto, o *feedback* é, segundo o mestre Collier Jr. “um esforço para estimular o nativo a expressar seus sentimentos múltiplos, a respeito de si próprio e de sua cultura” (COLLIER, 1973, p. 89).

Em geral, depois de revelar e de fazer contato dos filmes, eu selecionava as imagens que me pareciam as mais representativas daquela saída e mandava ampliar no formato padrão para fotos coloridas, 10x15cm. (Com a exceção da primeira saída com o *Conquistador*, pois neste *feedback* mostrei os contatos, o que despertou um interessante comentário de Andrino: ele disse que vemos melhor aquilo que estamos treinados a ver.) As fotos selecionadas e ampliadas eram então mostradas aos meus informantes, que eram solicitados à escolher as imagens que quisessem. Os pescadores do *Conquistador* eram presenteados com as fotos escolhidas, em geral uma ou duas de cada saída para cada um. Creio que eles se sentiam constrangidos de eleger mais de uma, embora eu sinalizasse sempre para que escolhessem quantas quisessem.

Na primeira vez que mostrei as fotos a Célio e Soldado, estes me perguntaram quanto custava cada uma. Eu disse que era presente, que não iria cobrar deles, até porque eu não pagava pelo peixe que levava para casa. Então Soldado disse: “Mas tu vais lá pra fora com a gente, tu tens direito ao peixe”. Este comentário me fez pensar no verdadeiro significado de “observação participante”: mais do que uma participação efetiva nas atividades do bote, significava compartilhar com eles a rotina, os riscos e perigos que a pesca no mar de fora envolve.

Andrino, proprietário do barco, também me perguntou quanto custavam as fotos. Eu respondi, pois ele também me respondia as perguntas indiscretas que eu fazia: “Quanto pagam pela corvina? E a tainha?” “Quanto vocês ganharam no mês de março?” Etc. Ele também quis pagar pelas fotos. Novamente recusei, alegando a “troca” por peixes. Embora escolhesse mais fotos que os demais tripulantes, três ou quatro, dependendo do resultado fotográfico da saída, creio que Andrino também se constrangia em selecionar mais imagens.

Enquanto olhavam as fotos, surgiam comentários, descrições das cenas e brincadeiras. Como expôs Milton Guran, “As entrevistas feitas com fotografias permitem, por exemplo, que aspectos apenas percebidos ou intuídos pelo pesquisador sejam *vistos* – e se transformem em dados – a partir dos comentários dos informantes sobre a imagem” (GURAN, 2000, p. 160). Os depoimentos dos informantes no *feedback* me permitiram direcionar e corroborar a análise das imagens.

Através do *feedback* pude perceber a centralidade do peixe para os pescadores, não só no plano econômico mas também no plano subjetivo. As fotos mais valorizadas não eram só as fotos em que apareciam os próprios pescadores mas principalmente as que mostravam os peixes capturados. O peixe não é apenas um produto do trabalho mas é também alimento e símbolo da própria pesca e do universo onde ela se realiza - o mar. Junto com o *feedback*, as imagens valorizadas e solicitadas me permitiram confirmar a hipótese de que a pesca ultrapassa o nível econômico, fazendo parte do *ethos* dos pescadores da Barra da Lagoa.

3.5 O DIÁRIO DE BORDO NA DISSERTAÇÃO

Para terminar este capítulo sobre metodologia, justifico a apresentação de meu diário de bordo neste trabalho.

A opção de ascender o diário ao texto final não é fortuita. Em primeiro lugar, o diário funciona como uma espécie de legenda para as fotografias, situando o leitor e a leitora no contexto espacial e temporal da pesca no mar de fora. Também apresento algumas conversas que mantive com pescadores em terra que me pareceram significativas.

Procurei, através do desvelamento do trabalho de campo, mostrar um pouco da rotina e do ritmo da pesca (e do meu olhar sobre ela). As repetições no texto, por exemplo, mostram não só um texto que não foi garimpado o suficiente mas também o vaivém da embarcação, a procura incessante do peixe e o meu esforço em compreender a lógica da atividade e do grupo.

A valorização do diário de campo não significa, no entanto, que eu o considere um documento mais “autêntico” do que uma etnografia tradicional, ou mesmo que faça uma crítica a esta. O diário é um produto de observação e reflexão e, como tal, também é um constructo.

Não há descrições puras, isentas de interpretação. Não descrevemos o que nos parece ser irrelevante, assim como não fotografamos algo que nos pareça irrisório: “Fotografar é antes de tudo atribuir (ou reconhecer) valor a um aspecto determinado de uma cena” (GURAN, 2000, p. 160).

A interpretação pode se dar em maior ou menor grau na descrição, mas na simples seleção do que descrever, identificando o que parece ser importante e eliminando o que não é, já estamos interpretando e concatenando os fatos na busca da compreensão do grupo estudado sob a ótica da teoria antropológica.

4 A ESPECIFICIDADE DA FOTOGRAFIA

4.1 O SABER COMPARTILHADO E A QUESTÃO DA TÉCNICA

A fala jocosa e irônica de um pescador pode servir de ponto de partida para uma reflexão sobre a especificidade da fotografia, exercício que me parece necessário em uma etnografia que se pretende *visual*.

Durante meu trabalho de campo, em uma quinta-feira ensolarada do mês de junho, subi o morro da Galheta e fui à praia de mesmo nome para fotografar a pescaria de cerco da tainha. Este tipo de pescaria é diferente da pesca realizada em botes, e não faz parte do âmbito desta pesquisa. É uma pescaria mais tradicional, que utiliza menos recursos tecnológicos (a canoa é propulsada a remo, por exemplo), em que os pescadores ficam na beira de praia aguardando as instruções do vigia. Mas como os botes não estavam saindo naquela semana e como eu sabia que havia um cardume estacionado ali, resolvi conferir.

Os pescadores observavam os peixes de cima das pedras mas não podiam capturá-lo, pois o cardume encontrava-se junto de um parcel e a água estava muito clara. A rede seria danificada se tentassem lancear o peixe nas pedras. Já a água clara impedia que o peixe saísse dali, pois este percebia, pela sombra, a ameaça, voltando para a toca quando os pescadores tentavam se aproximar. Um drama muito parecido com o da fotografia, em que é possível olhar, ver, mas não tocar. Eu também tentava em vão “capturar” os peixes, mas com a câmera, porém a falta de uma teleobjetiva mais potente (eu tinha uma 105mm, mas era pouco para destacar o peixe nas pedras) impediu que eu lograsse o meu intento. (Nem todas as coisas vistas ou pensadas se prestam à fotografia.) Enquanto manipulava a câmera, escutei de um deles: “Depois traz a foto pra gente fritar”. Exemplar em diversos sentidos, a começar por ilustrar muito bem a perspicácia e o bom humor dos pescadores, esta frase me faz lembrar das discussões sobre o status da fotografia, em especial a questão da representação e da verossimilhança, ponto crucial no entendimento da especificidade da foto.

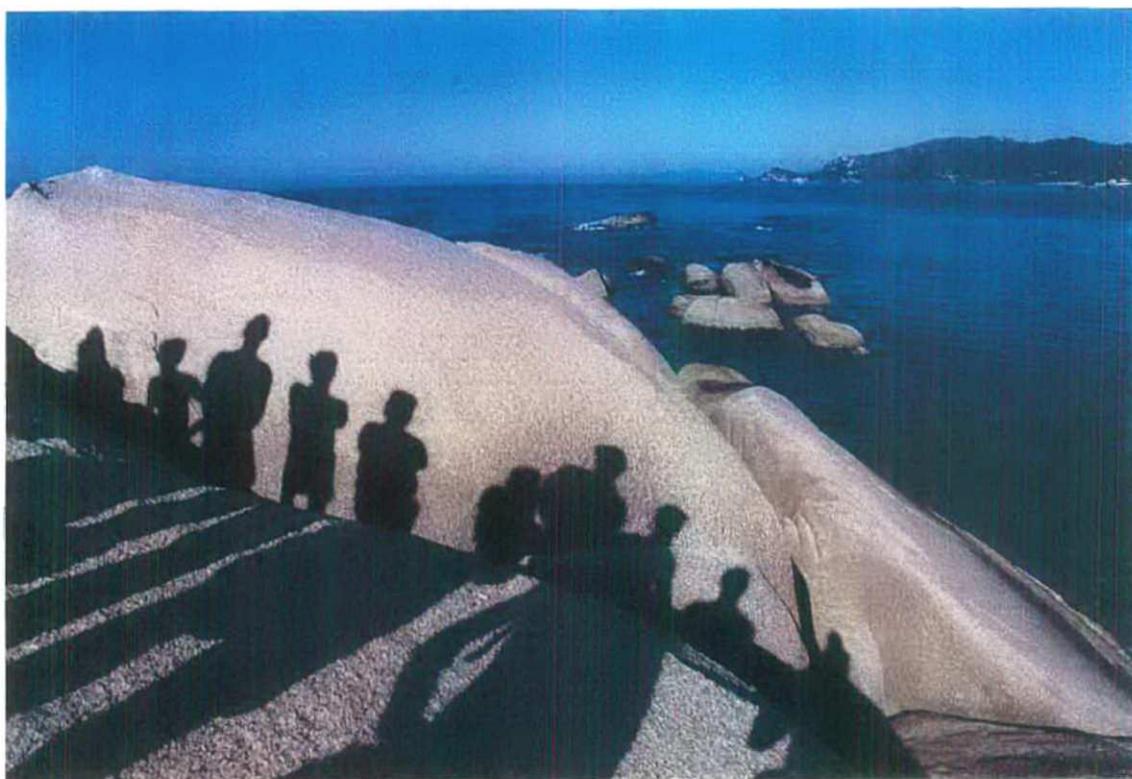


Foto 41: A pedra do vigia.
(Praia da Galheta, 14 de junho de 2001.)

“Depois traz a foto pra gente fritar” me remete também às observações de Jacques Aumont, para quem existe um suposto saber compartilhado (que Jean-Marie Schaeffer denomina *arché*) que é o que faz com que a imagem fotográfica “funcione” (SCHAEFFER¹, apud AUMONT, 1993, p. 163) para o espectador, e neste caso também para o *Spectrum*² (pois, como pressentia que a foto dos peixes não prestaria para representar aquele drama, fotografei os pescadores, mais exatamente sua sombra nas pedras, com o mar e as tainhas imperceptíveis no fundo).

De fato, na condição de objeto socializado, convencionalizado e por assim dizer codificado – e não só objeto visível - , a imagem possui um modo de emprego que seu consumidor, o espectador, supostamente conhece. Como todo artefato social, a imagem funciona apenas em proveito de um *hipotético saber* do espectador. Os estudos interculturais, em particular os estudos etnográficos, devem aqui ser citados uma vez mais; se o aborígine australiano, a quem se mostra pela primeira vez na vida uma fotografia, começar a manipular de modo para nós estranho esse objeto estranho para eles – por exemplo, a rodá-lo em todos os sentidos, a palpá-lo e até a mordê-lo - , é porque com certeza não *sabe* o que é uma fotografia. Mas esse saber que lhe falta é também desdobrado: o aborígine não sabe *para* que serve uma foto (para nossas sociedades, serve para representar com eficácia a realidade visível) e além disso não sabe *como é fabricada* (à primeira vista, ela não difere tanto de outro pedaço de papel ou até de tecido). As investigações etnográficas sérias (as que há 10 ou 20 anos tentam ser menos projetivas e etnocêntricas do que no início do século) constatarem aliás que esse segundo saber é como a chave dos outros: se for mostrado ao aborígine como uma foto é criada, se ele tocar com o dedo em sua *arché*, por assim dizer, ele saberá *imediatamente* para o que ela serve. (AUMONT, 1993, p. 163-164)

Assim, sem conhecer as teorias da foto ou os meandros de sua produção (a técnica e as implicações ideológicas e estéticas das escolhas técnicas), os pescadores sabem, de certa forma, o que é e para que serve a fotografia em nossa sociedade – ela serve para registrar, mostrar, mas não para comer; ela é uma representação fragmentária, parcial, um recorte sem substância, mas que pode ser tão exato, tão analógico a ponto de “Anular-se como *medium*”, como apontou Roland Barthes, “não ser mais um signo, mas a coisa mesma” (BARTHES, 1984, p. 73) e permitir que se diga, com bom humor: “Depois traz a foto pra gente fritar”.

¹ SCHAEFFER, J-M. **A imagem precária**. Campinas: Papirus, 1996.

² Segundo a nomenclatura desenvolvida por Roland Barthes em **A câmara clara**, *Spectrum* é aquele/aquela que “suporta” a foto (o referente); *Operator* é aquele/aquela que manipula a câmera e *Spectator* é aquele/aquela que lê a imagem. (BARTHES, 1984, p. 20)

Em outro momento da pesquisa, fui mostrar dois contatos fotográficos³ a Andrino, meu principal informante. Eu me desculpei pelo reduzido tamanho das imagens, e disse que iria mandar ampliar aquelas que eles escolhessem. Com bom humor, Andrino disse que eu estava me “vingando” deles, porque quando estávamos no mar eles me mostravam sinais de peixe na água que eu não conseguia distinguir. Andrino então concluiu que vemos melhor aquilo que estamos treinados para ver!

Partindo do pressuposto de que os pescadores com quem trabalhei têm algum conhecimento sobre a fotografia, vou procurar aqui afinar esta noção. Afinal, o que é a Fotografia, esse registro precário, pedaço de papel que não serve para fritar?

A palavra de origem grega - *photós* (luz) e *gráphein* (escrever, descrever, desenhar) - engloba duas coisas distintas, mas intimamente imbricadas: um *processo* de impressão de imagens a partir da luz e o objeto bidimensional que contém o produto deste processo (em geral, um certo tipo de *papel*). Dos diversos processos fotográficos possíveis, trataremos aqui apenas daquele de uso social mais difundido: “a reprodução das aparências” (AUMONT, 1993, p. 164) a partir da utilização de uma câmera fotográfica que, seguindo o princípio da *camara obscura*, produz imagens analógicas que podem corresponder ponto por ponto aos objetos que ela reproduz⁴.

No processo fotográfico convencional, a luz refletida pelos objetos é captada e organizada pela lente (chamada de “objetiva”), penetra na câmera fotográfica e é impressa em um suporte fotossensível – o filme. A partir do processamento deste filme, a imagem pode ser copiada e ampliada em papéis ou projetada.

Como “depende fundamentalmente da mediação de, no mínimo, três dispositivos técnicos: a câmera, o sistema óptico da objetiva e a película fotossensível”

³ Na fotografia e no jargão jornalístico, “contato” são cópias obtidas a partir de contato direto do negativo com o papel fotográfico, sem ampliação da imagem que, assim, apresenta o mesmo tamanho do negativo. Os filmes 35mm (formato utilizado nesta pesquisa) produzem uma imagem de 24x36 milímetros.

⁴ Para conhecer os processos alternativos de fabricação de imagens fotográficas, alguns sem a utilização de câmeras fotográficas, como é o caso dos fotogramas de Man Ray e Moholy-Nagy, cf. o trabalho de Luiz Guimarães Monforte, **Fotografia Pensante**. Como Monforte observa, nestes casos a fotografia não serve apenas de “espelho” e “janela”, mas também de “prateleira de São Miguel Paulista”, metáfora que traduz bem o que este autor considera como “fotografia”: “um tênue suporte de papel ou plástico sobre o qual se deita o desejo da memória, exatamente como os simbólicos troféus cotidianos que armazenamos nas prateleiras de nossas casas” (MONFORTE, 1997, p. 11).

(MACHADO, 1997, p. 222), a fotografia pode ser classificada como *imagem técnica*. Embora todas as imagens sejam, de certa forma, técnicas, (com exceção das imagens mentais), na fotografia, no vídeo, no cinema e nos simulacros digitais a intervenção de dispositivos técnicos é definitiva.

Imagem técnica por excelência, “Com a fotografia, não nos é mais possível pensar a imagem fora de seu modo constitutivo, fora do que a faz ser como é” (DUBOIS, 1994, p. 59).

E o que faz uma fotografia ser *fotografia*? Para o fotógrafo Luiz Carlos Felizardo, a “ordem estrutural” que define a fotografia engloba “toda a tecnologia que faz possível a construção e o desenvolvimento da imagem fotográfica”. A técnica age “como uma moldura que delimita a ação do fotógrafo, orientando sua visão e suas decisões sobre a aparência final da fotografia” (FELIZARDO, 2000, p. 68-69).

Em “A técnica como sintaxe da imagem”, Felizardo nos permite entrever uma interessante analogia: a da fotografia como um *texto* visual. Como veremos mais adiante, esta analogia parece ser mais esclarecedora do processo fotográfico do que o lugar comum da “fotografia como um espelho”, ainda que a comparação da foto com a linguagem escrita tenha limites.

Para mostrar a existência de uma sintaxe própria da fotografia, Felizardo observa o quanto as imagens do passado estão marcadas pelas limitações técnicas dos filmes fotográficos da época, que, devido à baixa sensibilidade à luz, necessitavam de longas exposições, obrigando as pessoas retratadas a permanecerem imóveis.

Na fotografia do século XIX e no início do século XX, não apenas os retratados deveriam ficar estáticos, mas também os fotógrafos. A característica dos filmes e também o tamanho e o peso das câmeras, juntamente com a pequena abertura das lentes conferia pouca mobilidade ao *Operator*. A partir de 1920, com o surgimento das câmeras de pequeno formato (35 mm), entre outras inovações tecnológicas, fotógrafo e fotografado passam a movimentar-se, e vemos surgir um outro tipo de imagem, o *instantâneo*, uma imagem não posada e “não protocolar” que os fotojornalistas modernos irão consagrar (SOUZA, 2000, p. 74).

Conforme apontou Arlindo Machado,

Nenhuma leitura dos objetos visuais ou audiovisuais recentes ou antigos pode ser completa se não se considerar relevantes, em termos de resultados, a “lógica” intrínseca do material e das ferramentas de trabalho, bem como os procedimentos técnicos que dão forma ao produto final. Não nos esqueçamos de que o termo grego original para designar “arte” era *técne*; isso significa que, nas origens, a técnica já implicava a criação artística, ou que, em outros termos, havia já uma dimensão estética implícita na técnica. (MACHADO, 1997, p. 223).

A dimensão técnica/pragmática da fotografia é fundamental tanto na *leitura* das imagens quanto na sua *produção*. Dominar a tecnologia específica da fotografia - o funcionamento da câmera, das lentes e dos materiais fotossensíveis – permite transmitir idéias “com clareza, coerência, limpidamente enunciadas” (FELIZARDO, 2000, p. 68). O fotógrafo e antropólogo Milton Guran também vai ressaltar a importância do domínio técnico para se trabalhar de forma “eficiente”⁵ com a fotografia (GURAN, 2000).

A popularização da fotografia e a automação dos seus processos constitutivos (e o slogan da Kodak no início do século é um bom exemplo destes fenômenos: “Aperte o botão, nós fazemos o resto”) tornou-nos ávidos por imagens, mas sem atentar nas implicações do ato fotográfico.

Como observa Jehel,

hoje em dia, são raros os antropólogos que não utilizam a fotografia na experiência íntima e secreta que constitui o trabalho de “campo”. Dentro desta nova abordagem da antropologia, com a revalorização, e até mesmo consagração do trabalho de “campo”, abre-se uma área inusitada para a fotografia. Bronislaw Malinowski, que marcou o início de uma nova antropologia com o seu princípio da “observação participante”, foi um utilizador prolixo da fotografia. Depois dele, o uso da fotografia tornou-se na grande maioria dos casos uma evidência, sem tentar pensar as incidências teóricas desse uso: a imagem fotográfica torna-se familiar, e assume com frequência a forma de foto-lembrança. (JEHEL, 1998, p. 135)

Antropólogos e antropólogas de todos os tipos e correntes teóricas que fazem trabalho de campo acabam utilizando a fotografia para registrar seu empreendimento, mas sem refletir sobre este uso e sem se preparar para tal, produzindo, na maioria das vezes, imagens pouco significativas para a antropologia e para a linguagem fotográfica, mais parecidas com a fotografia produzida por turistas, que “serve para

⁵ Cf. os trabalhos de Milton GURAN sobre o conceito de fotografia “eficiente” no jornalismo (1992) e na antropologia (2000).

atestar o ‘estive lá’” (RIAL, 1998, p. 216). A diferença é que os turistas sempre aparecem junto das paisagens e personagens que retratam, enquanto o antropólogo apenas eventualmente, mas em fotos que se tornarão emblemáticas do trabalho de campo (uma *prova*), como a imagem de Lévi-Strauss com o mico, ainda que este autor seja acusado de desprezar esta atividade, ou mesmo de ser “desajeitado” demais para exercê-la (FARIA, 2001)⁶. O auto-retrato de Lévi-Strauss pode ser visto no livro de fotografias Saudades do Brasil, publicado 40 anos depois de **Tristes Trópicos**, obra em que este autor narra sua estada no Brasil⁷. Como observa Etienne Samain, o conceito de estrutura de Lévi-Strauss não comporta a “visibilidade direta” da fotografia (como ocorria com a teoria funcionalista de Malinowski, que incorpora a fotografia em seu texto de forma notável), razão pela qual esta foi sendo reduzida dentro da Antropologia a um “bloco de diversões exóticas” (SAMAIN, 1995, p. 34).

A consideração bastante difundida, inclusive entre antropólogos e fotógrafos, de que a fotografia é um “espelho da realidade” parece decorrer também desta utilização irrefletida das imagens e de uma visão compartimentar da fotografia que não leva em consideração sua dimensão pragmática (ainda que, para fins poéticos, a fotografia como espelho possa ser uma bonita metáfora).

4.2 TESTANDO ANALOGIAS

Sob o sugestivo título “Mistura de gêneros: a reconfiguração do pensamento social”, Clifford Geertz aponta para a necessidade de avaliarmos a nova linguagem que surge do atual encontro entre as “humanidades” e as ciências sociais. Para ele, “o fato de que as ciências sociais estão recorrendo às humanidades na busca de suas analogias explicativas é, ao mesmo tempo, evidência de desestabilização dos gêneros e de que agora chegou a vez da interpretação” (GEERTZ, 1999, p. 38).

Geertz vê nas analogias que utilizam processos simbólicos um valioso recurso interpretativo. Mas como estas analogias tem “possibilidades e limites”, Geertz nos incita a “examinar detalhes, analisar trabalhos e fazer críticas às interpretações, sejam

⁶ Entrevista concedida por Luiz de Castro Faria ao jornal Folha de São Paulo. 16.12.2001.

estas a de Goffman [...] ou a minha própria” (GEERTZ, 1999, p. 43). É o que ele vai fazer com as representações do comportamento social como jogo, drama e texto.

Concordando com Geertz - para quem as analogias utilizadas tem sérias implicações na investigação e explicação da cultura - passo a analisar a recorrente analogia, nos discursos acadêmicos e literários, da “fotografia como espelho”, “um espelho dotado de memória”, “um espelho que espelha para trás”...

Mas como definir se uma analogia é ou não adequada? Geertz não deixa isto claro, mas diz que elas precisam ser testadas, em um primeiro momento “aonde é mais provável que funcionem” e depois em “formas mais complexas e menos previsíveis” (GEERTZ, 1999, p. 54).

Em seu estudo hermenêutico das antropologias praticadas por Geertz e Lévi-Strauss, Celso Azzan Júnior apresenta um “teste de validade” para as analogias: “a analogia será válida quando, na linha de uma tradição (interpretativa, intelectual, etc.), ela (a analogia) puder responder às questões que essa tradição coloca já sugerindo ela mesma a resposta” (AZZAN, 1993, p. 126).

Proponho utilizarmos este “teste” para a análise da “foto como espelho”. O problema que se coloca então é: se esta analogia corresponde à problemática que os discursos sobre a fotografia colocam e tentam resolver (questão de representação, semelhança e verossimilhança), acaso fornece uma resposta satisfatória? Ou simplesmente: a foto como um espelho *explica* a natureza da fotografia?

Para responder esta questão vou retomar a discussão feita por Umberto Eco, em **Sobre os espelhos** (1989), e Arlindo Machado, em **A ilusão especular** (1984). Estes autores já argumentaram em que aspectos a foto (não) se parece com espelhos.

Produzidos mais ou menos na mesma época⁸, estes dois trabalhos partem de diferentes pontos para chegar a mesma conclusão: fotografia e espelho não são análogos. O trabalho de Machado está centrado na fotografia e na denúncia das “determinações ideológicas” da construção desta imagem, pois como “a imagem processada tecnicamente se impõe como entidade ‘objetiva’ e ‘transparente’, ela parece dispensar o receptor do esforço da decodificação e do deciframento, fazendo

⁷ Cf. tb. a resenha de ACHUTTI (1995, p. 194) na Revista Horizontes Antropológicos.

passar por ‘natural’ e ‘universal’ o que não passa de uma construção particular e convencional” (MACHADO, 1984, p. 12).

Já Eco está preocupado em compreender os espelhos e definir a ordem de seu fenômeno. Partindo de uma “fenomenologia do espelho”, Eco nos apresenta a primeira diferença entre este e a fotografia no que concerne à disposição dos raios luminosos nas respectivas superfícies. No espelho, “não acontecem fenômenos do tipo câmera escura [...], mas sim fenômenos nos quais nenhum raio se cruza” (ECO, 1989, p.15). Na fotografia, os raios refletidos pelos objetos formam uma imagem invertida no suporte sensível, chamado de *negativo*, onde não apenas a esquerda e a direita estão “trocadas” como também os “valores”: o claro aparece como escuro, o escuro, claro.

“O espelho reflete a direita exatamente onde está a direita, e a esquerda exatamente onde está a esquerda. É o observador (ingênuo, mesmo quando físico por profissão) que, por identificação, imagina ser o homem dentro do espelho [...]. Quem, ao contrário, evita comportar-se como Alice e não entra no espelho, não sofre essa ilusão.” (ECO, 1985, p. 14)

Assim, o espelho “não ‘traduz’”; ele “registra aquilo que o atinge da forma que o atinge”⁹, e sempre em *presença* de um referente que não pode estar ausente. “A relação entre objeto e imagem é a relação entre duas presenças, sem nenhuma mediação”¹⁰, de modo que a imagem especular não se constitui um signo: é uma “*duplicata absoluta* do campo estimulante”¹¹, um “designador rígido do objeto fonte de estímulos”¹².

Eco se pergunta o que torna a fotografia semelhante a uma imagem especular. A resposta: “Uma convicção pragmática segundo a qual a câmera escura **deveria** dizer a verdade tanto quanto um espelho”¹³. Mas na foto os raios luminosos são *traduzidos* em outra matéria: eles transformam os cristais de prata do filme, imprimindo ali uma imagem. Se esta imagem é plausível como um “reflexo do real” é porque foi

⁸ Machado publica seu trabalho em 1984 e Eco, em 1985, na Itália.

⁹ Cf. ECO (1989, p. 17).

¹⁰ Cf. ECO (1989, p. 25).

¹¹ Cf. ECO (1989, p. 19).

¹² Cf. ECO (1989, p. 23).

¹³ Grifo meu. Cf. ECO (1989, p. 33).

construída de forma a parecer corresponder ponto por ponto com o referente da qual ela é ícone – e também índice, como aponta DUBOIS (1994). Mas, como “designador flexível” que é, “a foto pode mentir” (ECO, 1989, p. 34), o que não ocorre com os espelhos.

Além do fato do espelho não ser um signo - coisa que a foto o é (ECO, 1989) - e da manipulação que há no caso da foto - o que não ocorre com o espelho (MACHADO, 1984) - , a analogia da foto com espelhos remete aos discursos realistas do século XIX que não contemplam toda uma sorte de intervenções que pode ser feita durante o *processo* fotográfico. “Imagem-ato”, como sugere Philippe Dubois, a fotografia deve ser analisada em sua “dimensão pragmática”, pois do contrário pode não dar conta de toda a complexidade de sua significação (DUBOIS, 1994, p. 59). Assim, recorrer à analogia da “fotografia como espelho” é, antes de mais nada, analisar apenas um de seus aspectos: o produto final, ícone (quase sempre) analógico. *Quase.*

Enquanto objetos, espelho e fotografia apontam para *descobertas* diferentes: no espelho se tem a consciência de si, na foto temos a percepção do outro, mesmo quando é a própria imagem que está representada e ainda que a percepção do *eu* e do *outro* esteja imbricada. Voltarei a este ponto mais adiante.

Em sua “Pequena retrospectiva histórica sobre a questão do realismo na fotografia”, Dubois nos diz que todo o discurso sobre a fotografia do século XIX está marcado por uma concepção mimética em que

a fotografia [...] é considerada como *a imitação mais perfeita da realidade*. E de acordo com os discursos da época, essa capacidade mimética procede de sua própria natureza técnica, de seu procedimento mecânico, que permite fazer aparecer uma imagem de maneira “automática”, “objetiva”, quase “natural” (segundo tão somente as leis da ótica e da química), sem que a mão do artista intervenha diretamente. (DUBOIS, 1994, p. 27)

Assim, se os discursos não utilizam de forma explícita a analogia especular, trata-se tacitamente a fotografia como “um espelho do real”. O poeta Charles Baudelaire, que não era muito simpático para com o novo invento, sugeriu que este

deveria “servir ciências e artes , mas de maneira bem humilde” sem que aspire a “invadir o domínio do impalpável e do imaginário”, o que seria uma “desgraça” (BAUDELAIRE¹⁴, apud DUBOIS, 1994, p. 29). Preocupado com a crescente expansão da fotografia, Baudelaire queria que esta se restringisse a documentar a “realidade”, sem pretender modificá-la, como faz a pintura.

Arlindo Machado sugere que as comparações com espelhos tenham surgido com o daguerreótipo, ainda nos primórdios da fotografia, apoiadas nas características semelhantes de seus suportes.

A fotografia em particular, desde os primórdios de sua prática, tem sido conhecida como “espelho do mundo”, só que um espelho dotado de memória. Certamente, a superfície prateada e a base rígida do daguerreótipo contribuíram para essa analogia. Já na aurora de 1839, Jules Janin, explicando o que era a nova invenção, conclamava ao leitor: “imagine um espelho que você pode reter a imagem de todos os objetos que ele reflete e você terá a idéia mais completa do que é o daguerreótipo. (MACHADO, 1984, p. 11)

Uma comparação que subsiste, portanto, por mais de 150 anos de transformações tecnológicas. É interessante observar que a imagem obtida através do daguerreótipo não era nítida o bastante, precisando de retoques. É possível que hoje, acostumados que estamos com imagens cada vez mais analógicas - coloridas, com boa definição, etc., o daguerreótipo nos suscitasse outra imagem, possivelmente mais próxima das imagens produzidas pelos pintores do que aquela refletida pelo espelho. É interessante lembrar que o que se define por “real”, “natural” ou “autêntico” pode variar dentro de uma cultura, com o passar do tempo, e de cultura para cultura. Os discursos realistas absolutizam uma realidade que é sempre relativa; como produto humano histórica e culturalmente datado, a fotografia nos dá a ver um *recorte* de uma determinada realidade, enfim, uma *versão*.

Na verdade, eles [os “realistas”] endossam o equívoco imposto pela ideologia dominante, ao considerar uma certa representação da realidade como a realidade mesma e um determinado modo de apropriação do mundo como o único autêntico. [...] A fotografia, portanto, não pode ser o registro puro e simples de uma imanência do objeto: como produto humano, ela cria também com esses dados luminosos uma realidade que não existe fora dela, nem antes dela, mas precisamente *nela*. (MACHADO, 1984, p. 40)

¹⁴ BAUDELAIRE, C. Le public moderne et la fotografia (sic).

Como veremos, os discursos do século XX terão dificuldade em abandonar a analogia especular presente, explícita ou implicitamente, nos discursos do século XIX.

O fotógrafo e antropólogo Luiz Eduardo Achutti escreveu, em sua *Fotoetnografia*: “Fotografias são muito mais que espelhos, são espelhos ideais, são espelhos mágicos, espelhos que espelham para trás, para um tempo anterior que já passou” (ACHUTTI, 1997, p. xxvii).

Em outro texto, Achutti afirmou que a fotografia dispensava o uso da “mão humana”: “Foi apenas depois de avanços nos campos da química e da ótica que se fez possível a fotografia, um novo meio de representação da realidade, o primeiro a não depender da mão humana” (ACHUTTI, 1998, p. 120). Quando li isto pela primeira vez me perguntei se ele, fotógrafo talentoso, acaso fotografava com os pés... Ironias à parte, Achutti deve saber muito bem, como *Operator*, o quanto as mãos são necessárias para construir a imagem fotográfica. É graças à destreza que os fotógrafos conseguem imprimir no filme as imagens vistas e pensadas, em especial no caso de instantâneos com câmeras mecânicas. (É sabido o caso de um fotógrafo cego, mas não de fotógrafos sem mãos.) Observo o quanto o discurso de Achutti remete aos discursos de estréia da foto, como se vê no título do comunicado de Fox Talbot, feito em 1839 à *Royal Society* inglesa: “Some Account of the Art of Photogenic Drawings or the Process by which Natural Objects may be made to Delineate themselves without the Aid of the Artist’s Pencil” (TALBOT, apud KOSSOY, 1980, p. 40).

Para Roland Barthes, o órgão do fotógrafo não é o olho mas o dedo, “que está ligado ao disparador da objetiva, ao deslizar metálico das placas (quando a máquina ainda as tem)” (BARTHES, 1984, p. 30). Mais resistente ao lugar-comum da representação fotográfica, Barthes compreende o quanto são distintos, como desencadeadores de percepção, espelho e fotografia:

Ver-se a si mesmo (e não em um espelho): na escala da História, esse ato é recente [...]. É curioso que não se tenha pensado no *distúrbio* (de civilização) que esse ato novo traz. Eu queria uma História dos Olhares. Pois a Fotografia é o advento de mim mesmo como outro: uma dissociação astuciosa da consciência de identidade.

[...]Esse distúrbio é no fundo um distúrbio de propriedade. O direito disse isso a seu modo: a quem pertence a foto? ao sujeito (fotografado)? ao fotógrafo? A própria paisagem não passa de uma espécie de empréstimo feito junto ao proprietário do terreno? Inúmeros processos, segundo parece, exprimiram essa incerteza de uma sociedade para a qual o ser baseava-se em ter. A Fotografia transformava o sujeito em objeto [...]. (BARTHES, 1984, p. 25-26)

Este “distúrbio” me interessa especialmente aqui. Penso, como Barthes parece sugerir, que mais do que a consciência de si (coisa de espelho), a fotografia nos proporciona uma consciência de alteridade, mesmo quando é nossa própria imagem que é representada. O corpo se desprende e ganha autonomia na imagem impressa em suporte sensível. Não sou mais “eu”: sou objeto, e como Barthes sugere mais adiante, “objeto de museu”¹⁵: eu quando *era* criança, etc.¹⁶

Alain Corbin em “História da vida privada”, aponta que a foto “reproduz o desejo da imagem de si” (CORBIN, 1997, p. 423). A moda do retrato reflete o desejo de perpetuar a própria imagem, antes apanágio da aristocracia através da pintura. Mas diferentemente da imagem que vemos no espelho, a imagem fotográfica *circula* - a *carte de visite* era feita para ser distribuída - , e mesmo quando colocada em um porta-retratos ou em um estojo - como o eram as primeiras placas - é feita para ser vista não apenas por mim, mas também pelos outros. Na foto, quando vejo minha própria imagem *objetificada* me percebo como outro, outra. A questão da alteridade na foto talvez devesse ser pensada como em Clarice Lispector e Merleau-Ponty, o “eu” como “outro”, mas não um “outro eu” e sim um “outro do outro” (PONTIERI, 1999/2000, p. 330).

Quando não temos nossa própria imagem representada em um papel fotográfico fica mais fácil perceber o quanto a foto nos proporciona o encontro com o Outro. Quando se compara fotografia e antropologia, alguns autores apontam para uma “vocação comum: a de tentar revelar os homens e as sociedades, suas paixões, seus delírios, seus imaginários” (SAMAIN, 1995, p. 23).

Elizabeth Edwards também indica paralelismos entre a fotografia e a antropologia, tanto com relação ao projeto e ao contexto em que surgem - “percepção

¹⁵ Cf. BARTHES (1984, p. 26).

¹⁶ O caso da *polaroid* merece um estudo à parte. De qualquer forma, por mais instantânea que seja, a *polaroid* também pertence a um tempo passado, ainda que recente.

ocidental do ‘Outro’” e “expansão e manutenção do poder colonial europeu” - quanto ao procedimento que adotam: “os fatos observados, a saber, o que era concedido como ‘verdade’, eram cuidadosamente construídos” (EDWARDS, 1996, p. 14). A autora prossegue com sua comparação, e as semelhanças são notáveis: “A fotografia isola um único incidente da história. Ela pode tornar o invisível visível, o despercebido percebido, o complexo aparentemente simples e vice-versa”¹⁷. E quando Edwards trata da “presença” do fotógrafo e da “autoridade” da imagem, não posso deixar de relacionar isto às questões levantadas pelos autores de **Writing Culture**¹⁸. Assim como sugeriu James CLIFFORD (1991) para a etnografia, também a fotografia é uma representação fragmentária e parcial, usada, na maioria das vezes, como os recursos discursivos das etnografias - do tipo “eu estive lá” - que visam legitimar o empreendimento etnográfico.

[...] a autoridade inegável da fotografia está baseada em sua presença temporal e física. Ela estava lá. A fotografia confirma a presença e a observação do fotógrafo e a “verdade” do seu relato. Como tal, uma fotografia é um análogo da “realidade” vista, pois o que estava na frente da câmera existia [...]. O tipo de realismo “calvo” não está em questão. O problema da força evidencial é, em última análise, histórico e não existencial [...], pois, como observou Heider, existe um número infinito de “verdades” na antropologia, todas válidas em certos contextos, e muitas capazes de expressão visual [...]. (EDWARDS, 1996, p. 17)¹⁹

É esta “presença” que vai chamar a atenção de Barthes nesta análise visceral da fotografia que é **A câmara clara**. Em um trabalho que Etienne Samain chamou de “maneira ‘delirante’” de tratar a mensagem fotográfica (SAMAIN, 1998b, p. 123), Barthes parte em busca da “essência da Fotografia”, essência que está vinculada ao “sentimento” que certas fotos lhe causavam: “Como *Spectator*, eu só me interessava pela Fotografia por ‘sentimento’; eu queria aprofundá-la, não como uma questão (um tema), mas como uma ferida: vejo, sinto, portanto noto, olho e penso.” (BARTHES, 1984, p. 39)

¹⁷ Cf. EDWARDS (1996, p. 16).

¹⁸ Para este trabalho foi consultada a tradução em espanhol intitulada **Retóricas de la antropología** (CLIFFORD; MARCUS, 1991).

¹⁹ Suprimi desta citação as várias referências apresentadas pela autora.

Aí o que ele encontra, no “campo cerrado de forças” da “Foto-retrato” é o “Referente”: presença, aura, essência. Enfim, algo que escapa ao controle do *Operator* e à mímica (pose) do *Spectrum*: o que ele vai chamar de “imagem sem código”²⁰ - corajosa heresia!. Nos deparamos novamente com o problema da verossimilhança na fotografia, o velho conflito entre referência e representação.

Para DUBOIS (1994), a foto só pode ser considerada uma “mensagem sem código” no momento em que os raios luminosos dos objetos são impressos em uma superfície sensível, fenômeno que atualmente, na maioria das vezes, ocorre em um centésimo de segundo - quando o obturador da câmera se abre e permite que a luz atinja o filme, imprimindo nele uma imagem invertida. No processo fotográfico, tudo o que acontece antes e depois deste momento crucial e efêmero é codificado.

Para Barthes, a foto é uma “emanação do *real passado*: uma *magia*, não uma arte”²¹. É autenticação, atesta uma existência. Neste ponto ele e Dubois coincidem apontando a diferença crucial entre existência e significado. Para Dubois, antes da fotografia poder ser ícone ou símbolo ela é índice:

[...] a lógica do índice que hoje assinalamos no centro da mensagem fotográfica utiliza plenamente a distinção entre *sentido* e *existência*: a foto-índice afirma a nossos olhos a *existência* do que ela representa (o “isso foi” de Barthes), mas nada nos diz sobre o sentido da representação; ela não nos diz “isso quer dizer aquilo”. O referente é colocado pela foto como uma realidade empírica, mas “branca”, se for possível se expressar assim: sua significação continua enigmática para nós, a não ser que sejamos participantes da situação de enunciação de onde a imagem provém.²² (DUBOIS, 1994, p. 52)

Barthes também apontou esta diferença em sua controvertida análise: “Trata-se de uma profecia ao contrário: como Cassandra, mas com os olhos fixos no passado, ela [a fotografia] jamais mente: ou antes, pode mentir quanto ao sentido da coisa, na medida em que por natureza é *tendenciosa*, jamais quanto a sua existência”.²³ (BARTHES, 1984, p. 129)

²⁰ Cf. BARTHES (1984, p. 132).

²¹ Cf. BARTHES (1984, p. 132). Grifo do autor.

²² Grifos do autor.

²³ Grifo do autor.

Tanto em Barthes, que não olha o processo fotográfico, mas seu produto final – e no início de *A câmera clara*, ele avisa: “não sou fotógrafo, sequer amador”²⁴; “Eu tinha a minha disposição apenas duas experiências: a do sujeito olhado e a do sujeito que olha”²⁵ – quanto Dubois, mais relativista, que apregoa a necessidade de se levar em consideração a dimensão pragmática da fotografia, nos permitem entrever diferenças entre o texto lingüístico e a imagem fotográfica: a imagem prova, mostra; o texto argumenta, explica.

Estas considerações nos fazem voltar à problemática das analogias. Embora a analogia da fotografia como um *texto* visual pareça ser mais adequada do processo constitutivo da fotografia do que a analogia especular, ela também tem seus limites.

O texto escrito não tem o poder de atestação da fotografia: “Todavia, *porque era uma fotografia*, eu não podia negar que tinha estado *lá*. [...] Nenhum escrito pode me dar essa certeza” (BARTHES, 1984, p. 128).

Por seu lado, a fotografia não nos informa sobre o *sentido* do que está sendo transmitido – ela *indica* uma existência. Como imagem, a fotografia é polissêmica, e ainda que existam leituras prováveis, “há uma inevitável imprecisão sobre aquilo que pode ser inferido individualmente”²⁶ (SCHIMITT, 1999, p. 61). Daí a necessidade de acrescentar à imagem um texto verbal para direcionar a sua leitura.

Não se trata, no entanto, de subordinar as imagens ao texto, como pretendeu Sébastien DARBON (1998, p. 109), mas de buscar a complementaridade entre estas duas formas de comunicação, explorando suas distintas potencialidades, como aponta María Carman: “mientras que las palabras descomponen a las cosas en sus partes, las imágenes nos permiten en cambio percibir todo un cuadro al mismo tiempo, y procesar la información holística y rápidamente” (CARMAN, 2000).

Na complementaridade entre texto e imagem fotográfica, no movimento entre as partes do texto e o todo da fotografia, no “bordejar dialético contínuo entre o menor detalhe nos locais menores, e a mais global das estruturas globais, de forma que ambos

²⁴ Cf. BARTHES (1984, p. 20).

²⁵ Cf. BARTHES (1984, p. 21-22).

²⁶ No texto lingüístico também podem haver diferentes leituras, mas ele, especialmente o texto científico, é mais fechado à inferência e imaginação individual do que as imagens.

possam ser observados simultaneamente” (GEERTZ, 1999, p. 105), podemos encontrar terreno fértil para as interpretações antropológicas.

5 RISCO E INCERTEZA NA PESCA MARÍTIMA

Para além das questões metodológicas concernentes ao uso de imagens na pesquisa antropológica, este trabalho pretende contribuir também para alargar as discussões realizadas no que se tem chamado de Antropologia da Pesca, ou Antropologia Marítima.

Em *Anthropology of Fishing*, artigo em que revê a literatura produzida em língua inglesa sobre comunidades marítimas e pesqueiras, James Acheson defende a especificidade do campo marítimo/pesqueiro e refuta a posição de alguns antropólogos para os quais “tais estudos não têm nada em comum exceto a água”¹ (ACHESON, 1981, p. 275). Para este autor, a pesca coloca problemas similares em todo o mundo, e as contribuições mais significativas da Antropologia da Pesca provêm de estudos realizados em barcos e navios – e não em estudos baseados em comunidades pesqueiras que não enfocam diretamente a pesca (se bem que, na minha opinião, alguns destes estudos podem deixar entrever estilos de vida e percepções do tempo e do espaço diferentes daquelas da sociedade abrangente na qual estas comunidades estão inseridas, corroborando com aqueles que defendem a especificidade do campo).

As importantes pesquisas antropológicas realizadas em comunidades pesqueiras do litoral de Santa Catarina, embora descrevam alguns aspectos da pesca em determinadas localidades, não tocam diretamente nos problemas específicos da pesca. Carmen RIAL (1988) estuda as transformações do espaço a partir da mudanças arquitetônicas e funcionais nas casas dos nativos da Lagoa da Conceição, um dos principais pontos turísticos de Florianópolis. Rose GERBER (1997) investiga a recepção da mídia em Ganchos (atual Governador Celso Ramos, município próximo à Florianópolis), localidade conhecida nacionalmente como “a capital da Farra do Boi”. Mara LAGO (1983) estuda as transformações ocorridas em Canasvieiras, praia ao norte da ilha de Florianópolis, que de comunidade pesqueira passa a balneário. Fernando CARDOSO (1994), por sua vez, pesquisa as orientações sexuais entre a

¹ “What are the major contributions of maritime anthropology? Some anthropologists say there are none, and that such studies have nothing in common but water”. (ACHESON, *Anthropology of Fishing*, 1981, p. 275)

população masculina em Ganchos – em sua maioria pescadores ou ex-pescadores, mas a pesca apenas perpassa o trabalho, não é o foco principal.

Com a exceção de Cardoso, as demais autoras trabalham com grupos constituídos principalmente (mas não exclusivamente) por mulheres. Como veremos, as mulheres, em geral, não atuam aqui diretamente nas atividades pesqueiras nos barcos, mas podem pescar no mar de dentro (a Lagoa e o canal, onde realizam principalmente atividades de coleta de siri, mas também de camarão e, no passado, de berbigão) e podem exercer diversos trabalhos de apoio que são fundamentais para o sucesso da pesca, como, por exemplo, preparar os lanches de seus maridos, acompanhar as jornadas no mar pelo rádio PX, estocar o produto etc.

Para Acheson, a especificidade da pesca como campo de estudo antropológico consiste em duas das características mais marcantes desta atividade e do meio ambiente e social na qual ela se desenvolve: risco e incerteza. *“The primary contribution of the group of anthropologists studying fishing has been to produce a body of literature and set of concepts on the way people have solved the problems posed by earning a living in this uncertain and risky environment.”* (ACHESON, 1981, p. 277)

Os perigos da pesca residem nas variações constantes e irrefreáveis do tempo e do mar, bem como nos seres que habitam estas águas. Estes perigos podem causar prejuízos tanto financeiros - quando há falha mecânica ou perda dos equipamentos - quanto físicos - desde um mal estar (ocasionado pelo sol forte ou pelo balanço do mar, por exemplo) até acidentes mais graves, sendo que a possibilidade de morte não está ausente. O relevo do mar também pode ser perigoso quando não conhecido ou percebido.

Os seres do mar (águas-vivas, lulas gigantes e tubarões, em especial o anequim²), ademais de serem igualmente incontrolláveis – e a sua justa localização é sempre um problema na pesca, são citados como ameaças constantes, o que talvez explique o fato dos pescadores não terem por hábito tomar banhos de mar.

² Considerado o mais feroz dos tubarões, habita as águas brasileiras.

O perigo que o mar e seus seres representam para aqueles que nele se aventuram é um perigo real alimentado pelo imaginário. Atualmente, acostumados que estamos a freqüentar as praias, damos como natural o contato físico com a água, o prazer que o mar proporciona. Mas este é um prazer construído social e historicamente, e só recentemente (de 1750 pra cá) o mar é objeto de deleite, como mostra Alain Corbin: “A época clássica, com raras exceções, ignora o encanto das praias de mar, a emoção do banhista que enfrenta as ondas, os prazeres da vilegiatura marítima.” (CORBIN, 1989, p. 11) Antes do desenho deste “novo prazer” predominava o medo e a repulsa, alimentados pelo mistério que envolvia o oceano, este ambiente estranho aos seres humanos.

Sem precisar ir tão longe no tempo e no espaço, Carmen Rial observa que é somente a partir da década de 70 que as praias da ilha de Santa Catarina passam a ser procuradas por turistas/banhistas e que, até então, a praia era um local de passagem ou de trabalho, e não predominantemente de lazer (RIAL, 1988).

Para enfrentar os perigos do mar e a incerteza da atividade pesqueira – que fica à mercê dos ciclos sazonais das espécies, das variações dos preços no mercado e das ações dos outros pescadores que podem provocar a diminuição dos peixes e mesmo sua predação - os pescadores desenvolvem um conhecimento extraordinário sobre o meio ambiente, o tempo, as espécies e as técnicas adequadas de captura e navegação.

Este conhecimento é transmitido oralmente de geração a geração. Os meninos desde cedo são socializados nas atividades pesqueiras por seus pais, parentes ou amigos e com eles aprendem a conduzir bateiras, identificar os diferentes tipos de peixe, jogar tarrafá e todas as demais operações que podem ser realizadas em terra, na lagoa ou no canal, até que tenham crescido o suficiente para ir ao mar, embora em ocasiões especiais possam acompanhar os adultos em saídas não muito longas ao mar.

O conhecimento tradicional se mostra bastante eficaz e é, muitas vezes, acionado juntamente com o novo, o moderno, como no caso da previsão meteorológica, que conjuga observações do céu, da lua e dos ventos com informações vindas da imprensa (rádio ou TV) ou transmitidas por outros pescadores através do

aparelho de rádio dos barcos. Eu pude comprovar a eficácia deste saber durante uma jornada no mar a bordo do *Conquistador* e depois no dia seguinte, quando a previsão se confirmou. Ao ver no céu nuvens em forma de “crista de galo”, o proprietário do barco previu a mudança de tempo e a entrada de vento sul. Na tarde do dia seguinte, o tempo mudou e o vento sul entrou com toda a sua força, conforme o previsto. **[Foto 21, p. 38]**

O uso crescente de novas tecnologias na pesca não se opõe ao saber tradicional, mas o complementa. Estas tecnologias vão desde o uso de canos de PVC para escutar o “ronco da corvina” **[Foto 15, p. 34]** (que antes era escutado de forma precária deitando-se e colocando o ouvido no fundo do bote), até a utilização de sonar³ e bússola. O uso do sonar não exclui uma das habilidades mais preciosas do pescador: a visão treinada. Como este equipamento não detecta o tipo e o tamanho do peixe que passa pelo sensor e como para cada tipo de peixe há um tipo de rede, é preciso ver o peixe, saber reconhecê-lo na água através da mudança de coloração e de textura. **[Foto 7, p. 10]**

Conforme apontou Simone Maldonado, este movimento crescente de modernização da pesca artesanal não descaracteriza os pescadores como “artesanais”, uma vez que a informalidade das relações e os conhecimentos tradicionais são mantidos, ao contrário da pesca industrial, onde há relações patronais formalizadas e o saber tradicional é pouco acionado :

“Em grande parte dos litorais a pesca simples se vê confrontada e termina por articular-se à industrialização da pesca com elementos de modernização que nem sempre implicam em mudanças estruturalmente tão profundas quanto as que acarreta a entrada das relações capitalistas de produção na pesca. Assim é que os pescadores escandinavos, canadenses, portugueses, contam com frotas motorizadas e botes grandes e equipados eletronicamente, inclusive para fins de comunicação, atualizando a pesca, sem no entanto desfazer-se o seu caráter familiar e sem abandonar formas tradicionais de relacionar-se nos botes e no mar.” (MALDONADO, 1994, p. 26)

Além do conhecimento do meio, o pescador desenvolve uma série de estratégias para minimizar o risco e a incerteza inerentes à pesca. Uma destas estratégias é o sistema de divisão do resultado da pescaria em partes (*the shares*

system), fenômeno que já foi observado em diferentes locais do mundo. Embora o modo de repartir as partes possa variar bastante de lugar para lugar, esta tem sido a forma de remuneração mais usual na pesca artesanal. Este sistema é, com efeito, um dos fatores que distingue esta modalidade de pesca (artesanal) de sua concorrente, a pesca industrial, onde os trabalhadores recebem salários e não partes.³

O sistema de partes “*effectively increases the motivation of the crew by making them partners in the enterprise, and reduces the risk for boat owners by ensuring that they will not have to pay fixed wages if catches are poor.*” (ACHESON, 1981, p. 278)

No bote onde realizei meu trabalho de campo, o Conquistador III, a divisão das partes é feita da seguinte forma: excetuando-se o gasto com o combustível (que é comprado à prazo no único posto capacitado para atender barcos na região da Lagoa da Conceição), o bote fica com metade do valor obtido com a venda do produto e a outra metade é dividida em partes iguais entre a tripulação. No mês de março, por exemplo, quando a pescaria foi fraca, o barco ficou com 800 reais (dinheiro que Andrino divide com o sócio), e cada um dos quatro tripulantes do Conquistador (Célio, Soldado e Valdori, incluindo Andrino, que trabalha no bote) recebeu 200 reais, totalizando 1600 reais.

Na pescaria de lula a divisão é diferente: barco e tripulantes dividem igualmente os rendimentos recebidos com a venda do molusco. A lula é pescada uma a uma com um aparelho chamado de *zangarelho* (um tipo de anzol com vários ganchos) atado a uma linha de náilon que é arremessada na água. Pode-se usar iscas nas farpas do zangarelho, mas esta estratégia costuma ser desnecessária quando é época de lula e se atingem os cardumes, pois, como me explicou Marciel, um jovem pescador, a lula vê o branco do náilon e o prateado do anzol e pensa que é uma manjuvinha, um pequeno peixe do qual ela se alimenta. Como esta é uma pescaria de linha, com menos custos para o barco que não precisa gastar com a aquisição e manutenção de redes, aparelhos em geral bastante dispendiosos, o bote recebe o mesmo que cada tripulante, ao invés de metade do produto final, como ocorre nos outros tipos de pesca que

³ Aparelho utilizado para detectar os cardumes e para determinar a profundidade e o relevo do mar.

utilizam redes. Também se captura lula com tarrafa, mas, segundo Marciel, é raro haver condições propícias para poder se usar este apetrecho. A tarrafa possibilita capturar muitas lulas ao mesmo tempo, mas a água tem de estar parada, a lula tem de estar “juntinha”, “boiada” e não pode ter peixe-espada por perto, do contrário a espada espanta a lula. Assim, a tarrafa só é utilizada de noite - quando a luz que o barco projeta na água com uma lâmpada faz o molusco se aproximar da superfície – e quando tem muita lula.

Além de receber a sua parte na divisão, o dono do barco que trabalha na embarcação pode vender peixe para os compradores particulares. Estes compradores ficam à espera dos botes no grande trapiche situado na entrada da Barra ou junto aos ranchos e trapiches dos pescadores. Aqui não se verificou a necessidade de exclusividade na entrega do peixe para a empresa compradora. Os funcionários da Pioneira, por exemplo, permitem que os pescadores utilizem suas balanças para pesar os peixes vendidos aos compradores particulares. Em outros locais o pescador deve entregar todo o peixe ao comprador (no Farol de Santa Marta, por exemplo, há alguns anos tive de comprar peixe “escondida”).

No tipo de pescaria pesquisada aqui na Barra da Lagoa (a pesca no mar de fora em botes), embora certas especialidades possam causar prestígio junto ao grupo, não aparece a valorização de “especialistas” na divisão das partes, fenômeno observado por Kant de Lima no seu estudo realizado com pescadores do litoral carioca: “As diferenças de remuneração dependem não só do cargo que o companheiro ocupa, como ainda de suas qualificações e habilidades.” (KANT DE LIMA, 1997, p. 216) Trata-se, neste caso, de outro tipo de pescaria, a pescaria de arrasto, realizada na praia e com funções bem definidas na atividade produtiva:

“A equipe de trabalho que atua nas pescarias de arrasto de Itaipu se autodenomina ‘companha’, e seus membros são chamados de ‘companheiros’. [...]

A companha, enquanto equipe de produção, se estrutura em função de papéis hierarquizados, a que são atribuídos funções na atividade produtiva.

No verão, a companha se estrutura idealmente com seis membros, a saber: um mestre, quatro companheiros de remo e um ponta-de-cabo. [...]

No inverno, a esses papéis são acrescentados mais dois: o de ‘contra-mestre’, ou ‘mestre de rede’ [...] e o ‘vigia’”. (KANT DE LIMA, 1997, p. 164-166)

Estes diferentes papéis desempenhados no processo de captura do peixe implicarão na obtenção de diferentes percentuais na divisão das partes: 30% para o barco, 10% para um companheiro de remo, 12 a 15% para o mestre e o vigia, 5 a 8% para um ponta-de-cabo, 10 a 12% para o contramestre (KANT DE LIMA, 1997, p. 216).

Na Barra da Lagoa estas categorias – mestre, vigia, contramestre, etc. – não se manifestam na pesca no mar de fora, embora se saiba que alguns pescadores têm certas “qualificações” que são motivo de respeito e admiração pelo grupo⁴. No mar de fora, um dos tripulantes é o *encarregado* do barco, podendo ser o dono ou não, e os demais são “tripulantes”, podendo exercer todas as funções, embora, como pude observar, existam alguns papéis fixos. No Conquistador há uma divisão do trabalho com relação à força necessária para exercê-lo. Alguns pescadores, por exemplo, trabalham na parte da rede em que fica o chumbo enquanto outros ficam na cortiça, a parte menos pesada da rede. Mas nem por isso as categorias “chumbeiro” ou “corticeiro” são utilizadas e, na hora da divisão das partes, todos recebem o mesmo quinhão. **[Foto 2, p. 5; 16, p.35]**

Aqui o trabalho parece ser mais uno e menos especializado do que na pescaria de arrasto descrita por Kant de Lima, mas vale igualmente a observação feita por este autor de que a “partilha não é considerada pelos companheiros como salário nem como comissão, mas como participação no produto conseguido” (KANT DE LIMA, 1997, p. 216). Este sistema, que torna cada pescador um “co-empresendedor”, é coerente com outro fenômeno recorrente na pesca – o *igualitarismo* (ACHESON, 1981, p. 279).

A igualdade de condições entre pescadores freqüentemente aparece no discurso e nas atitudes destes e coexiste com a diferença hierárquica. A necessidade de orquestrar as atividades e tomar decisões rápidas exige a presença de um líder a bordo do barco (papel que é representado pelo mestre e, aqui, pelo *encarregado*), mas em muitos casos esta autoridade é pouco exercida (ACHESON, 1981, p. 278): “The ideal

⁴ Um dos pescadores do Conquistador, por exemplo, deixou o trabalho no bote durante o verão para pilotar um barco de passeio da Barra até a ilha do Campeche (ilhota próxima da Ilha de Florianópolis, bastante visitada pelos turistas no verão). Ele é mestre, isto é, possui habilitação na Capitania dos Portos para pilotar embarcações motorizadas. Ele deve receber 700 reais por mês para pilotar o barco.

skipper-crew relationship is one where crewmen remarked of the skipper that ‘he’s so quiet, you hardly know the man is up there’ [in the wheelhouse] or ‘he hardly says a word,’ and orders rarely have to be given” (ANDERSEN⁵, apud ACHESON, 1981, p. 278-279).

Este ideal de liderança também foi observado em meu trabalho de campo. Transcrevo um trecho do diário onde esta questão aparece no discurso de meu informante:

Quinta, 3 de maio.

[...] Na volta fiquei na popa com Andrino, que conduzia o barco, e conversamos sobre diversos assuntos. [...] Valdori foi limpar os cações. Andrino então comentou que Valdori sabia o que tinha que fazer, que ele nunca precisava mandá-lo. Ele disse que Valdori já tinha trabalhado de “encarregado” de embarcação, então ele sabia o que tinha de ser feito e fazia. Andrino parecia respeitar Valdori por isso. [...] O cação é pesado já limpo, sem o fígado e a cabeça, o que não ocorre com os outros peixes.

Andrino contou que com 17 anos ele trabalhou embarcado para a Pioneira. Ele chegou a ir para “o Rio Grande”, mas logo foi chamado pela Marinha para servir, então teve de largar o trabalho com a Pioneira. Andrino disse que na época chegou a ganhar o equivalente a uns 10 mil reais (hoje) em um mês (com a anchova, se não me falha a memória). Lembrei da tese do Fernando Cardoso [⁶] e disse: “E tu gastou tudo”. Ele riu e disse que sim, que na época “fazia muita putaria”.

Andrino contou que tinha um mestre muito legal, que só mandava fazer alguma coisa quando ele próprio não podia fazer, do contrário ia lá e fazia, não ficava mandando. Andrino disse que assim aprendeu a fazer as coisas sem esperar ser mandado. Ele contou que quando teve de sair [p/ servir], o mestre falou que sempre haveria lugar para Andrino, que ele podia levar a mochila que teria trabalho para ele. Andrino disse que era “responsável pra caramba”.

Em diversas ocasiões observei Andrino pedindo sugestões aos demais tripulantes (como proceder, em que lugar largar a rede, se deveria insistir na pescaria ou voltar para a casa, etc.) e realizando todo o tipo de tarefa (ao invés de ordenar que outro a executasse). Por outro lado, o encarregado do bote espera que seus tripulantes cooperem de forma voluntária no cumprimento das rotinas pesqueiras. O sistema de partes contribui para criar este ambiente harmônico, pois o esforço de cada um produz um resultado do qual todos se beneficiarão.

⁵ ANDERSEN, R. Hunt and conceal: information management in Newfoundland deep-sea trawler fishing. **Secrecy**. TEFFT, S. K. (ed.) New York: Hum. Sci. Press, 1980, pp. 28-205.

⁶ Em sua dissertação de mestrado, Cardoso apresenta depoimentos colhidos entre pescadores do litoral catarinense sobre suas práticas sexuais onde aparece, relacionados à vida de solteiro do indivíduo, um universo dispendioso de festas, ao passo que a vida de casado está relacionada à economia. Cf. CARDOSO (1994).

Outros pesquisadores também observaram a recorrência deste fenômeno. A expressão de que pescador “é tudo igual” foi registrada em diversos momentos por Simone Maldonado em sua pesquisa de campo com “pescadores simples” do litoral da Paraíba. Esta autora considera a “ética igualitária” como um “traço que perpassa o trabalho no mar e a vida social em terra” (MALDONADO, 1994, p. 45). Assim, “o *ethos* da igualdade seria um elemento nivelador de diferenças e conferiria solidez às prestações, na ausência de obrigações contratuais e de apropriação formal ou contínua do mar. E não só isso, igualmente inspira retóricas de igualdade e de fraternidade que se desenvolvem perante a imensidão do mar e diante do perigo constante do afastamento da terra.” (MALDONADO, 1994, p. 47)

Já Luiz Fernando Dias Duarte, em sua pesquisa realizada no litoral fluminense, em Jurujuba, Niterói, observa que a própria categoria nativa - “companha” - sugere “o espírito que se supõe dever presidir à relação entre os *companheiros*: o de um verdadeiro ‘companheirismo’, como fraternidade entre iguais engajados em um projeto comum de reprodução social através do trabalho na *pesca*”. (DUARTE, 1999, p. 34)

Para Kant de Lima, o mar “separa e hierarquiza” através de papéis bem definidos na execução do trabalho da canoa (mestre, companheiro de remo, etc.). É a praia o espaço que “aglutina e iguala” os pescadores, em especial nos “rituais em que a comensalidade reafirma a coesão e a igualdade da ‘companha’” (KANT DE LIMA, 1997, p. 248). Este autor observa que nestas festas é freqüente a ocorrência de “discussões e brigas a socos”, fenômeno interpretado por ele como “afirmação da igualdade entre os pescadores, divididos tecnicamente pela hierarquia da companha e economicamente pela propriedade dos instrumentos de produção” (KANT DE LIMA, 1997, p. 249).

Embora tenha-se privilegiado o espaço do bote na pesquisa, não tomei conhecimento da ocorrência freqüente de brigas entre pescadores nas festas da Barra da Lagoa. Nas ocasiões em que fui a um bar freqüentado pelos meus principais informantes, constatei que o clima era amistoso e de harmonia. No jogo do dominó o igualitarismo parece se manifestar: joga-se em dupla, quem perde paga a lisa e depois

todos repartem a carne. Como quem joga com frequência acaba sofrendo alguma lisa, e todos jogam amiúde, pode-se dizer que “a carne das lisas” funciona como no sistema de partes – todos contribuem para o resultado final que é depois dividido. Diversos são os relatos de rituais de comensalidade entre os pescadores, em especial de carnes assadas com “geladas”, como é o caso da carne das lisas.

O fenômeno observado aqui que me parece estar mais próximo das “brigas” descritas por Kant de Lima (que teriam a função de afirmar a igualdade entre os pescadores) é a jocosidade, as constantes brincadeiras entre os tripulantes de um mesmo bote e entre pescadores de diferentes botes no momento em que se cruzam no mar ou no canal. Todos podem ser sujeitos/alvos de gozações. O humor no bote pode ser interpretado também como uma forma de descontrair a constante tensão provocada pelo afastamento da terra, uma resposta lúdica dos pescadores aos perigos que a pesca envolve.

Assim como a “ética igualitarista” e o sistema de partes, o emprego de parentes na organização das tripulações também é um aspecto da pesca artesanal que tem sido observado em diversas partes do mundo e que pode ser interpretado como uma resposta ao risco, contribuindo para reforçar a coesão e estabelecer a identidade do grupo.

Para Maldonado, “o parentesco minimizaria também os *riscos* de conflitos e de brigas interpessoais facilitando os pactos e informando afetivamente as tomadas de decisão.” (MALDONADO, 1994, p. 56) Mas para Acheson o papel do parentesco nas sociedades pesqueiras ainda não foi completamente esclarecido⁷. Em geral, observa-se grande variedade no recrutamento da tripulação, que pode conter tanto parentes como não parentes. No *Conquistador*, dos quatro tripulantes fixos, três pescadores são parentes (cunhados), incluindo o proprietário. Eu comentei que aqui todo mundo era “meio parente” quando soube que Andrino e Valdori eram cunhados. Andrino me corrigiu: “Meio parente não, se tu tirar o pessoal de fora, a Barra é uma grande família”.

⁷ “What is the role of kinship in fishing societies? The flexibility of kinship ties has been noted repeatedly, but there have been very few studies of the wide variety of kinship systems found in fishing societies worldwide.”(ACHESON, 1981, p. 307)

Se os pescadores nem sempre admitem os perigos que a pesca envolve, podendo inclusive negá-los explicitamente em alguns momentos e assumi-los em outros, a incerteza desta atividade é facilmente reconhecida por eles.

“A pesca é muito insegura; não se sabe o que vai dar”, foi o que escutei de Luciano, um jovem pescador, quando em uma conversa informal o indaguei sobre o destino dos diferentes barcos em que eu o havia visto em um curto período de tempo. Segundo ele, devido à incerteza da pesca, “não dá mais para pescar com muita gente”. Como ex-encarregado de dois botes, este pescador dizia se sentir responsável pela remuneração de sua tripulação, e, como é mais difícil atingir um resultado satisfatório tendo de dividi-lo entre um maior número de pessoas, ele planejava comprar um barco pequeno para pescar camarão, onde é possível trabalhar a dois.

Mas a incerteza da pesca também pode ser positiva. O fato de que “não se sabe o que vai dar” é, simultaneamente, um problema e um estímulo para o pescador. Eu pude acompanhar a enorme oscilação da quantidade de espécies capturadas. Assim como pode-se não capturar nada em uma jornada, pode-se também realizar um grande lance. Ou, como relatei no diário de bordo, pode-se capturar uma espécie não esperada. Acredito que a alegria dos pescadores ao apreender o pampo ainda vivo na rede de corvina está relacionada com o caráter positivo que a incerteza pode adquirir.

[Foto 12, p. 27]

Durante minha pesquisa de campo, quando uma forte ressaca atingiu o litoral catarinense, perguntei a Andrino se não havia perigo em sair lá pra fora. Ele respondeu que a saída dos molhes da Barra era perigosa, “que podiam se estrear ali”, mas que lá fora não tinha perigo. Grandes ondas quebravam ao lado do farol direito da Barra, dificultando a entrada e a saída de barcos no canal. O local ficou repleto de surfistas. **[Foto 42, p. 121]** Em outra ocasião, o mesmo informante me contou que já tinha perdido “um bocado de amigos” no mar.

Maldonado também observou esta ambigüidade com relação ao risco no discurso de seus informantes. Para esta autora, os pescadores “assumem a existência do risco, mesmo que para minimizá-lo” (MALDONADO, p. 58).



Foto 42: Com mar geralmente calmo, a Barra da Lagoa recebe um grande número de surfistas quando tem ressaca no mar. Os pescadores correm risco na entrada e saída do canal e reclamam da presença dos surfistas.
(Maio de 2001.)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei aqui testar a pertinência da utilização da fotografia na pesquisa antropológica a partir de um trabalho *com* um grupo de pescadores artesanais da Barra da Lagoa. Como observou Susana SELL¹ (2001), há muito se discute a utilização de imagens na pesquisa antropológica só com palavras. A intenção neste trabalho foi privilegiar a imagem fotográfica, geralmente relegada aos anexos ou à mera ilustração sem conexão com o texto. Assim, a fotografia ascendeu ao texto final, pretendendo ser ela mesma um certo *texto*, distinto do texto lingüístico por certo, mas com amplo poder comunicativo, não só com o leitor e a leitora deste trabalho mas principalmente com o Outro que ela retrata. Como procurei argumentar, a fotografia nos permite acessar o Outro, diferentemente do espelho que nos proporciona a percepção do “eu”.

Desde o início deste trabalho a fotografia esteve presente nos contatos com os pescadores, mediando a relação, razão pela qual ela é considerada aqui como um *método* mais do que um *instrumento* de pesquisa. Como estratégia de aproximação e inserção junto ao grupo, a fotografia se mostrou eficiente. A forma como a pesquisa foi conduzida – procurando respeitar o ritmo dos informantes e sua relação com as imagens – e o fato, confirmado pela fotografia, da atividade pesqueira ser valorizada pelo grupo contribuíram para que o trabalho pudesse ser executado mesmo por uma pesquisadora do sexo feminino. Como foi observado, as mulheres nativas não trabalham nos botes de pesca, embora transitem nos barcos pelo mar de dentro e pelo canal, especialmente nas festas religiosas relacionadas à pesca e à navegação.

A partir de uma simbiose com o grupo, procurei estabelecer uma relação dialógica, seguindo a proposta de Jean Rouch de uma Antropologia Compartilhada. Assim, as sugestões de fotografias eram aceitas e o resultado fotográfico da pesquisa partilhado através do *feedback*.

O *feedback* serviu não só para estreitar a relação com os informantes mas também foi uma oportunidade destes se expressarem livremente sobre as imagens produzidas ou sobre qualquer outro assunto que desejassem, uma vez que a conversa

¹ Comunicação pessoal. IV RAM. Curitiba/PR.

não era dirigida. Muitas das reflexões apresentadas aqui tiveram seu ponto de partida no *feedback*, como a consideração de que a visão treinada, assim como na construção fotográfica, é fundamental na pesca artesanal, complementando ou mesmo sobrepondo-se aos recursos tecnológicos. Os depoimentos dos informantes reforçaram a análise das imagens, servindo muitas vezes para corroborar as interpretações.

A hipótese de que a pesca ultrapassa a dimensão econômica na Barra da Lagoa foi confirmada através das imagens valorizadas pelo grupo, e pela atitude dos pescadores frente à máquina fotográfica.

Por fim, verificou-se também aqui que a noção de risco e incerteza proposta por ACHESON (1981) é fundamental para a compreensão dos fenômenos da pesca artesanal, aparecendo inclusive no discurso dos informantes.

REFERÊNCIAS

- ACHESON, J. Anthropology of fishing. **Annual Review of Anthropology**. Palo Alto, 1981. Pp. 275-316.
- ACHUTTI, L. E. R. A fotografia no jornal e no museu: a construção de uma estética. ____ (org.). **Ensaio sobre o Fotográfico**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.
- ____. **Fotoetnografia: um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre: Tomo Editorial; Palmarinca, 1997.
- ALMEIDA, M. V. do. Na companhia dos homens: sociabilidades masculinas. ____ . **Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim de Século, 1995. Pp. 181-210.
- AUMONT, J. **A Imagem**. Campinas: Papyrus, 1993.
- AZZAN JR., C. **Antropologia e Interpretação**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.
- BARTHES, R. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BECKER, H. S. Explorando a Sociedade Fotograficamente. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 1996. N° 2, pp. 95-97.
- ____. Balinese Character: uma análise fotográfica. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 1996. N° 2, pp 137-144.
- CARDOSO, L. F. **Orientação sexual masculina numa comunidade pesqueira**. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 1994. [Dissertação de mestrado.]
- CARMAN, M. La fotografía en el Trabajo Etnográfico. **Ciudad Virtual de Antropología y Arqueología**. www.naya.org.ar. 2000.
- CARTIER-BRESSON, H. [Documentário] MOON, S. **Point d'interrogacion**. Paris, 1994.
- CLIFFORD, J.; MARCUS, G. E. **Retóricas de la Antropología**. Madrid: Júcar, 1991.
- COLLIER Jr., J. **Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: EDUSP, 1973.
- COLLOMB, G. Imagens do outro, imagem de si. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro, 6 (1): pp. 65-80, 1998.

CORBIN, A. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. O segredo do indivíduo. **História da Vida Privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. Vol. 4, pp. 419-502.

CUNHA, L. H. de O. **Entre o mar e a terra: tempo e espaço na pesca em Barra da Lagoa**. São Paulo: PUC, 1987. [Dissertação de Mestrado.]

DARBON, S. O etnólogo e suas imagens. SAMAIN, E. (org.) **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec/CNPq, 1998. Pp. 101-112.

DIEGUES, A. C. S. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.

DUARTE, L. F. D. **As redes do suor: a reprodução social dos trabalhadores da pesca em Jurujuba**. Niterói: EDUFF, 1999.

DUBOIS, P. **O Ato Fotográfico**. Campinas: Papyrus, 1994.

ECO, U. Sobre os espelhos. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. 1989.

EDWARDS, E. Antropologia e Fotografia. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 1996. N° 2, pp. 11-28.

FELIZARDO, L. C. A técnica como sintaxe da imagem. _____. **O Relógio de Ver**. Porto Alegre: Gabinete de Fotografia: PMPA/FUMPROARTE, 2000.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI**. Lexicon Informática; Ed. Nova Fronteira, 1999.

FOOT-WHITE, W. Treinando a observação participante. ZALUAR, A. (org.) **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. Pp. 77-86.

GASPAR, M. D. **A pesca tradicional, a coleta de moluscos e os construtores de sambaquis de Laguna, Santa Catarina**. 2000. [No prelo.]

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. **O saber local**. Petrópolis: Vozes, 1999.

GERBER, R. M. **Estranhos e Estrangeiros: a mídia em Ganchos/Ganchos na mídia**. Florianópolis: UFSC, 1997. [Dissertação de Mestrado.]

GURAN, M. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro, 10 (1): pp. 155-165, 2000.

GURAN, M. [Entrevista.] **Horizontes Antropológicos - Antropologia Visual**. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 1995. Pp. 159-166.

_____. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

JEHEL, P-J. Fotografia e antropologia na França no século XIX. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro, 6 (1): pp. 123-137, 1998.

KANT DE LIMA, R. **Pescadores de Itaipu: meio ambiente, conflito e ritual no litoral do Estado do Rio de Janeiro**. Niterói: EDUFF, 1997.

KOSSOY, B. **Hercules Florence - 1833: a descoberta isolada da Fotografia no Brasil**. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

LAGO, M. C. de S. **Memória de uma comunidade que se transforma: de localidade agrícola-pesqueira a balneário**. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 1983. [Dissertação de Mestrado.]

_____. **Modos de vida e identidade**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

LEAL, A. M. **Dicionário de termos náuticos, marítimos e portuários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

MACHADO, A. As imagens técnicas: da fotografia à síntese numérica. _____. **Pré-cinemas & pós-cinemas**. Campinas: Papyrus, 1997. Pp. 220-234.

_____. **A Ilusão Especular**. São Paulo: Brasiliense/Funarte, 1984.

MALDONADO, S. **Mestres e Mares: espaço e indivisão na pesca marítima**. São Paulo: AnnaBlumen, 1994.

_____. **Pescadores do Mar**. São Paulo: Ática, 1986.

MALUF, S. **Encontros Noturnos - bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

MAUSS, M. Morfologia Social. _____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. V. 2, p. 238-326.

_____. As técnicas corporais. _____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974. V. 2, p. 209-233.

- MONFORTE, L. G. **Fotografia pensante**. São Paulo: Ed. SENAC, 1997.
- PAUL-LÉVY, F. ; SEGAUD, M. **Anthropologie de l'espace**. Paris: Centre Georges-Pompidou/CCI., 1983.
- PEIXOTO, C. O jogo dos espelhos e das identidades: as observações comparada e compartilhada. **Horizontes Antropológicos - Antropologia Visual**. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 1995. Pp. 69- 84.
- PIAULT, C. Projeto cinematográfico e método lingüístico em antropologia social. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 1996. N° 3, pp. 57-68.
- PIAULT, M. H. Espaço de uma antropologia audiovisual. ECKERT, C.; MONTMÓR, P. (org.). **Imagem em Foco: novas perspectivas em Antropologia**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1999. Cf. p. 27.
- PINNEY, C. A história paralela da Antropologia e da Fotografia. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 1996. N° 2, pp. 29-52.
- PONTIERI, R. L. Visões da alteridade: Clarice Lispector e Maurice Merleau-Ponty. **Revista da USP**. São Paulo, n° 44, 1999-2000. Pp. 330-334.
- RIAL, C. S. M. Contatos Fotográficos: nativos, antropólogos, jornalistas e turistas. Diferentes linguagens fotográficas? KOURY, M. G. P. (org.) **Imagens & Ciências Sociais**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1998. Pp. 203-223.
- _____. **Mar-de-dentro: as transformações do espaço social na Lagoa da Conceição**. Porto Alegre: UFRGS, 1988. [Dissertação de Mestrado.]
- ROUCH, J. [Entrevista.] MACDONALD, K.; COUSINS, M. **Imagining Reality**. London: Faber and Faber, 1998. Pp. 264-270.
- SAMAIN, E. No fundo dos olhos: os futuros visuais da antropologia. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro, 6 (1): pp. 141-158, 1998a.
- _____. Um retorno à “Câmara Clara”. Roland Barthes e a antropologia visual. _____. (org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec/CNPq, 1998b. Pp. 121-134.
- _____. “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. **Horizontes Antropológicos - Antropologia Visual**. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 1995. Pp. 19-48.
- SALGADO, S. [Entrevista.] **Programa Roda Viva**. São Paulo: TV Cultura, 2000.

SCHMITT, F. B. **Fotografia: do analógico ao digital**. Porto Alegre: PUC, 1999. [Dissertação de Mestrado.]

SOUZA, J. P. **Uma história crítica do fotojornalismo Ocidental**. Chapecó: Grifos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

TRAVASSOS, S. D. Fotografia e construção etnográfica. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 1996. N° 3, pp. 99-106.

VASQUEZ, P. Olha o passarinho! Uma pequena história do retrato. ____ . **Fotografia: Reflexos e Reflexões**. Porto Alegre: L&PM, 1986. Pp. 9-26.

ZARUR, G. de C. L. **Os pescadores do Golfo: Antropologia Econômica de uma Comunidade Norte-Americana**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

ZONABEND, F. Une perspective infinie - la mer, le rivage et la terre à La Hague (presqu'île du Contentin). **Etudes Rurales**, n° 93-94. Paris, 1984.

